

Objetos da Cultura  
Material Escolar

memórias, identidades  
e pertencimentos

Organização:

Ana Maria Senac Figueroa  
Anderson Dantas da S. Brito



Editora Biblioteca Ocidente  
LIBRUM LUX MUNDI

Ana Maria Senac Figueroa • Anderson Dantas da S. Brito

Organização

# **Objetos da Cultura Material Escolar: memórias, identidades e pertencimentos**



Editora Biblioteca Ocidente

2024

Copyright © 2024 by Ana Maria Senac Figueroa  
Copyright © 2024 by Anderson Dantas da S. Brito

Direitos reservados a:

Editora Biblioteca Ocidente  
Av. Parque das Lagoas, 195  
Parnamirim, RN, CEP 59154-325

Título original em língua portuguesa: *Objetos da Cultura Material Escolar: memórias, identidades e pertencimentos*

Capa e editoração: Gabriel Araújo

Editor: Francisco Isaac Dantas de Oliveira

Comité editorial da Editora Biblioteca Ocidente: Adriano Cruz (UFRN), Bruno Balbino Aires da Costa (IFRN), Francisco Isaac D. de Oliveira (CERES/UFRN), Joaquim Pinheiro de Araújo (UFERSA), Juliana Bulhões Alberto Dantas (UERN), Maria Aparecida Ramos da Silva (UFRN), Mariza Silva de Araújo (IFESP), Roberto Airon Silva (UFRN), Sheila Mendes Accioly (UFPA) e Thiago do Nascimento Torres de Paula (FAPERN).

Imagem da folha de rosto: detalhe de *Colored chalks*. Fotografia de Noj Han.

Disponível em <https://flic.kr/p/6aES4F>. Licenciada sob os termos da CC BY 2.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/2.0/>)

Tipografia: Cormorant, Barlow

Para obter o e-book, acesse [www.revistagalo.com.br](http://www.revistagalo.com.br) e faça o *download* gratuitamente.

Visite nossas redes sociais:

@editorabocidente e @revistagalo no instagram, e;  
@revistagalo.com.br no bluesky.

---

Dados da catalogação de publicação da Biblioteca Ocidente, RN, Brasil

A5320

Objetos da Cultura Material Escolar: memórias, identidades e pertencimentos. /  
Organização de Ana Maria Senac Figueroa, Anderson Dantas da S. Brito. —  
Parnamirim, RN: Editora Biblioteca Ocidente, 2024.

Dados eletrônicos (1 ed. — PDF : 151 f. : il.)

ISBN: 978-65-01-26346-5      DOI: 10.53919/ebo18

1. Educação. 2. Ensino de História. 3. Pedagogia. I. Figueroa, Ana Maria Senac.  
II. Oliveira, Isaac D. de. III. Título.

CDD: 370.115

---

Índice para catálogo sistêmico

1. Educação :	370
2. Práticas pedagógicas :	371
3. Teoria e métodos de ensino :	371.102

Bibliotecária: Adriana de L. Teixeira    CRB 15/0550

# SUMÁRIO

Apresentação	5
Prefácio	6
<i>Danielle Lima Almeida</i>	
<b>Capítulo 1</b> O comprovante de matrícula escolar e a escrita do eu . . . . .	10
<i>Lucileide Barbosa Dantas Moreira</i>	
<b>Capítulo 2</b> Uniforme escolar “sagrado” e memorizado no “museu” de minha existência . . . . .	25
<i>Eunícia Almeida de Souza</i>	
<b>Capítulo 3</b> Meu caderno brochura... Minha história, minha vida! . . . . .	39
<i>Gilsinei de Jesus Pereira</i>	
<b>Capítulo 4</b> Caderno de caligrafia: memória afetiva, resgate e contextualização . . . . .	53
<i>Douglas Novais da Silva</i>	
<b>Capítulo 5</b> O caderno de caligrafia: memórias de uma escola rural . . . . .	65
<i>Uires Augusto Gonçalves de Carvalho</i>	
<b>Capítulo 6</b> Entre lápis e memórias: o olhar de um estudante . . . . .	78
<i>Acácia Roberta Silva de Lima</i>	
<b>Capítulo 7</b> Minha história com a matemática, mediada pelas memórias com a tabuada . . . . .	89

## SUMÁRIO

*João Caetano de Souza*

**Capítulo 8** As lembranças, os cheiros e as memórias no museu escolar: o que podemos aprender com o mimeógrafo . 100

*Deijanete Pereira da Silveira Santos*

**Capítulo 9** Reflexos negativos do uso do mimeógrafo em aulas de história de uma escola pública . . . . . 117

*Josiane Alves Ferreira*

**Capítulo 10** Histórias e memórias escolares do tempo da palmatória . . . . . 132

Sobre os organizadores e autores 148

# APRESENTAÇÃO

Esta obra intitulada “Objetos da Cultura Material Escolar: memórias, identidades e pertencimentos” é composta por 10 (dez) capítulos, oriundos do componente curricular optativo “Educação em Museus: pesquisas e práticas”, ministrado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE/UFOB). Os capítulos têm autorias de estudantes regulares e estudantes especiais do mestrado, compondo assim a oferta do referido componente no ano de 2022 através da linha de pesquisa Ensino, Memória e Identidade. Este resultado coletivo e composto pelas memórias dos autores, tem a nossa orientação e organização enquanto docentes que acreditam na produção de um conhecimento em que Ensino e Pesquisa, gradualmente e permanentemente se encontram em memórias, identidades e pertencimentos que ganharam visibilidade através de objetos da Cultura Material Escolar. Assim, desejamos boas leituras e reencontros com as suas memórias.

Profa. Ana Maria Senac Figueroa  
Prof. Anderson Dantas da Silva Brito  
*Organizadores*

# EXISTEM MEMÓRIAS SOBRE OBJETOS DA CULTURA MATERIAL ESCOLAR?!

Anderson Dantas da Silva Brito  
Universidade Federal do Oeste da Bahia

A partir da pergunta motivadora utilizada para fiar a condução inaugural da epistemologia desta obra coletiva e intitulada “Objetos da Cultura Material Escolar: memórias, identidades e pertencimentos”, podemos dizer que a resposta é uma unanimidade para os sujeitos que frequentam ou frequentaram a realidade escolar tendo em vista a relevância que pelos menos algum objeto pessoal e/ou do âmbito educacional/institucional em cada contexto da sua cultura material, adquiriu em significâncias, identidades e pertencimentos com presença nas memórias de quem hoje é docente em seus lugares de fala de quando eram estudantes da Educação Básica.

Dessa maneira, se pensarmos uma instituição escolar como uma metáfora de uma espécie de “museu imaginário da educação” em que passado e presente se encontram, devemos sempre “[...] levar em conta o contexto do objeto, não somente os aspectos relacionados à circulação mas também aqueles pertinentes à recepção e aos usos” (Souza, 2007, p. 167). Tal realidade múltipla é uma característica da diversidade condizente ao universo escolar que proporciona a existência de tantas memórias individuais e coletivas, entre condições adversas e possíveis quanto à vida dos sujeitos e as realidades educacionais de um país tão desigual e carente de mais avanços e investimentos na sua educação pública.

## PREFÁCIO

Ainda na composição desta obra, percebemos as relações de identidades e pertencimentos dos sujeitos autores com os seus lugares espaciais de existência, sobretudo, nas diversidades e dualidades campo/cidade, centro/periferia em alguns municípios do interior da Bahia. Assim, entre boas e tristes lembranças, existem igualmente, memórias permeadas por denúncias de descaso com a educação e práticas educacionais rígidas no tratamento interpessoal, além de realidades de dificuldades e poucas condições para um investimento na cultura material escolar.

Por toda essa multiplicidade de contextos, concordamos com a professora Rosa Fátima de Souza quando caracteriza entre temporalidades e significados, a composição material da educação escolar:

Do surgimento da lousa no século XVIII ao uso do computador no final do século XX, dos bancos às carteiras individuais, da instalação dos primeiros museus e laboratórios nas escolas primárias no século XIX às diferentes proposições de salas ambiente no decorrer do século XX, a composição material da educação escolar evidencia a incessante busca pela racionalização da escola como organização e as tentativas de tomar o ensino mais produtivo e eficiente, as aulas mais motivadoras, a educação mais moderna (Souza, 2007, p. 165).

Nessa perspectiva, tempos, espaços e objetos da Cultura Material Escolar, serão agora protagonizados por 10 (dez) memórias/capítulos que compõem uma trilha sequenciada e articulada, apesar das particularidades:

Antes de começar o ano letivo escolar, as matrículas são efetuadas com uma certa antecedência e há na maior parte das vezes, um registro comprobatório daquele ato, correspondendo à emissão de um comprovante. Assim, o comprovante de matrícula é o objeto que compõe a memória do primeiro capítulo desta obra, sendo registrada por Danielle Lima Almeida.



## PREFÁCIO

Com a matrícula realizada, geralmente os responsáveis pelos estudantes, começam a procura por um uniforme escolar. Esta vestimenta específica que também faz parte da Cultura Material Escolar, corresponde à memória do segundo capítulo, sendo este de autoria de Lucileide Barbosa Dantas Moreira.

Para os registros dos estudos, os cadernos são essenciais na composição do conjunto dos materiais escolares que serão utilizados durante o ano letivo. Um desses cadernos, foi feito com a técnica de brochura e teve o seu registro de memória protagonizando o terceiro capítulo que foi conduzido por Eunícia Almeida de Souza.

A necessidade geral do uso de cadernos, também tem outras especificidades. Entre elas, destacamos os cadernos de caligrafia que correspondem ao quarto e ao quinto capítulos, respectivamente a partir das autorias de Gilsinei de Jesus Pereira e de Douglas Novais da Silva.

Juntamente aos cadernos, existe a demanda dos lápis para que o registro escrito ocorra e ambos os objetos se encontrem na composição da Cultura Material Escolar. Assim, o sexto capítulo tem o lápis com destaque através da memória de Uires Augusto Gonçalves de Carvalho.

Em muitas situações de quando havia uma necessidade do estudante, condições financeiras dos pais e/ou até mesmo uma obrigatoriedade/exigência da instituição escolar, os responsáveis pelos filhos educandos adquiriam uma tabuada, objetivando o ensino e a aprendizagem na disciplina de Matemática. Dessa maneira, a tabuada é o fio condutor das memórias do sétimo capítulo que conta com o registro de Acácia Roberta Silva de Lima.

Chegando à instituição educacional para frequentar o ano letivo, os estudantes de cada geração/época, se deparavam/deparam com vários objetos da cultura material da escola. Entres eles, havia o mimeógrafo para a reprodução de atividades, provas etc, quando ainda não existiam as impressoras modernas que passaram a desempenhar esta função desde a passagem do século XX para o século XXI, conforme foram se tornando populares e sendo adquiridas. Sobre o mimeógrafo, temos

## PREFÁCIO

também dois capítulos dedicados às marcas de memórias em torno de sua existência e representações. O oitavo capítulo tem a autoria de João Caetano de Souza e o nono capítulo percorre memórias autorais de Deijanete Pereira da Silveira Santos.

Ademais, sabemos também que as memórias em torno de vivências de contextos escolares, registram e contam igualmente com possíveis dissabores para quem recebeu castigos por algum suposto motivo alegado pela(o) docente sobre problema de aprendizagem ou indisciplina discente. É nesse contexto que chegamos ao décimo e último capítulo com memórias em torno de um “tempo da palmatória”. Estas derradeiras memórias são de autoria de Josiane Alves Ferreira.

Por fim, convidamos cada um(a) à percorrer essas memórias de objetos da Cultura Material Escolar.

## REFERÊNCIA

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: Um balanço inicial. *In*: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas Escolares, Saberes e Práticas Educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

## Capítulo 1

# O COMPROVANTE DE MATRÍCULA ESCOLAR E A ESCRITA DO EU

Danielle Lima Almeida

## INTRODUÇÃO

*Minha preta e sua sina*

*Sem brincadeiras minha menina. Sempre bailando nas estradas da lida, nas batidas de sua enxada despertando até o sol.*

*O brilho de seu suor sobre a luz reluz. E todas as pretas sentem a dor de cada gota do racismo que sobre ele se produz.*

*A primeira a despertar*

*Minha Francisca mesmo assim é a última a se deitar.*

*Carrega a sina de preta.*

*Em toda sua vida mãe Bá, adulta pequena sempre dos outros e não de si se empenha a dedicar.*

*Naturalizou ser a preta guerreira, que mal permite se sentar.*

*Sua pele já marcada do sol, seus olhos vermelhos de suor e calor, são as marcas que a vida lhe deixou.*

*Em sua história em todas as cenas carrega um objeto a mão, como toda retratação de preta sempre exerce uma função.*

*O afeto lhe pareceu estranho, pois seu corpo foi entendido como ferramenta de ganho.*

*Cresceu analfabeta já que o tempo na lida não lhe permitiu estudar.  
Foi para o lúíú trabalhar na plantação. Trabalhava na cozinha e  
na cata do algodão.*

*Preta, preta, preta, pariu outra preta  
A sina de preta ao seu pequeno feto a fez rememorar  
Não aceitou tal sina e todas as oportunidades a sua preta cria que  
pode, se dedicou a proporcionar.*

*Preta, preta, preta, minha cria preta vai estudar*

*Mal sabia pegar no lápis, mas decorou as falas para sua cria preta  
ensinar  
Engoliu sua dor e esmagou o coração pra bater de frente com o  
racismo e nossa marginalização.*

*Minha Francisca preta, não posso dizer que você venceu.  
Fez sua vida com as zero oportunidades que o sistema hierárquico  
branco te ofereceu.  
Mas saiba, preta, que ao menos as engrenagens dessa dominação  
você estremeceu, graças a você um pontinho preto na faculdade se  
estabeleceu.*

*A sina de preta é guerrear  
Ser preta forte, com ou sem estudar  
Minha preta mãe fez o cabo da enxada suar, pra que com a tinta  
da caneta por nossa sina preta eu venha lutar. Mãe preta, preta,  
preta (Grito) vou fazer essa caneta sangrar.*

(Almeida, 2022, p. 80–81).

O comprovante de matrícula escolar, simboliza algo que está muito além de um simples papel com dados de um registro educacional. Ele também representa um ato de subversão e força contra um sistema marcado por uma hierarquia machista, racista e sexista. Sistema esse que durante décadas mostrou sua opressão através de barreiras de acesso para negros e também mulheres. Ao negro foi proibido seu

acesso à educação formal a partir do ato de Dom Pedro I em 1824 e as mulheres é fala comum entre as mais velhas que foram proibidas de frequentarem as escolas, pois lá aprenderiam a escrever cartas para namoradinhos, então atribuíram a mulher as funções do aprender a cozinhar, costurar, cuidar da casa e de crianças para “ficarem boas para casar”. Assim, esse objeto da Cultura Material Escolar abordado no presente texto é uma fonte histórica simbólica como objeto de estudo, é um reviver memórias com atribuições de (re)significados.

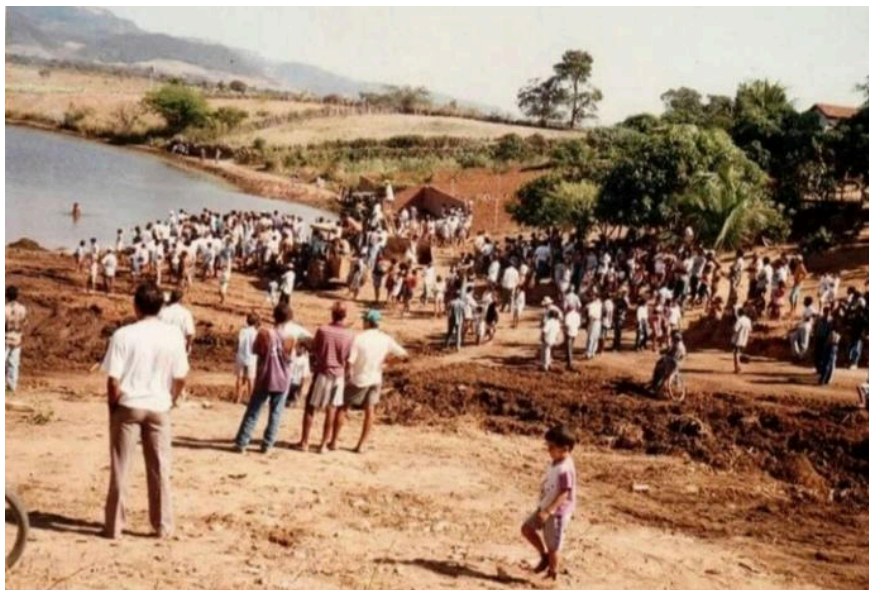
No contexto de nossas memórias, a Escola Municipal Otílio Moreira é uma instituição educacional de zona rural do município de Candiba-BA, uma pequena localidade no sudoeste da Bahia, que se formou ainda durante o período colonial da História do Brasil. *Mocambo*, nome como era denominado anteriormente o território de Candiba devido a sua origem, foi formado por pessoas escravizadas que fugiam das fazendas Santa Rosa, dos Rodrigues Lima, Mulungu e Canabrava. Elas se fixavam nos arredores da Lagoa do Mocambo, construindo moradias e formando redes de apoio.

Com pouco mais de 14 mil habitantes, Candiba é o município onde também se localiza a Fazenda da Camarinha. É o local onde está a Escola Municipal Otílio Moreira, objeto de desejo desta que vos fala desde quando ainda era criança no ano de 2003 de acordo com memórias que não são apenas minhas, mas, construídas com o auxílio de outros sujeitos, sobretudo do núcleo familiar.

## **UM COMPROVANTE DE MATRÍCULAS E ALGUMAS MEMÓRIAS DE HISTÓRIAS SOBRE O COMEÇO DE MINHA VIDA EDUCACIONAL**

Proporcionalmente pequena à realidade habitacional do município, a Escola Otílio Moreira tem como formadora de seu espaço físico uma sala grande que é usada como sala de aula, um quartinho pequeno que é utilizado como cozinha e para a alimentação das crianças estudantes e um minúsculo banheiro.

Figura 1: Limpeza da Lagoa do Mocambo em 1996



Fonte: Instagram @candibanews

Apesar dos anos passados, as lembranças sobre aquele simples, porém, familiar espaço, parecem como acontecimentos recentes. Me lembro perfeitamente da claridade da sala de aula que era marcada pela luz natural do dia. Ainda sobre aquele espaço, é quase que impossível falar sobre as experiências escolares sem citar o giz branco no quadro azul. Todas as vezes que a professora escrevia no quadro, usando seu giz branco, os farelos de resíduo se acumulavam na parte de baixo do quadro que era feito de madeira. E na sala se viam misturados a luz do sol tomando conta do local com traços da escrita com o giz, a poeira branca.

O banheiro da escola não era integrado à sala de aula. Para acessá-lo, era preciso sair da sala, seguir uma calçada consideravelmente alta do lado esquerdo e entrar na primeira porta que surgia no caminho.

Já a frente da escola, apresentava duas janelas grandes de madeira e duas portas, sendo que a primeira era para acesso a sala de aula e na lateral desta sala, havia a porta da cozinha. A segunda porta na frente

da estrutura, era do único banheiro da escola. Ele deveria servir para o uso e atendimento das necessidades tanto dos estudantes, quanto da professora.

Assim, rememorar o espaço rural de ensino foi como acessar a uma lembrança coletiva. A imigração dos estudantes do meio da zona rural Camarinha para o meio urbano Candiba não define em si o abandono completo do lugar. Circula em torno dele ainda diversos significados, valor emocional e histórico que se assemelha ao museu de Otones de Benjumea, que também é uma escola de zona rural das redondezas de Ségovia, nomeada como “a última escola”.

Escolano Benito (2017, p. 228) explica que na escola pesquisada por ele “ambas as decisões são, em nosso modo de entender expressões espontâneas de formas simbólicas de resistência da memória comunitária, como também da memória biográfica ou pessoal, à extinção ou perda da tradição do lugar”. Na Escola Otílio Moreira, deixá-la também do modo que estava, sem reformas ou destruição da mesma, demonstra um apego ao imóvel que ainda é citado de modo carinhoso e atribuindo valor a ela pelos ex-estudantes, além de pais dos mesmos.

Ao observar a imagem, é possível perceber que as portas e as janelas de madeira ainda estão conservadas, assim como as paredes pintadas. As cores presentes nas paredes são exatamente as mesmas da época em que comecei a frequentá-la no ano de 2004. Porém, o espaço externo está em situação de abandono. O terreiro que antes era totalmente livre de matos ou quaisquer sujeiras, agora encontra-se totalmente tomado por mato. A sujeira externa representa uma falta de uso e conservação do local, que de acordo por relatos adquiridos, também se faz na parte interior da escola.

O fechamento desta instituição de ensino, ocorreu no ano de 2012. A data de fechamento, foi encontrada a partir do acesso a memórias coletivas, onde houve um esforço de um determinado grupo para reconstituir a memória lembrando aquele ano, isso partindo do individual para o coletivo.

Figura 2: Frente da Escolinha da Camarinha atualmente (2022)



Fonte: acervo da autora

A partir dali o imóvel passou a servir como base para descanso de guardas florestais. Mesmo a antiga escolinha da Camarinha, nome pelo qual a escola era chamada pelos moradores da região devido ao fato dela está localizada na Fazenda Camarinha teve seu abandono inevitável quando os guardas florestais deixam de usar o ambiente. Porém, a chave do imóvel ainda está sob domínio dos guardas, e estes não foram encontrados durante a visita fotográfica à Escola Otílio Moreira, devido a esse fato a não colocação de fotos do interior do ambiente.

Tão satisfatório seria rever aquele espaço por dentro novamente, aquela sala de aula é lugar de tantas histórias, tantas memórias. Contudo, é certo afirmar que as memórias sobre aquela escolinha são individuais para mim e coletivas entre a comunidade, tanto entre ex-estudantes, professoras e funcionários, quanto envolvendo também seus pais e até mesmo avós. Assim, o comprovante de matrícula ajuda a lembrar parte de minha existência na escola e da existência da escola em minha vida.



De fato, entre os ex-estudantes com toda a certeza a memória do banheiro escolar deve ressoar como coletiva. Isso devido aos problemas que o envolvia corriqueiramente. Eram raríssimas as vezes que na licença da aula, procurávamos o banheiro e o encontrávamos aberto. Ele sempre estava trancado, isso por diversos motivos, a exemplo o problema com a caixa d'água, que era pequena e não comportava muita água, ou seja, quase sempre envolvia falta d'água a sua inatividade. Ou ainda, outro problema comum era a descarga, que pela falta de manutenção quebrava com frequência.

Uma pergunta muito significativa sobre a realidade daquele pequeníssimo espaço de educação conhecido popularmente como Escolinha da Camarinha é: seria a Escola Otílio Moreira um espaço privado ou municipal já que estava nas terras de Sr<sup>a</sup>. Negra? Apesar das terras dos arredores da construção serem da Sr<sup>a</sup>. Negra, a escola pertencia ao município de Candiba-BA. Podemos definí-la como uma escola municipal e local, visto que, foi construída pela prefeitura municipal num terreno doado pela Sr<sup>a</sup>. Negra. Mesmo a escola não pertencendo a matriarca doadora, essa senhora era bastante respeitada pelos estudantes que devido a curtíssima distância entre a escola e a casa da senhora, todas as manhãs de aula, realizavam o percurso até a sua residência para dar “bença”/pedir a sua benção. Ação essa que demonstrava grande respeito a doadora.

Afinal de contas, por qual razão ir corriqueiramente até a casa dessa senhora carinhosamente chamada por todos de Dona Nêga? A resposta é simples: primeiramente pelo grande respeito e valorização que a comunidade demonstrava aos mais velhos, e segundo, por que graças a ela, havia uma escola de fácil acesso para os moradores das redondezas.

Como já citado anteriormente na poesia inicial desta memória, “Sina de preta Francisca: não deixar a tinta da caneta e o suor secar”, por muito tempo, frequentar uma escola não era tarefa tão simples como entendida hoje.

Minha mãe, Marlene, membro da família de “Manelim” não teve a oportunidade de estudar, uma vez que, com frequência precisava se ausentar das aulas durante o ano letivo para se deslocar para fazendas da região do Iuiú, trabalhar na cata do algodão e ajudando na cozinha, preparando alimentos para os/as trabalhadores/as até o meio dia, ou como babá dos filhos de sua irmã mais velha que a criou. Durante a tarde, trabalhava catando os capuchos de algodão, mesmo ainda sendo criança. Segundo a mesma, sempre teve vontade de aprender a ler e escrever.

Mas como consequência das viagens para o trabalho, ela sempre ficava mais atrasada que os colegas e não iria ela uma “gigantona”, como diz, ficar nas salas de aula com os pequenos aprendendo a ler. E foi por causa do trabalho exaustivo e vergonha por não poder dedicar-se mais aos estudos que acabou desistindo de estudar.

Meu pai, Gildemar, diferentemente da companheira Marlene, estudou um pouco mais, progredindo até a terceira série do Ensino Fundamental. Certamente por uma condição social e financeira não muito diferente da esposa, ele acabou também deixando os estudos. E como ambos afirmam, só sabem hoje escrever seus nomes, ainda assim com muitas dificuldades, dado este evidenciado no comprovante de matrícula, onde se é possível ver a forma que foi escrito o nome Marleni, ao invés de Marlene F.

Em virtude deste contexto, é imensurável a felicidade de ambos em terem uma filha graduada numa universidade pública federal e agora mestranda. Afirmam que muitas vezes ouviram que era impossível filha de pobre se formar em faculdade. Porém, essa conquista e tentativa de fuga da replicação da realidade social não começou em 2022 (ano de ingresso ao mestrado) ou em 2017 (quando do início da graduação), mas em 2003 quando da matrícula com comprovante que a pequena Danielle Lima Almeida seria estudante da Educação Infantil na Escola Municipal Otilio Moreira, a Escolinha da Camarinha.

Penso também que as escolas e seus lugares de existência são dados relevantes para a construção das identidades das pessoas que as

rodeiam. A própria forma de ensino e conteúdos interferem na subjetividade. Para refletir sobre tal afirmativa, basta refletir na importância dos currículos específicos em escolas quilombolas, indígenas, ribeirinhas, entre outras de povos tradicionais.

Caso se naquele espaço realizassem pesquisas arqueológicas específicas, muito se concluiria sobre a localidade e a cultura dos povos que o rodeiam, assim como foi realizado na escola da aldeia de Castelã de Bordecortex analisada por Escolano Benito (2017). A Escola Otílio Moreira se constitui como espaço de memória viva, para além disso também é formadora de subjetividades, podendo defini-la também como uma espécie de sítio arqueológico educacional. Foucault (2007) em sua obra *A Arqueologia do saber*, atribui a área da Arqueologia o trato apenas a objetos sem contextos. Porém, o mesmo afirma “É a investigação histórica que em certa ‘mutação epistemológica’, tende a buscar suporte da Arqueologia”.

Por tudo isso, memórias e identidades coletivas formadas por e no espaço da escola se tem tamanha consideração e simpatia pelo imóvel. A partir do valor dado à escola é possível perceber a minha supervalorização para o comprovante de matrícula, pois esse representa a comprovação de um passo importante para habitar um espaço que é de comum coletividade na formação da identidade das pessoas, da localidade rural e também da subjetividade da autora, pois o que parece um simples papel é verdade o sonho de abalar ou modificar a estrutura organizacional social.

O valor dado não se restringe só à materialidade do comprovante em si, mas por que ele simboliza um fim e um começo. O fim do ciclo da não escolaridade no meu núcleo familiar e o começo de um sonho de ter uma filha “estudada”. Naquela época, percebia-se a educação como necessária para ser alguém com “futuro”. Um saber hierarquizado, onde o real só seria legitimado se reconhecido e/ou produzido no meio de ensino formal.

Os diferentes espaços sociais estabelecem uma relação própria com o conhecimento científico, no entanto em todos

eles há algum nível de tradução ou transposição deste saber. Partimos do pressuposto de que este processo de transposição ocorre quando o conhecimento científico é divulgado nos museus. Para o desenvolvimento de práticas educativas e reflexões teóricas nesse campo, parece-nos importante tomar por base os referenciais advindos do campo da educação, em que se acumulam as pesquisas que entendem a escola não como uma mera reprodutora do conhecimento científico, mas como um espaço diferenciado de produção de saberes (Meneses, 2005, p. 178).

A supervalorização de um saber sobre outro também faz parte das marcas do eurocentrismo e do colonialismo no Brasil. Um dos fatores afirmativos para a legitimação da exploração de outros povos aos quais foram radicalizados foi o não reconhecimento deles como humanos ou iguais pelo explorador, além de abnegar todas as suas formas de produção de conhecimentos e saberes. A partir de então, histórias e saberes tradicionais no Brasil e praticados por povos indígenas e africanos, foram refutados como conhecimento.

Como vestígio dessa abnegação se tem uma supervalorização do saber científico acadêmico e ainda a folclorização de outros saberes aos quais não são respeitados nas comunidades científicas e pelo valor atribuído a elas, a essas comunidades e seus membros, onde se busca conhecer a forma de educação que mais se aproxima para assim fazer parte dos que também produzem o que definiram como conhecimento.

Os olhos arregalados na imagem e o rosto sério, aparecem não só pelo simples fato de ser um documento, mas por estarem carregados de medo da câmera fotográfica, pois não era um instrumento comum para meu cotidiano. Não era natural ter meios para se tirar fotos naquela época. Elas aconteciam apenas de acordo com necessidades e recordações, geralmente através de um parente que emigrou em busca de trabalho, retornando ao município com a bugiganga para registrar momentos. Nessas ocasiões, muitos, principalmente os mais velhos corriam, pois se recusavam a tirar foto. E quem se propunha a ser foto-

## O COMPROVANTE DE MATRÍCULA ESCOLAR E A ESCRITA DO EU

Figura 3: Comprovante de matrícula

SECRETARIA MUNICIPAL DE  
EDUCAÇÃO E CULTURA  
CNPJ.: 13.982.608/0001-00  
PRAÇA KENNEDY, 01 - CEP. 46.380-000 - CANDIBA-BAHIA

Comprovante de Matrícula Nº.: 03

1 - Nome do Candidato: Danielle Lima Almeida  
Data de Nascimento: 20/12/1998  
Natural: Guanambi - Ba.  
2 - Filiação:  
Pai: Gibemar Souza Almeida  
Mãe: Ivarelene F. Lima Almeida

matrícula - 2004  
IMBERSON LUIS 1440  
(Diretor Municipal)  
Dec. nº 48/98 de 17/08/98

Nome da Escola: M. Otília Moreira  
Endereço: Faz. Camarinha  
3 - Série: Pré Turno: matutino  
4 - Ass. Do Aluno/res: Imberson Lima Data: 12/12/03  
5 - Ass. Resp. Pela Escola:

Fonte: acervo da autora

grafado tinha que tomar banho e vestir a melhor roupa, considerada roupa de sair.

Para além do que já foi pontuado, esses olhos arregalados são sinônimos de que estava extasiada com a imaginação de que iria aprender a fazer aqueles rabiscos estranhos que meus primos que frequentavam a escolinha da Camarinha já faziam e chamavam de letras, e não haveria mais coisas que eles falassem ou escrevessem que eu não saberia também fazer. Ademais, iria aprender a juntar as letras e ler. E no futuro iria ensinar minha mãe também a ler, afinal, comigo ela não se envergonharia.

Naquele tempo, o dia 12 de dezembro de 2003 foi a data em que finalmente foi realizada a minha matrícula. Como aparece no comprovante de matrícula número 3, emitido em 2004 no município de Candiba-BA, cep 46.380-000, matriculada no “Pré” (Educação Infantil), no turno matutino. Não me recordo como foi o processo, mas sei que tudo para fazer na escola era difícil, até mesmo o desenho de bonecos. Eles ficavam parecidos com coadores de café feitos de pano.

O aprender não é tão rápido e gentil como eu imaginava quando falavam em ir para a escola. Para mim, o ato foi menos traumático pois estava familiarizada com o ambiente rural da escola e também conhecia vários dos colegas de classe. A escola por ser a única das redondezas, mesmo com uma única sala, oferecia vagas para estudantes do Pré-I ao segundo ano do Ensino Fundamental. Era muito divertido ter tantos

amigos para brincar e aprender juntos. Melhor ainda, eram vizinhos e conhecidos.

Apesar de ser uma escola de zona rural, a professora morava na cidade e se deslocava todos os dias em sua moto biz vermelha e branca e com banco de assento preto. A exceção da ida até a escola pela professora só acontecia nos dias em que se tinham chuvas grossas e as estradas de terra ficavam muito lamacentas para ela percorrer o trajeto. Nesses dias de chuva, a lama não era o único empecilho graças aos córregos, que com a chuva, corriam águas fortes e muitos estudantes não podiam ir para a escola, pois era perigoso atravessá-los, tendo risco de serem levados pelas águas. Acidente esse que infelizmente ocorreu com a neta da doadora das terras.

Embora eu gostasse de ir à escola, na medida que as séries cursadas foram evoluindo, as atividades de casa também, e meus pais por não saberem ler, me enviavam a casa de meu primo Raione, que devido as notas altas, era considerado por todos muito inteligente e teria um “bom futuro”. Essa resolução de atividades escolares de casa com o auxílio de um primo, não rendia muita aprendizagem, pelo contrário, rendiam lágrimas e muitos gritos de brigas entre nós dois.

Mas não demorou muito para que eu aprendesse a ler, apesar do método adotado pela professora, que consistia em colocar as sílabas da consoante do dia no quadro verde com o giz para escrevê-las com as vogais e formar palavras. Depois de sua leitura no quadro, ela colocava cada estudante para ir à frente do quadro, com um pequeno pedaço de madeira apontado para a sílaba e dizer seu som/leitura. Após essa fase concluída, era necessário ler as palavras escritas na parte inferior do quadro. Haviam estudantes que passavam minutos e mais minutos sem pronunciar uma palavra à frente do quadro e de toda a turma, inclusive eu. Era uma sensação apavorante.

Contudo, uma vez depois de ficar longos minutos na frente do quadro sem saber identificar uma letra se quer, a professora me mirou de cima para baixo e começou a explicar com gritos como se lia. Me recordo da sensação de raiva. No dia seguinte, em minha vez de

ir ao quadro novamente, ainda com a lembrança do grito e da raiva, com rapidez li as palavras escritas. Isso não por que se tornaram mais simples, mas devido ao sentimento para mostrar ser capaz e não aceitar ser diminuída novamente na frente dos colegas.

Em síntese, depois daquele dia passei a ler tudo. Embalagens, letreiros de mercado, manchetes de revistas, etc. Até mesmo o comprovante de matrícula, documento este que me gerou muita indignação. Em minha cabeça de criança inocente, como podia aquela mulher adulta que trabalhava com coisas de escola, errar meu documento, havia anotado incorretamente a minha data de nascimento. Eu não poderia aceitar aquele erro, agora eu sabia escrever, também tinha este poder, então prontamente peguei uma caneta de cor preta na bolsa e me coloquei a corrigir meus dados.

Concluindo todo aquele trabalho, me senti orgulhosa. Afinal, eu sabia ler e escrever, poderia registrar sobre tudo, não podia aceitar um erro, e melhor, sobre mim, sobre meu dia especial de aniversário.

No entanto, quando minha mãe chegou ao quarto onde consertava meus dados, meu “grande feito” não foi apreciado, ela “envermelhou” de brava. Estava prestes a corrigir a certidão de nascimento, que assim como no comprovante de matrícula, também constava o dia 21 como data de meu nascimento. Eu sabia como se escrevia o número 20 e que foi nesta data que nasci.

Foram tantos gritos de minha mãe. A menina levada que não queria um erro sobre si, havia acabado de borrar um documento. Documento que de acordo com os dados da certidão de nascimento estavam certos, mas, incorretos conforme as informações repassadas a mim.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação se faz por múltiplos meios e formas, pode se aplicar desde a aplicação de saberes notórios como o cálculo de arroba de carne e algodão em reais que meu pai fazia e faz de cabeça, sem o acesso ao ensino formal e se irrita pois eu, com faculdade não sei fazer o mesmo.

A educação passeia entre o simples até as palavras mais finas usadas para florear/demarkar a escrita acadêmica. Uma não se desliga do outro. Educação formal, não-formal são aquelas que atendem a um propósito de ensinar/aprender algo, enquanto a informal se aplica a um meio onde se aprende.

Uma proposta promissora para o enfrentamento da pluralidade de visões sobre o termo não formal é a de Rogers (2004), que afirma que a educação não formal e a informal, em conjunto com a educação formal, devem ser vistas como um continuum em vez de categorias estanques. Se considerarmos os critérios que diferentes pesquisadores e educadores utilizam para definir esses contextos (Marandino *et al.*, 2004) e tendo em mente a ideia de continuum proposta por Rogers (2004), poderíamos imaginar que alguns critérios demarcam as experiências formais, não formais e informais, como: seus propósitos, a forma de organização do conhecimento, o tempo de desenvolvimento das ações, a estrutura com que é organizada, as formas e os agentes/sujeitos que controlam as práticas e a própria experiência e a intencionalidade que a fundamenta (Marandino, 2017, p. 813).

Primeiramente, o ato de buscar corrigir o documento parte da aprendizagem realizada de diferentes modos e lugares com propósitos. A aprendizagem da leitura e escrita, a de quem sou, do sujeito em formação que tem uma identidade a qual não quer que outros a definam ou dite de modo errôneo. Esse processo educacional se faz em diferentes lugares com táticas variadas, mas com objetivos semelhantes que é o ensinar, é o que Rogers (2004) conceitua como *Continuum*.

Após muitos gritos de nervosismo, minha mãe explicou que nós não podemos simplesmente pegar a caneta e corrigir nossos documentos. Nem mesmo o comprovante de matrícula, certidão de nascimento ou qualquer outro. E por fim, contou-me que foi um erro ao me registrar no dia 21/12 como data de nascimento, mas que nasci no dia 20/12 e que



não era necessário eu mexer ou me preocupar com isso naquele momento, que bastava continuarmos comemorando no dia certo. Afinal de contas, naquele dia marcante, percebi que não podemos consertar tudo que está errado, ao menos não imediatamente. E anos depois também percebi que a partir do ato de escrever me firmo e reafirmo como Danielle Lima Almeida. Outrossim, posso consertar muitas coisas a partir da escrita, porém, feita no lugar adequado para isso. Por fim, mesmo com o comprovante de matrícula rasurado, conseguimos realizar posteriormente a minha matrícula no terceiro ano na escola da cidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Danielle Lima. Sina de Preta Francisca: Não deixar a tinta da caneta e o suor secar *In*: OLIVEIRA, Joelma Fernandes de; CONCEIÇÃO, Natalia da Silva; GONÇALVES, Tamiris Machado (org.). **Mulheres que Escrevem: Emoções em Poesia**. Boa Vista: Editora IOLE, 2022.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? *Ciênc. Educ.*, Bauru, v. 23, n. 4, p. 811–816, 2017.

MENESES, Ulpiano T. B. de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, 2(1), p. 9–42, 1994.

MORAES, C. S. V.; ZAIA, I. B.; VENDRAMETO, M. C. Arquivos escolares e pesquisa histórica: fontes para o estudo da educação brasileira. **Pro-Posições**, Campinas-SP, v. 16, n. 1, p. 117–133, 2005.

Capítulo 2

# UNIFORME ESCOLAR “SAGRADO” E MEMORIZADO NO “MUSEU” DE MINHA EXISTÊNCIA

Lucileide Barbosa Dantas Moreira

## INTRODUÇÃO

Figura 1: Lucileide Dantas e Agda Dantas Braz (sobrinha)



Fonte: acervo pessoal de Lucileide Barbosa Dantas Moreira

Ao pensar em memória, identidade e objetos da Cultura Material Escolar me vem à tona uma série de lembranças que aguçam a minha trajetória de vida na escola onde cursei o Ensino Primário. As professoras que me ensinaram o be-a-bá<sup>1</sup>, meus colegas, as brincadeiras de giribita<sup>2</sup>, o recreio, os copos que fazíamos de papel pra colocar o macarrão com sardinha quando esquecíamos o nosso copo em casa, as carteiras de tábua de madeira divididas com um ferro pra sentar dois alunos, o mimeógrafo que fazia a mágica de imprimir nossas provas e o nosso impecável uniforme que anunciava a todos que já estávamos estudando e éramos alunos da escola chamada Grupo Escolar Isabel Araújo da Silva, de responsabilidade do Estado da Bahia e localizado no município de Formosa do Rio Preto.

Diante de tudo isso, nada se compara à imagem daquele uniforme. Me encantava quando via aquelas crianças uniformizadas ao adentrar ao portão do Grupo Escolar Isabel Araújo da Silva às 8 horas quando eu espiava da cerca de estaca do fundo do quintal de casa que fazia frente com a escola onde eu sonhava estudar. Uniforme esse que marca a história do Ensino Primário gratuito para as crianças a partir de 7 (sete) anos de idade sob a responsabilidade do Estado naquela época conforme a Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 no Art. 27. “O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. Para os que o iniciarem depois dessa idade poderão ser formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento” (Brasil, 1961).

Objeto da cultura material escolar esse que em parte unifica a posição socioeconômica de todos os estudantes de uma Unidade Escolar e garante uma homogeneidade de identificação perante o direito à uma educação dentro dos parâmetros curriculares educacionais de ensino. Nesse contexto, entra o papel relevante da memória que é fixar as práticas de sociabilidade entre as pessoas que fazem parte de uma escola que criam imagens de seus papéis de atuação, bem como, as

---

<sup>1</sup>Termo usado nas séries primárias no ensino pré-silábico.

<sup>2</sup>Pedrinhas que eram jogadas para cima para aparar/pegar quantas puderem.

informações guardadas em registros que compõe a materialidade do positivismo escolar segundo afirma Augustin Escolano Benito:

Analisa igualmente o papel da memória na fixação das práticas de sociabilidade entre os pares de idade que coabitaram a escola, bem como na criação de estereótipos acerca da imagem dos docentes e de seus papéis. Finalmente, comenta os registros guardados pela memória acerca das materialidades com que se instrumentalizou a pragmática escolar. Os objetos, os ícones e os manuais também ficaram inscritos na memória da escola (Escolano Benito, 2017, p. 178).

As artes pensadas, planejadas para toda uma proposta escolar construtora de imagens, memórias e identidades a curto ou a longo prazo de conceitos sociais que influenciam de forma determinada na apresentação e transformação do meio escolar enfatizando a importância de pequenos e/ou despercebidos detalhes que fazem a diferença na formação e identificação de memórias traçadas que perpetuam na nossa vida.

## **O UNIFORME ESCOLAR SONHADO PASSA A SER DESTACADO EM FATOS MEMORÁVEIS DO PASSADO**

No pequeno município de Formosa do Rio Preto, no interior do Oeste da Bahia, que mais parecia ser o Piauí ou como muitos diziam “lá onde Judas perdeu as botas” e, ainda hoje é pouco conhecida e só aparece nos noticiários sobre coisas ruins, nasceu uma menina de pele clara e de cabelos bem loiros quase brancos que seu Ioiô Lizino (meu avô paterno que era respeitado por toda a família, sua palavra era lei) apelidou-me de “véa” que ainda hoje é como sou conhecida por minha família e amigos.

Menina essa de origem humilde e de uma família de 9 irmãos, onde seus pais Raimundo Dantas Filho (Mundico) e Joana Barbosa Dantas (Joaninha) viviam do trabalho da roça e sempre se preocuparam em

dar estudo a todos, pois para eles a escola/educação estava acima de qualquer coisa.

Para frequentar o Grupo Escolar, era necessário o uso do uniforme. Me lembro dele como se fosse hoje, daquela blusa branca de botões redondos transparentes que não tinha escudo pintado, o escudo era desenhado e pintado no bolso, ou seja mandava fazer a camisa e depois tinha que comprar o bolso pintado por Berenice moradora da rua do Egito, a terceira rua das 13 ruas que compunham a cidade naquela época, e ela Berê, era a única que pintava os escudos nos bolsos para as quatro escolas de Primário e uma de Ginásio em Formosa do Rio Preto.

Figura 2: Escudo da escola presente no uniforme escolar



Fonte: acervo da autora

Essas memórias nos transportam para um “museu educacional” de nossa vida, que só agora se percebe sua preciosíssima e relevante existência. Escolano Benito enfatiza que viver no nosso museu interior é uma experiência recíproca que processa o nosso passado e incorpora o nosso cotidiano:

Quem afirma isto vive em uma casa que mantém, em seu interior, um museu da escola. Morar em um museu é uma experiência muito peculiar, que determina, como assinalou

Gianni Vattimo, o modo de processar o passado e de ir incorporando, dia após dia, as distintas interpretações dadas pelos visitantes que batem à porta do centro de memória, aos objetos, às imagens e aos textos que observam e põem em interação com suas memórias pessoais (Escolano Benito, 2017, p. 180).

E por falar em memórias pessoais, volto a relatar sobre o meu uniforme do Ensino Primário, a calça era feita de tecido tergal azul marinho, simples, não tinham bolsos, pois se colocasse os bolsos significava ter que comprar mais tecido, gastar mais dinheiro. A minha calça do uniforme foi a mesma da 1ª à 4ª série, como eu era uma menina de corpo “Olívia Palito da vida”, eu só crescia e a calça subia. No princípio era calça comprida depois passou a ser “pega marreca” e por fim virou “cigarrete”.

Ao repensar a importância dessas fontes na vivência da história educacional segundo Nunes & Carvalho (1992) o quadro inicial dos arquivos das escolas levou-nos a desenvolver trabalhos que integrassem a participação conjunta de educadores, historiadores e arquivistas, o que possibilitou, de um lado, apreender criticamente a importância das fontes localizadas no âmbito da história da educação e, de outro, realizar a organização de planos de classificação, destinação e preservação dos documentos, de modo a propiciar ao acervo certa totalidade e organicidade das atividades/funções desempenhadas pelas instituições.

Mas ela, a calça do meu uniforme foi guerreira e aguentou até o fim e, sem deixar de relatar que quando viajei a primeira vez para Brasília-DF, fui com ela como se fosse a roupa de passeio. Fui conhecer a capital do Brasil vestida com aquela calça de tergal azul marinho, uma camiseta que tinha na frente Zé Colméia vestido de Robin Hood e uma sandália Cariri preta.

E não pense que eu ia a passeio. Como eu era a babá da família, fui com minha irmã mais velha Tiê pra cuidar de sua filha Néia. Pois naquele tempo era assim, quando minhas irmãs Luciê e Leide tinham filhos, eu só trocava de casa. Nascia um sobrinho e lá ia eu cuidar deles,

foi assim um dos destaques do meu uniforme escolar, com ele adentrei na capital do país e, dos irmãos mais novos fui a primeira a ir para Brasília, pois naquela época, viajar para o Distrito Federal era como se tivesse conhecido o Brasil todo.

A minha estadia em Brasília foi emocionante, em visita à essa capital foi a primeira vez que vi e assistí uma televisão. Foi também a primeira vez que provei um picolé e sem contar da minha curiosidade para saber como as pessoas saíam na televisão. Pensei que elas entravam pela parte de trás pois os televisores eram enormes quase do meu tamanho.

Só no outro dia que vi uma filmagem de perto e pude entender como funcionava a transmissão de imagens e aquele mundo tecnológico bem distante da pequena cidade que eu vivia, onde a única praça que existia era a Praça do Baneb que fazia limite com a minha rua do Egito. Enquanto que, nessa viagem à capital não consegui contar a infinidade de praças que existiam lá.

Falando da resistência da minha calça de tergal azul marinho do meu uniforme escolar ao longo de quatro anos, o mesmo não aconteceu com a minha blusa branca. Ainda me lembro com propriedade de um episódio que aconteceu na 4ª série na hora do recreio. Os meninos faziam um corredor e esperavam as meninas para jogarem beijos e na hora que eu estava passando um colega tentou me beijar e eu abaixei.

Nesse momento, a minha blusa do uniforme rasgou nas costas abrindo ao meio, tipo o incrível Huck quando se transforma e rasga as roupas. Fiquei sem saída. Como continuar na escola com a blusa rasgada? Lembrei então do casaco de lã que tinha levado, então vesti ele mesmo num calor infernal pra esconder o rasgado da blusa e sem contar que tive que mentir para a professora Magnólia, dizendo que estava com frio. E sem falar que tive também que omitir para minha mãe a verdadeira história na esperança de ganhar uma blusa de uniforme nova.

No entanto, minha alegria foi ofuscada pois herdei a blusa do meu irmão Luciano que era mais velho que eu, já estava estudando no

Colégio Coração de Jesus na 5ª série e não usava mais esse uniforme. O colégio de Ginásio público era só um e outro era um colégio particular, o Centro Educacional Cenecista Prof<sup>ª</sup> Rosita Teixeira. Escolano Benito traz a temática da recuperação da memória através das fotografias que definem uma identidade coletiva do papel de desempenho da escola:

Mas, além disso, aqueles que conseguem, de forma lúdica, reconhecer as crianças que aparecem na aludida fotografia, reconstroem o sentido assumido pela recuperação da memória, na definição da própria identidade, como também da identidade coletiva. Após produzir-se a identificação, os comentários em relação à imagem permitem construir narrativas compartilhadas, nas quais se consegue avaliar o papel que a escola desempenhou, em cada momento histórico, na própria experiência pessoal e na experiência dos demais (Escolano Benito, 2017, p. 182).

Poderia fazer do meu uniforme um arquivo vivo? Por que relacionar memória e identidade? Ao abrir esse pressuposto, a memória é repaginada como lembranças de um passado distante cheios de pertencimentos à realidade de famílias de municípios do interior do Brasil e frequentadoras de escolas públicas. Lembranças essas que podem aparecer de forma individual ou coletiva. Para Pollak (1992, p. 204), “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”, que leva ao reconhecimento de si, do outro e de outro grupo social.

Delgado (2006, p. 38) traz a lembrança de que a memória termina se relacionando com construção das identidades, pois “é elemento constitutivo do autorreconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade pública, como uma nação, ou privada, como familiar”.

Concordando com essa perspectiva é possível compreender que as memórias de uma escola são diretamente responsáveis e ainda se pode afirmar que são protagonistas na construção das identidades dos estudantes.



Partindo de uma pragmática intuitiva de investigar as gerações passadas de uma escola, seletar que lembranças tinham dela e como também estabelecer entre a escola e a comunidade, formas que identifiquem as memórias da história construída de uma unidade escolar.

Como não lembrar do meu primeiro uniforme escolar? Esse ato de rememorar acontece a partir do nosso cotidiano, ou seja, no nosso presente. Uma fotografia, uma peça de roupa, um diário, um ingresso de jogo, um dente de leite, uma moeda antiga, tudo isso e muito mais, avivam as memórias do passado. Segundo Delgado (2006, p. 38), “a memória é uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”, gerando assim uma rede de influências como se fosse um backup de arquivos que precisam ser armazenados de forma que não sobrecarregue e mantenha ao mesmo tempo a compreensão das parcialidades.

Um dos aspectos da memória é também pensar na reconstituição de dizeres de nossos antepassados que os terceiros fazem dela: “como dizia meu avô” e/ou “eu continuo vivendo segundo os costumes dos antigos”. Essas memórias “apresentam-se mais fragmentadas, compostas por outras interpretações que se misturam com as lembranças, com contextos históricos e imaginários” (Sarlo, 2007, p. 2).

Memórias constituídas de um simples uniforme mas que significava muito para a minha história na época do primário. Essa fragmentação me faz lembrar dos desfiles cívicos no dia Sete de Setembro. Era uma semana antes para preparação de tudo que ia ser apresentado por cada escola que seja da rede pública ou particular.

No desfile cívico eu sempre fazia parte do pelotão de alunos que iam sempre no final das alas marchando, pois quem não tinha condições de comprar as roupas exigidas dos temas históricos apresentados, iria para o final do pelotão. Para mim só sobrava poeira, pois naquela época só existiam duas ruas de calçamento de paralelepípedo, as outras restantes eram de cascalho.

E lá estava eu com meu uniforme impecável e feliz com meia branca. Quando passávamos no desfile, as pessoas nos apontavam citando os

nomes. Aquilo era ímpar, mesmo no pelotão da “rabeira”, quando eu ficava mais para trás devido ser de estatura média e as filas eram do maior para o menor.

Para Pierre Nora (1981, p. 9) “há uma necessidade do homem de criar arquivos, museus, organizar, selecionar e guardar suas memórias, numa tentativa de evitar o esquecimento. Nessa perspectiva de acordo com as memórias de alguém, escolhidos para serem guardados de acoedo com a visão de uma pessoa ou de um grupo”. Para o autor, a memória é carregada pelo homem, está em transformação, modificação, sujeita ao esquecimento, suscetível a manipulações.

É relevante lembrar do passado para construir com propriedade identitária, o enredo da nossa vida e alguns fatos despercebidos ou esquecidos ajudam na assimilação do “eu” inacabado que precisa de detalhes para ser moldado, conforme afirma Cyrulnik (1999, p. 8).

No caminho percorrido da maturidade, qualquer pessoa olhando para a sua infância guarda consigo lembranças significativas dos seus tempos de escola. Essas podem estar relacionadas com o seu meio social, em relação aos colegas de convivência ou ao seu caráter, sua personalidade pode ter sido moldada ou mutilada no que se refere até a um ato de um educar ou de representar-se estudante através de seu uniforme escolar.

Isso é muito relativo pois essas marcas deixadas no tempo escolar, perpassam e interferem na construção da personalidade do estudante, onde todo adulto, que foi um dia aluno, guarda consigo lembranças mais ou menos precisas de sua escolaridade. Aliás, é importante destacar que certas imagens, provavelmente anódinas para o aluno, em seu tempo de escola, retornam precisamente à memória, quando ele se torna adulto. Se essas lembranças estiverem ligadas à instituição escolar, elas são preferencialmente (re)orientadas para outras instâncias do contexto social, personalidade do professor, relações entre pares etc, sendo “este fenômeno, dependendo da misteriosa alquimia de nosso espírito, constitutivo da imagem que o adulto constrói dele mesmo quando era aluno” (Peyronie, 2000, p. 8).

Percorremos numa perspectiva cognitivista, inicialmente e, logo após, numa abordagem diagnosticável, na trilha das “biografias educativas” (Dominicé, 1996, p. 9), que a trajetória histórica do estudante tem uma macro importância na constituição do que o presente se acomodou chamar: “esquema escolar de si” (Markus, 1993, p. 11). Com ação, as lembranças da escola participaram da arquitetura da memória, presencialmente, ativando ou inibindo algumas informações, quando o aluno se encontra numa situação já experienciada por ele no âmbito escolar.

Segundo Markus (1993, p. 11), “o esquema de si” é uma estrutura cognitiva, contendo conhecimentos genéricos a respeito de si mesmo, ele resulta de experiências passadas do indivíduo, organiza e guia o processamento das informações relativas a si”. Nessa linha de memória me recordo do ABC que tínhamos que aprender todas aquelas famílias silábicas, consoantes, vogais, tinha que saber toda a lição, caso contrário, havia punição. E a tabuada era sagrada, se errasse levava com a “palmatória” uma palmada. E o inesquecível texto “As Borboletas de Vinícius de Moraes” fora quase um mês para aprender a ler.

Concretizando segundo Halbwachs (1968, p. 23) “que confirma que as relações da memória e da sociedade haviam se tornado o centro e o termo de seu pensamento”, no qual deixam marcadas os momentos do nosso cotidiano sobre essas lembranças da nossa vida.

E ainda evidencia que o acontecimento também se produz “no espaço, e pode ser que um e outro grupo o percebam. Mas o que importa, é a maneira pela qual o interpretam, o sentido que lhe dão. Para que eles lhe emprestem a mesma significação, é preciso que antes de tudo as duas consciências estejam confundidas. Ora, por hipótese, elas são distintas” (Halbwachs, 1968, p. 116).

Diz-nos Denzin (1984, p. 1) “que a temporalidade é básica no estudo das vidas humanas” e, para melhor definir-lhe a importância, esse autor distingue duas formas de temporalidade: o tempo mundano (relacionado ao presente, passado e futuro, como horizonte temporal contínuo), e o tempo fenomenológico (cujo fluxo, também contínuo,

mas circular, é interno, podendo ser entendido como tempo interior). Assim, uma vida pode ser “mapeada em termos de episódios cruciais, de cujo manejo resultam os seus significados, e as pessoas, ao contarem de si, contam mais do que de uma vida, contam a vida de uma época, de um grupo, de um povo”, de um uniforme.

O uniforme era sagrado todos os dias. A diretora sempre fazia a nossa inspeção na fila de entrada. Passava por cada um, conferindo blusa, calça e até meia. Se faltasse alguma coisa, dali mesmo a gente voltava para casa. Ele era o passaporte principal para garantir a entrada nossa na escola.

Como era maravilhoso os tempos do Primário. Em cada ano, tínhamos um estagiário que só deixava saudades, aquele caminho de pétalas de rosas e aquelas cadeiras de área de ferro emprestadas da casa de Dona Darcy Moreira “Cizinha” ou da casa de Dona Luzinha. Como não lembrar das professoras Nair Carlos, Niza de Orlandinho, Mercês e Magnólia, todas elas fazem parte dessa memória que jamais será apagada.

Os mesmos colegas naqueles quatro anos, esses aqui não vou citar mas um fato posso contar. Nas campanhas de vacina a gente corria e chorava sem parar, tinha a mãe de Edinho que já vinha com o cipó do pé de goiaba (risos) e no final de tudo, todo mundo saía apanhado e vacinado como numa “revolta da vacina”. E pra melhor finalizar aqui vou narrar alguns versos:

*Mas de uma coisa pode ter certeza  
Que na nossa turma reinava a esperteza  
Poucos ficavam de recuperação  
Mês de novembro era férias e curtidão.*

*Dinheiro não tínhamos pra viajar  
Íamos era pra roça ajudar a plantar  
Boneca de milho, marmelada era pião  
Tampa a cova pra nascer o feijão.*

*O meu uniforme era sagrado  
Que por meu Pai comprado  
Jamais eu vou esquecer  
Tudo que eu tive aprender.*

*Concluo com toda veracidade  
Minhas memórias e identidade  
Meu uniforme o objeto escolhido  
Que agora foi por todos conhecido.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todavia, o registro de um instante, de uma paisagem e ou de algo muito corriqueiro é uma das características dos tempos. As imagens captadas num momento, num instante oportuno ou sem qualquer significância, simplesmente marcam um fato ocorrido, um momento vivido, o uso de um uniforme.

E o ato de capturar um instante quando estava vestida com o meu uniforme escolar? Em um clique, um instante da vida que se eternizaria, hoje pode ser colocado em questão em tempos de toneladas de imagens e comentários armazenados nos diferentes suportes digitais. O retrato antes tão cobiçado e desejado por muitos, passou a ser uma simples selfie para alimentar as redes sociais. Hoje, quase não há pessoa que não tenha feito uma selfie ou sido registrada em alguma situação sua de convivência cotidiana. E aí, perguntamos: como fica a onipresença de retratos que dialogam com as memórias? o que somos e o que testemunhamos em nossas experiências? Hoje ainda existe lugar para registros imagéticos de uniformes escolares? Alguém, por exemplo, sem o recurso da fotografia lembra de suas próprias feições na infância? Guardamos as marcas dos nossos rostos ou tão somente as memórias de episódios?

E o meu uniforme foi peça chave de um episódio que marcou a minha trajetória na vida escolar, que era de suma importância naquela época, pois só na escola poderíamos conviver uns com os outros sem

distinção de classe social e o sagrado uniforme era um meio de propiciar essa circunstância cotidiana. Esse uniforme por algumas horas nos fazia esquecer daquele mundo cheio de diferenças e ao mesmo tempo tão indiferente às marcas deixadas no “museu” de minha existência.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília-DF, 27 dez. 1961. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>.
- CYRULNIK, Boris. **Un merveilleux malheur**. Paris: Odile Jacob, 1999.
- DELGADO, Lucilia de Almeida N. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- DENZIM, N. K. Interpretando as Vidas das Pessoas Comuns: Sartre, Heidegger e Faulkner. **Dados — Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, 1984, p. 29-43.
- DOMINICÉ, Pierre. **L'histoire de vie comme processus de formation**. Paris: L'Harmattan, 1996.
- ESCOLANO BENITO, Agustin. **A Escola como Cultura**. Experiência, Memória e Arqueologia. Campinas-SP: Alínea, 2017.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumento, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- COSTA, Eliezer. Patrimônio escolar, memória e identidade. **Pensar a educação**. 27 out. 2018. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempaut a/patrimonio-escolar-memoria-e-identidade/>.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: UNICAMP, 2003.
- MARKUS, Hazel-Rose. Self schemata and processing information about the self. **Journal of personality and social psychology**, Washington, n. 35, p. 63-78, 1993.
- MONTEIL, Jean-Marc. **Soi et le contexte**. Paris: A. Colin, 1993.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo: PUC, 1981.

UNIFORME ESCOLAR “SAGRADO” E MEMORIZADO NO “MUSEU”...

PEYRONIE, Henry. *Freinet, 70 ans après. Une pédagogie du travail et de la dédicace?*  
2. ed. Caen: Presses Universitaires de Caen, 2000.

## Capítulo 3

# MEU CADERNO BROCHURA... MINHA HISTÓRIA, MINHA VIDA!

Eunícia Almeida de Souza

## INTRODUÇÃO

*Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infância querida  
Que os anos não trazem mais!*

— Casimiro de Abreu

Ao tomar como fundamento a estrofe acima, não é tão fácil discorrer sobre a minha memória, principalmente quando esta foi marcada por grandes percalços no que diz respeito à minha vida escolar.

Meu nome é Eunícia Almeida de Souza, nascida dia 14 de junho de 1975, na cidade de Coribe, Bahia. Filha de Waldito Bernardes de Souza e Rosa Rodrigues Almeida de Souza, agricultores persistentes na criação e educação de nove filhos, destes, cinco mulheres e quatro homens. Sou a quarta filha da família e para conseguir mudar a minha realidade, muitas dificuldades enfrentei.

Desse modo, os meus primeiros anos de vida, isto é, de quando nasci até aos 6 (seis) anos sempre foram na roça. Nessa época, havia a cultura de que os filhos precisavam ajudar aos pais nas atividades do



campo, e com o meu pai não foi diferente, já que ele não tinha condições financeiras para pagar trabalhador. Então, quem fazia os trabalhos de limpar a terra — entende-se roçar, depois colocar fogo no mato, éramos nós, os 4 (quatro) filhos mais velhos e nosso pai. Enquanto isso, minha mãe ficava em casa cuidando dos meus irmãos mais novos e de outros afazeres, ou seja, “zelando” dos porcos, galinhas, vacas e etc.

Diante disso, em outrora, as crianças só começavam a estudar com 7 (sete) anos de idade e não havia o processo de alfabetizar. As crianças dessa época eram matriculadas logo na 1ª série, etapa em que aprendíamos a ler e escrever. Dessa forma, somente em 1981 é que tive contato com outras crianças, que não fossem meus irmãos e primos. É interessante pontuar que, mesmo analfabetos, meus pais sempre pensaram e fizeram de tudo para que fôssemos estudar. Para isso, meu pai pediu ao seu cunhado (fazendeiro) que nos desse a oportunidade de morarmos em sua casa, na cidade de Santa Maria da Vitória-BA, durante o período letivo, pois ao finalizar as aulas do primeiro semestre, tínhamos que retornar para a roça para ajudar com os trabalhos do campo. E, quando as férias acabavam, voltávamos à cidade para dar continuidade ao ano letivo.

Além disso, lembro-me que a cada ano, nós, os quatro primeiros irmãos fomos morar e estudar nessa casa com os primos. Ao total, onze pessoas, algumas primas adultas, outras adolescentes e criança. Essa residência estava localizada no centro da cidade e ficava bem próxima da Escola Evangélica Rosa Magalhães, cujo endereço é Rua Tenente Façanha, Praça da Macambira em Santa Maria da Vitória-BA.

O nome da escola é uma homenagem à professora Rosa Magalhães, a quem bondosamente acolhia as crianças menos favorecidas economicamente e àquelas que foram abandonadas pelos pais. Nessa época a escola era particular, mas Dona Rosa Magalhães exercia sua função social, posto que lá funcionava ainda como orfanato, pois grande parte das crianças que estudavam ali, também residiam, e a professora Dona Rosa, além de cuidar dessas crianças, ainda dispunha de tempo para nos alfabetizar.

Figura 1: Escola Evangélica Rosa Magalhães



Fonte: Google Maps

Essa imagem representa a grande mentora e idealizadora da minha infância. Foi a professora Dona Rosa Magalhães que abriu as asas da minha descoberta para os estudos. Sem ela e os cadernos tão bondosamente confeccionados, eu não teria condições de ser alfabetizada antes dos sete anos de idade e assim seguir a minha carreira acadêmica.

Diante disso, o ser humano só se desenclausura a partir do momento em que ele estar aberto e apto para mudar sua forma de ver e pensar o mundo sob outras vertentes, pois se não formos orientados desde pequenos a lutar contra tudo aquilo que nos falta, sempre seremos escravos da ignorância e renegação de um direito que nos é garantido — a Educação, mas que, para grande parte da população brasileira ainda não usufrui desse direito.

Sob a ótica de Escolano Benito,

A escola foi uma das instituições culturais de maior impacto no mundo moderno. Querida ou odiada, mas sempre recor-

dada, ela foi um cenário-chave de nossa experiência infantil, um lugar essencial no desenvolvimento de nossa própria identidade e um espaço de criação de cultura, que nos reuniu com todas as demais pessoas comuns, com quem compartilhávamos a vida e civilização (Escolano Benito, 2017, p. 177).

Assim, a escola é um espaço onde construímos nossas memórias, aprendemos e ensinamos. É um espaço de criação de saber e de cultura. Enfim, é o lugar onde as pessoas aprendem a buscar o conhecimento nas suas mais variadas dimensões do mundo. É a partir da escola que somos ensinados a compartilhar as nossas experiências.

Ao pesquisar sobre a memorável trajetória de vida da professora Rosa Magalhães, comecei a buscar nas minhas memórias afetivas as lembranças desta mestra incomparável e como foi gratificante ter sido aluna de uma professora tão engajada na educação e na transformação da vida de muitos alunos que estudaram numa escola tão renomada. Carinhosamente os alunos chamavam a escola de “Dona Rosa”, por ser tão famosa e reconhecida pela sociedade como uma das melhores de Santa Maria da Vitória-BA.

Figura 2: Dona Rosa Magalhães



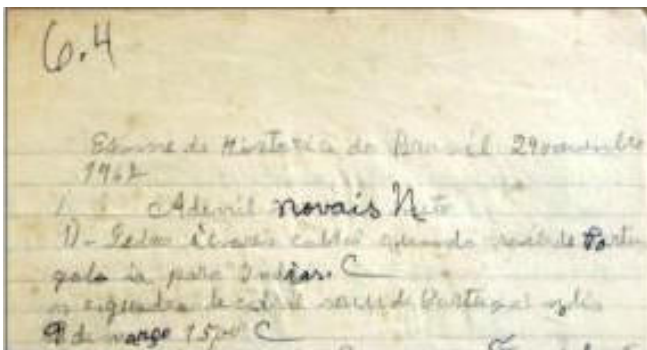
Fonte: Facebook de um ex-aluno da escola

## MEU CADERNO BROCHURA... MINHA HISTÓRIA, MINHA VIDA!

Tenho várias lembranças do período em que estudei nessa escola. Lembro-me de que as provas eram feitas em papel pautado, tudo escrito a lápis. Lembro ainda que, quando respondia as atividades e/ou até mesmo as avaliações de maneira errada e nem sempre eu tinha borracha, usava o próprio dedo umedecido com saliva na tentativa de apagar as respostas “incorretas”. A título de ilustração, tem-se uma imagem de uma atividade realizada por um ex-aluno dessa escola e que representa uma dentre várias atividades que fazíamos durante o ano letivo daquele período. Observa-se também que a correção da atividade era realizada pela professora, de forma individual, e para isso ela usava caneta de tinta azul.

Essa didática é bem peculiar daquela época, pois os cadernos de todos os estudantes eram corrigidos dessa forma. Lembro-me que à

Figura 3: Arquivo pessoal do ex-aluno Adnil Novais Neto



Fonte: Facebook de um ex-aluno da escola

medida que terminávamos de responder as atividades, tínhamos que levantar a mão e sinalizar que a tarefa fora concluída. Tudo era muito bem organizado e sem conversas, pois era necessário fazer silêncio para não atrapalhar o raciocínio do colega, como ponderava a professora Dona Rosa Magalhães.

## ACESSO À EDUCAÇÃO: UM ENTRAVE NA VIDA DE MILHÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, preceitua que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ante ao exposto, é evidente que a nossa Carta Magna assegura às pessoas o direito de estudar, mas não é o que de fato existe, ou seja, esse direito não é garantido e tampouco respeitado em sua plenitude.

Em conformidade com a primeira etapa do Censo Escolar de 2021, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 653.499 crianças de até 5 (cinco) anos saíram da escola. Isso implica afirmar que, infelizmente, ainda há um número bastante elevado de crianças que não têm seus direitos constitucionais respeitados. Uma outra pesquisa realizada pelo Ipec, com pessoas de 11 a 19 anos, revela que dois milhões de crianças e adolescentes não estão frequentando a escola no Brasil. Esses dados corroboram mais uma vez que a Educação para as classes desprovidas financeiramente é fruto do descaso por parte do governo brasileiro, pois Educação Pública e de qualidade não é prioridade.

Dessa forma, constata-se que desde 1981 (época que comecei a estudar) para cá, a realidade no campo educacional para a população menos favorecida economicamente pouco mudou. Ante as pesquisas realizadas no que diz respeito à falta de acesso à Educação, os estudos do Instituto Anísio Teixeira revelam que 48% deixaram de estudar

porque tinha que trabalhar. Outro requisito apontado é a dificuldades de aprendizagem. 30% dos entrevistados afirmaram que saíram por não conseguirem acompanhar as explicações ou atividades. Em seguida, 29% disseram que desistiram em função da pandemia da Covid-19 e 28% afirmaram que tinham que cuidar de familiares. Além desses fatores, pontua-se também a falta de transporte (18%), gravidez (14%), desafios por ter alguma deficiência (9%), racismo (6%), entre outros. Assim, esses dados revelam que a Educação de qualidade está muito distante de ser atingida pela maioria da população brasileira.

Nesse sentido, contrariando a todas as intempéries impostas pelas dificuldades de estudar, aqui começa minha inesquecível história do meu início de vida escolar, como também meu caderno brochura. Dessa maneira, meu primeiro contato com a escola se deu com a idade já avançada, mas ainda sem estar matriculada em nenhuma escola pública por conta da idade. Para conseguir estudar, minha irmã mais velha (Evani), que era responsável pelos irmãos mais novos, foi até à escola Evangélica Rosa Magalhães e conversou com a professora Dona Rosa Magalhães, que era a diretora e professora e falou sobre a minha situação — sem estudar, e pediu uma oportunidade para que eu pudesse estudar ali. Mas havia um problema: eu não tinha condições de comprar os materiais escolares básicos — caderno, lápis, borracha e a cartilha.

Depois de ouvir a minha irmã, a professora Dona Rosa disse que eu poderia ir, mas não terá como fazer minha matrícula em função da idade estabelecida por leis da época. Dessa maneira, Dona Rosa Magalhães foi a minha primeira professora, uma pessoa extraordinária em todos os sentidos, ser humano de incomparável bondade, que nos compreendia através do olhar, um ser de luz! Naquela época, ela fazia a diferença, já trazia uma metodologia moderna, que no lugar da palmaria, ela usava amor e compreensão.

Dessa forma, Dona Rosa Magalhães tinha preocupação com todos os alunos, mas deixava transparecer seus cuidados com àqueles alunos desprovidos financeiramente, pois esses estudantes, muitas vezes, não tinham o material básico para que pudessem fazer as atividades escola-

res. Assim, a fim de que os alunos pudessem estudar, a Professora Dona Rosa, no final do ano letivo, fazia reunião com os pais dos alunos que dispunham de condição financeira melhor que os demais e perguntava para eles se era possível doar os cadernos para ela, porque iria reaproveitar o caderno, separando as folhas que não foram usadas durante o ano letivo, a fim de costurá-las e transformá-las em um novo caderno e no ano seguinte doava para nós.

Ante o exposto, Tânia Cordova (2016) assevera que o caderno escolar é um objeto da cultura material que possibilita à História da Educação, compreender o cotidiano da escola. Logo, é através do caderno que temos a possibilidade de resgatar memórias e histórias dos alunos, da escola e também uma possibilidade de, conforme a autora: “compreender as apropriações e os usos deste objeto como portador de sentidos ligados ao sistema de valores e representações sociais que ultrapassam a função de objeto destinado, somente, ao registro do processo de aprendizagem” (Cordova, 2016, p. 209).

Em corroboração ao pensamento acima, o caderno faz parte da nossa vivência nas mais diversas situações do nosso dia a dia e pode-se afirmar também que ele é considerado como um testemunho valioso do que pode ter sido e ainda é de grande interesse para o estudo das escritas infantis e para a investigação da etno-história da escola, como pontua Escolano Benito (2017).

Segundo Almeida,

O caderno é um objeto de reconhecida importância nas ações do cotidiano de muitas pessoas — e também na formação delas durante toda a vida. Sua origem é remota. Vale lembrar que a palavra caderno vem de *codex*, termo latino que significa “registro, tábua de escrever”. Eram chamados de códice tanto os livros nos quais se listavam as receitas e as despesas de uma família, por exemplo, como os volumes nos quais ficavam documentadas as leis elaboradas pelos imperadores romanos (Almeida, 2010, p. 1).

Outro aspecto que merece ser destacado é que o caderno, além da sua função de registro das aulas, serve ainda para acompanhar, controlar o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes, ou seja, o registro de informações durante as aulas ministradas; a comunicação entre família e escola; bem como entre professor e estudante. Portanto, para essas ações tão importantes e essenciais, é fundamental que sejam utilizadas e planejadas estratégias a fim de que possam ser utilizados em toda a sua potencialidade.

Desta forma, os cadernos são fontes valiosas de registro que podem dizer muito sobre a vida do estudante, da escola e das relações que se estabelecem no ambiente escolar. Todavia, faz-se necessário cautela a respeito das informações obtidas sobre essas fontes para que não haja formulação de hipóteses distorcidas em detrimento daqueles que fazem parte da sua materialização enquanto registros, principalmente quando analisadas de forma separada do contexto em que são produzidas.

É imperioso destacar que os cadernos escolares, vistos somente na concepção da materialidade do registro, mostram informações essenciais da sala de aula e do processo de aprendizagem, porém, não conseguem revelar outros aspectos que são intrínsecos entre estudante/caderno, isto é, a partir do que contém no caderno que podemos fazer inferências sobre os inúmeros processos que compõem a materialidade do caderno, da escola e também do estudante.

Depreende-se, portanto, que o caderno é mais que um mero objeto escolar, pois além de ser um documento histórico, também pode ser usado para outras funções, e é a partir dele e de seu surgimento que os registros ganharam outras dimensões. Nessa vertente, o caderno brochura faz parte da vida de muita gente e, para mim, ele tem um significado muito especial, porque graças ao caderno reaproveitado é que tive a possibilidade de ingressar no mundo das letras e ir em busca do conhecimento, pois sem persistência e vontade de aprender, não haveria mudança.

Diante disso, o caderno é fundamental para guardar as nossas memórias, todavia, no que diz respeito à vida escolar, hoje, a realidade



é bem diferente dos nossos tempos. Na visão de Almeida (2010), os cadernos deveriam ser usados para arquivar as memórias da formação do aluno, o processo vivido por ele em busca do conhecimento, as dúvidas e as descobertas feitas durante as aulas, em livros, nas discussões com o professor e nos trabalhos em grupo. Esse autor diz que no tempo escolar dele,

Os cadernos eram sóbrios, com folhas pautadas com linhas e nada mais. Com o tempo, eles se tornaram objetos de consumo, com capas fantasiosas que vendem paisagens, personagens, times de futebol, cursinhos pré-universitários e refrigerantes. Prateado, dourado ou com cores berrantes, esse objeto — imprescindível no material escolar — deve ser visto como um arquivo: o lugar onde está o repertório do estudante, as informações, os dados, os conteúdos, as impressões e as opiniões sobre os temas trabalhados em classe (Almeida, 2010, p. 2).

Nessa linha de pensamento, o que se percebe é realmente o desejo de vender, e por outro lado o de consumir. Os pais, crianças e adolescentes são impulsionados a comprarem os cadernos mais caros e com as capas mais bonitas, pois para muitos o caderno passou a ser um objeto de distinção de classe social. Para outros, os menos favorecidos adquirem o caderno mais simples, já que não dispõe de recursos financeiros para atender os desejos dos filhos.

Nessa perspectiva, para boa parte do alunado, o caderno perdeu sua função essencial que é anotar as aulas, as informações transmitidas na sala de aula e, conseqüentemente, aquele que anota as informações no caderno consegue prender a atenção e também apreender melhor os objetos de conhecimentos trabalhados em sala, e, portanto, tem mais facilidade para estudar em casa com mais tranquilidade, pois quando o aluno faz as anotações em sala de aula, ele terá mais habilidade para realizar suas atividades de forma autônoma. Entretanto, o aluno que

não faz anotações no caderno possivelmente não terá o mesmo desempenho que os outros.

Em contrapartida, faz-se necessário que o professor, coordenação pedagógica, gestão e demais servidores tenham cadernos a fim de que possam também fazer uso do dele, já que este é primordial para registrar as informações que todos têm necessidade de usá-las no dia a dia. Almeida pontua que:

Os benefícios desse material não são somente dos alunos: o professor deve usá-los para analisar a maneira como ensina e ter mais repertório de informações sobre como a turma aprende. O coordenador pedagógico, por sua vez, também pode se valer da leitura atenta desses para ajudar o professor a fazer o planejamento das aulas futuras e elaborar um plano de formação para a equipe (Almeida, 2010, p. 2).

Nessa perspectiva, percebe-se que os cadernos escolares propiciam um estudo sobre as diferentes visões, transformações e valores do meio escolar, já que eles permitem uma aproximação mais autêntica da realidade e das práticas escolares. Além disso, é um suporte muito valioso para anotar, planejar e fazer registro das atividades/reuniões de tudo aquilo que é desenvolvido dentro e fora das escolas. Portanto, compreender esse contexto é de grande valia para entender as transformações e a história tanto da escola, quanto do aluno e suas memórias.

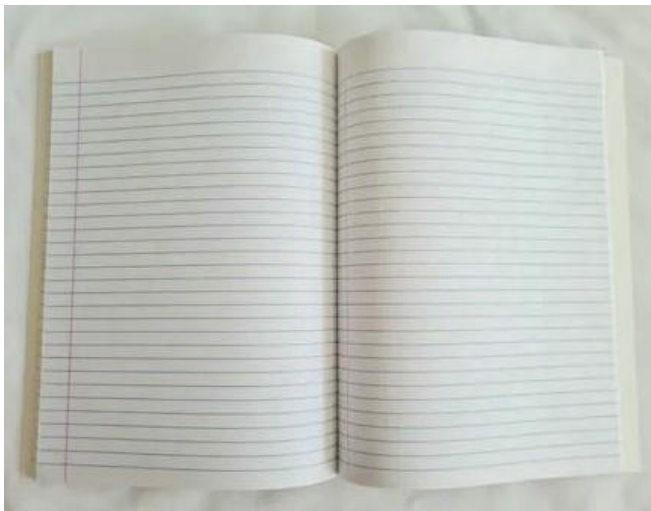
## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo teve como ideia central fazer uma rememoração de um objeto peculiar da cultura material que fez parte da minha infância escolar. Para tanto, o objeto que mais marcou minha vida foi o caderno brochura, que é considerado um objeto mais tradicional do processo de escolarização. Assim, ao fazer este percurso, pude constatar alguns aspectos relacionados à rotina da sala de aula, bem como

## MEU CADERNO BROCHURA... MINHA HISTÓRIA, MINHA VIDA!

descrever determinadas funções que o caderno abarca no cotidiano das pessoas.

Figura 4: Imagens ilustrativas de cadernos brochura capa mole



Fonte: Pinterest

As ilustrações acima trazem uma ideia de como os cadernos eram. Estes, depois de usados durante o ano letivo, as folhas utilizadas eram retiradas e as que sobraram eram separadas, costuradas e/ou coladas

e em seguida a professora Dona Rosa Magalhães encapava esse novo caderno e no ano seguinte doava para os estudantes que não tinham condições de comprar.

Nesse sentido, depois de refletir sobre a importância do caderno na vida dos estudantes, refleti também que os cadernos são instrumentos de controle da escola sobre o professor. Deste sobre a criança e dos pais sobre o trabalho do professor e do estudante. Isso fica evidente através das atividades realizadas durante o ano letivo, no qual há uma cobrança por parte da escola em relação aos professores, e, conseqüentemente, dos professores sobre os estudantes e por fim, dos pais sobre os filhos, que intrinsecamente há uma relação sucessiva de atos circulares nesse processo de ensino-aprendizagem.

Diante disso, mesmo com todo o aparato tecnológico, o caderno em sala de aula ainda é o material que não pode faltar, porque sem ele não damos conta de registrar todas as informações em nossa mente. Além disso, tanto os professores, quanto os alunos não têm acesso à tecnologia no ambiente escolar. Dessa forma, é humanamente impossível não recorrer ao nosso mais antigo instrumento de registro — o caderno. Então, ele ainda é a fonte mais segura para registrar as informações sobre os objetos de conhecimento trabalhados em sala de aula.

Diante do exposto, pude rememorar toda a minha trajetória acadêmica até aqui, e isso só foi possível porque através dessa anamnese, relembrei os meus primeiros passos desde o meu primeiro contato com outras crianças e outras pessoas adultas. Logo, foi assim que iniciei minha vida escolar, com muitas dificuldades financeiras, e até mesmo alimentar, porém, isso não me impediu de querer avançar e construir a minha história através da ajuda incomparável de uma professora que acreditava que a Educação é a chave-mestra para a transformação do ser humano. Desse modo, aprendi a ler e escrever em 1982, e finalmente pude ser matriculada na Escola Santamariense para cursar a 1ª série.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Casimiro de. **Obras Completas**. São Paulo-SP: Editora Nacional, 2003.
- ALMEIDA, Fernando José de. Caderno: memórias de uma formação. **Nova Escola**: 2010. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/615/caderno-memorias-de-uma-formacao>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 12 nov. 2022.
- CORDOVA, Tânia. Redações, cartas e composições livres: o caderno escolar como objeto da cultura material da escola (Lages/SC — 1935). **Revista História da Educação**, v. 20, n. 49, p. 209–226, 2016.
- ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas-SP: Editora Alínea, 2017.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica de 2021**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2021. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/resumo\\_tecnico\\_censo\\_escolar\\_2021.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2021.pdf). Acesso em: 12 nov. 2022.

# CADERNO DE CALIGRAFIA: MEMÓRIA AFETIVA, RESGATE E CONTEXTUALIZAÇÃO

Gilsinei de Jesus Pereira

## INTRODUÇÃO

A escrita que temos hoje, carrega muitos significados. A escrita formal surgiu na Mesopotâmia e foi criada pelos Sumérios. Eles desenvolveram a escrita cuneiforme, considerada a escrita mais antiga do mundo, onde seus registros eram feitos em argilas, pedras de argilas e madeiras, onde os povos deixavam registrados sua comunicação e que variavam de povo para povo.

No Brasil não foi muito diferente. As primeiras escritas eram feitas no chão e ficavam vulneráveis às intempéries, posteriormente esses registros migraram para as cavernas, onde os povos registravam rotas, caças e culturas. Nem sempre a escrita foi do jeito que conhecemos atualmente, a escrita passou por constantes transformações, para obtermos a escrita que faz parte do nosso convívio atualmente.

Com intuito de amenizar as dificuldades que muitas pessoas têm com a grafia, foi criado um caderno cujo nome é “caderno de caligrafia” cali=bonita, grafia=letra, caligrafia=a bonita letra ou letra bonita.

Assim, este estudo nos permite compreender a importância do caderno de caligrafia, sua operacionalização na sociedade contempo-

rânea e como a sociedade vem utilizando-o atualmente. Sendo assim, essa pesquisa faz um apanhado da origem da escrita e a sua evolução até os dias atuais, as vantagens e desvantagens do uso do caderno e como a utilização do mesmo impactou positivamente a minha vida.

Na escola, a utilização do caderno de caligrafia ainda encontra alguns embates, pois muitos alunos sentem vergonha em utilizá-lo. A falta de apoio dos pais, que não dão o suporte necessário para ajudar seus filhos na melhora da grafia, corrobora para agravar a letra quase que ilegível dos estudantes. É fato que os alunos estão cada dia mais desmotivados para escrever no caderno tendo em vista que os aparelhos tecnológicos vieram para facilitar o processo de ensino e aprendizagem e ao mesmo tempo deixaram lacunas na vida dos alunos.

Percebe-se que os alunos estão escrevendo muito mais, só que uma escrita que foge das normas cultas, escritas abreviadas, o corretor corrige os erros automaticamente, sem que os alunos ao menos entendam a forma correta de escrever.

A origem dessa pesquisa de memórias sobre um objeto da Cultura Material Escolar, se deu em decorrência da minha ligação com o caderno de caligrafia e seu impacto positivo em minha vida, além de como uma ferramenta tão importante para a construção de uma grafia legível, enfrenta preconceito pelos jovens, que ainda tem vergonha de utilizar esse instrumento tão importante.

No decorrer do texto, buscamos compreender a importância do caderno de caligrafia, seus impactos positivos na vida daqueles que o utilizam ou utilizaram e quais os impactos positivos e negativos que os avanços tecnológicos trouxeram para a escrita dos estudantes.

## A ESCRITA TEM HISTÓRIA?

A escrita que surgiu por volta de 3.500 a.C na Mesopotâmia, foi criada pelos Sumérios, onde os registros cotidianos eram feitos na argila com símbolos formados por cones. Nesse mesmo período no Egito, surgiram os hieróglifos.

Partindo desse pressuposto, podemos compreender que ao longo de sua história, a humanidade sempre buscou formas de comunicação que se deram através da oralidade, símbolos ou desenhos até o surgimento de uma escrita formal. Assim, a escrita teve início desde milhares de anos quando o homem teve a necessidade de registrar tantos os acontecimentos de sua existência cotidiana, quanto as histórias primitivas do comércio.

A escrita formal marca o encerramento da Pré-História, passando por inúmeras transformações até chegar à escrita que conhecemos hoje. É importante salientar que no Brasil as pinturas rupestres foram a nossa primeira forma de comunicação.

As pinturas rupestres eram desenhos simbólicos, os quais objetivava representar coisas, sejam elas animais, objetos ou pessoas. Estudiosos já encontraram em paredes de cavernas pelo mundo, gravações que datam de cerca de 40 mil anos. Como não havia organização, cada pessoa ou grupo de homínídeos, simbolizava aquilo que queria externalizar de formas diversas, conforme o que compreendiam como diálogo.

As sociedades através da escrita têm um elo de investigação, pois as variadas formas de escritas, fazem emergir, como vivem ou viviam determinados sujeitos e a sociedade que ele configurava.

No Brasil, por exemplo, a escrita mais próxima do que temos hoje, aportou por essas terras no ano de 1500 quando da invasão portuguesa liderada por Pedro Álvares Cabral e o registro da primeira carta escrita por Pero Vaz de Caminha para ser enviada ao rei de Portugal. Nesse registro, ele vinha descrevendo as características das terras recém-descobertas. A carta ficou conhecida como carta de Caminha, sendo considerada por muitos como a “certidão de nascimento do Brasil”, por ser o primeiro documento oficial sobre o país quando consideradas as lógicas dominantes europeias que descredenciavam a existência dos povos originários, suas culturas e formas de escrita.



## CADERNO DE CALIGRAFIA: ONTEM, HOJE E AMANHÃ

Epistemologicamente, o caderno de caligrafia nos remete à inúmeras lembranças e sensações. Para alguns, são memórias de repressão, pois a utilização do mesmo era praticada de maneira punitiva, já para outros, uma memória afetiva, pois utilizava com muito amor, carinho e esmero, promovendo uma autotransformação da qualidade legível da própria letra.

O caderno de caligrafia surgiu no ano de 1522, criado pelo italiano Lodovico Arrighi. Ele foi responsável pela primeira publicação, deu origem também ao estilo de caligrafia que hoje denominamos como itálico. Com o passar do tempo outros cadernos foram impressos, tendo seus tipos gravados em chapa de cobre cujo nome era calcografia.

## O CADERNO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O caderno de caligrafia tem a função de melhorar a grafia das pessoas. Sempre foi muito utilizado nas escolas e fazia parte da lista de materiais escolares dos educandos. Sua utilização era feita pela maioria dos alunos, principalmente aqueles que não tinham uma caligrafia considerada satisfatória, sendo quase que obrigatória pelas mulheres. As meninas deveriam ter letras bonitas, garrafais e bem desenhadas, os meninos não sofriam essa cobrança de uma caligrafia perfeita, ou seja, praticar a caligrafia também carrega as marcas das desigualdades de gênero em nossa sociedade. Os cadernos de caligrafias para Chartier (1990, p. 23) “marcam de forma visível, perpetuada a existência do grupo, classe ou da comunidade”.

Souza (2000, p. 7) reforça esse pensamento quando afirma que o caderno de caligrafia, utilizado antigamente, permite ao pesquisador uma “investigação histórica da escola”. Através de sua análise, permite compreender a história da leitura, alfabetização e currículo escolar. Mediante a essa concepção, podemos perceber a Cultura Material Escolar representada e apropriada no caderno de caligrafia.

Para Chartier (1990), o caderno de caligrafia que era utilizado antigamente e quando analisado minuciosamente, permite entender as relações sociais com o mundo. Seu uso nas escolas servia para “exercitar a mão, na tarefa de produzir”. O caderno de caligrafia, ainda se encontra dentro dos muros escolares, mesmo que em números bastante reduzidos, os educandos que fazem uso desse instrumento de melhoramento gráfico, possuem “uma escrita homogênea, harmônica e elegante” (Chartier, 1990, p. 23).

## MEMÓRIAS DE UTILIZAÇÃO DO CADERNO DE CALIGRAFIA: MEU OLHAR

Particularmente, um objeto que marcou minha infância, minha vida e faz parte de minha história, foi o caderno de caligrafia. A utilização desse objeto cotidianamente na época da escola, deixou memórias afetivas e significativas. Com o passar do tempo, essas lembranças adormeceram e num instante, quando nos deparamos novamente com aquele material, essas memórias acordaram e fizeram emergir significados: “Olha o arquivo e os objetos escolares enquanto elementos de memória é abrir caminhos para a pesquisa no ambiente da escola e gerar possibilidades de um ensino significativo” (Serpa; Brito, 2021, p. 51).

Diante desse contexto, o contato com objetos escolares nos faz reviver sentimentos e sensações que estavam adormecidos, emergindo lembranças e memórias afetivas. Como afirma Escolano Benito (2018, p. 177): “A passagem do sujeito, pela escola é um marco integrado no processo de construção ou de reconstrução da própria identidade narrativa”.

Na época da escola, sempre fui criticado por ter letras muito pequenas, quase impossível de ler e entender, acredito que só utilizando uma lupa, de tão minúsculas que eram, nas raras visitas que minha mãe fazia na escola, além dos antigos discursos “ele conversa muito!”, que sempre vinha acompanhado de “Precisa treinar caligrafia”.

Foi percebendo as dificuldades referente as letras, que sempre fora sinalizado pelos professores, que meus pais resolveram comprar um caderno de caligrafia para que eu pudesse treinar a escrita. Todas as tardes, exatamente às 17 horas eu começava meu treinamento. Toda vez, que me deparo com um caderno de caligrafia é como se minha memória fizesse um passeio revisitando o passado nem tão longínquo, fazendo emergir inúmeros sentimentos bons. Me faz lembrar a fala de Bergson quando afirma que “a memória é o acúmulo de vários passados e que é ativada quando estamos no estado de vigília” (Bergson, 2011, p. 4), sendo reforçado esse pensamento com a fala de Escolano Benito, quando afirma que “A memória, definitivamente, é um conjunto estruturador de toda cultura escolar, por sua vez, construção da subjetividade” (Escolano Benito, 2018, p. 185).

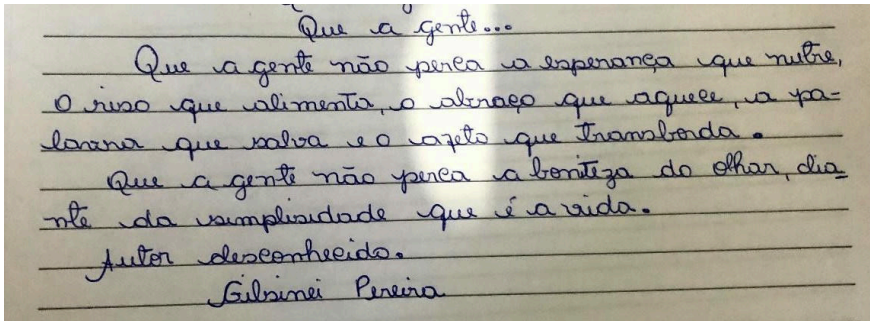
Diante dessa perspectiva, podemos afirmar que as recordações do passado são restaurações de fatos. A releitura do passado à luz do presente, fazendo com que as lembranças tenham um caráter afluyente com algumas situações, como por exemplo, o contato com o objeto que é o caderno de caligrafia, se essas lembranças continuam intactas é sinal que realmente marcaram nossas vidas.

Esse contato com o objeto da Cultura Material Escolar, que faz relembrar situações, sinaliza que continuamos as mesmas pessoas, porém, em outro contexto social. Essas lembranças nos fazem rememorar situações, como se o passado não tivesse sido alterado, com novas lembranças, novos contextos, como bem ressalta Halbwachs (2004) ao nos depararmos com o objeto caderno de caligrafia, “temos a ilusão, de reencontrar, esse passado inalterado, porque nos reencontramos, nós mesmo no estado em que atravessávamos” (Halbwachs, 2004, p. 41).

Com o passar do tempo fui percebendo de maneira significativa as mudanças em minha grafia. No início, as letras começaram a ficar maiores e aos poucos configurando novas formas, comecei a diminuir e percebi que elas estavam redondas, legíveis e muito mais bonitas. Sempre gostei de escrever e os colegas diziam “Que letra bonita!” e realmente é, muitos ainda complementam “Nossa que letra linda! parece

letra de mulher”. Essa afirmação remonta ao que foi escrito no início de texto quando me refiro a quase que obrigatoriedade das mulheres terem letras redondas, legíveis e bonitas.

Figura 1: Registro de minha própria letra



Fonte: arquivo do autor

Ademais, criou-se uma ideia estereotipada de que só quem tem letras bonitas são as mulheres e os homens não podem ter letras bonitas. Homens tem “letras feias e em sua maioria ilegíveis”.

Lembro-me que já tive que explicar por diversas vezes para as namoradas de meu irmão que era eu quem escrevia em seu caderno. Inúmeras vezes, meu irmão pedia para que eu escrevesse em seu caderno para comprovar para as suas namoradas que realmente aquela letra era minha.

As brigas giravam em torno das letras bonitas, quem era a menina que meu irmão dava o caderno para escrever durante as aulas. Ele explicava que a letra era do irmão, mesmo assim as meninas não acreditavam e eu era obrigado a ir explicar que de fato a grafia era minha e tinha que provar escrevendo em algum papel. Logo em seguida vinha a surpresa e a famosa frase “Nossa! Que letra linda, parece letra de menina”. Nos trabalhos escolares eu ficava na incumbência da escrita, em casa nas anotações para meus pais, nas anotações na caderneta da mercearia, sempre recebia elogios.

## PERCEPÇÕES DE UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Como professor de Geografia, é nítida a falta de interesse por parte de alguns alunos, principalmente a falta de cuidado dos pais em acompanhar e pedir para que os seus filhos escrevam e utilizem o caderno de caligrafia. É importante lembrar que os cadernos eram comprados pelo nossos pais, a escola tinha o papel de pedir e os pais de providenciar. Hoje, a escola não pede e algumas dão o caderno e deixa na incumbência dos pais e alunos, só que muitas das vezes sem sucesso algum.

Os alunos estão perdendo o interesse de escrever e aliado a esse desinteresse, entra a questão familiar, pais que não acompanham a vida escolar de seus filhos, que vão na escola reclamar que os professores estão passando muitas atividades, que os filhos estão escrevendo muito, parece um absurdo, mas é isso, mesmo que ocorra dentro dos muros escolares, inúmeras vezes a escola recebe pais com essas reclamações e quando vamos analisar a vida escolar das crianças e adolescentes, percebemos que são os que mais precisam desse suporte.

Em muitos casos, os alunos não entendem a própria grafia. Na resolução de uma avaliação, chamamos os alunos para decifrar o que eles escreveram e nem eles conseguem entender. Para esses alunos, imediatamente solicitamos para a escola os cadernos de caligrafias. Prontamente a escola providencia e esses cadernos são entregue aos alunos, na esperança que eles utilizem. E para a nossa surpresa, eles não treinam, não utilizam o caderno, muitos guardam e outros perdem, sinalizando realmente a falta de interesse e suporte dado pelos pais para enfrentar esse desafio que é o melhoramento da grafia.

## USO DA TECNOLOGIA E CONSEQUÊNCIA NA CALIGRAFIA

Antes de falar da tecnologia é importante citar a técnica que antecede a tecnologia. Para Vargas (1999), a técnica não se limita à invenção de um instrumento e sim pela intenção do uso e o refinamento dele, com o intuito de facilitar ou possibilitar o seu uso para melhor atender às necessidades das pessoas. Foi no século XVII que surgiram as teorias

científicas para resolver os problemas técnicos. A tecnologia por sua vez é um sistema de informações, telecomunicações, recursos multimídia, utilizados pelas organizações para o fornecimento de dados, informações e conhecimentos.

Segundo Turban (2005, p. 40), o termo Tecnologia da Informação pode ser definido como “Os serviços de tecnologia que incluem gerenciamento de segurança. A infraestrutura da Tecnologia da informação inclui esses serviços, além de sua integração, operação, documentação, manutenção e gerenciamento”.

Os recursos tecnológicos, principalmente a internet, está evoluindo na velocidade da luz como a ferramenta mais promissora depois da implantação da televisão, considerada a mídia mais descentralizada e ao mesmo tempo ameaçadora para todos que a utilizam. Hoje podemos ter acesso a qualquer pessoa em qualquer parte do mundo, caso tenha algum recurso tecnológico e internet, como descreve Milton Santos, a tecnologia aproximou as pessoas que estão distantes e afastou quem está perto. Segunda a UNESCO (2015), os dispositivos móveis tais como celulares, tablets, são as tecnologias mais difundidas da história, para se ter uma ideia, das 7 bilhões de pessoas, mais de 6 bilhões tem acesso a um telefone.

Quem utiliza essa ferramenta de maneira consciente e para seu próprio benefício, encontra uma riqueza imensurável de informações, site com aulas e explicações de conteúdos, os alunos podem criar suas homepages, conseguem acesso à textos, imagens, comunicam-se com pessoas de outras cidades, estados e países, ou seja, tem um mundo de informações em suas mãos.

Na educação, essa ferramenta tecnológica é importantíssima, porém, se utilizada de maneira correta e consciente. O que se percebe é a maneira inadequada de sua utilização, as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICS) estão invadindo o campo educacional, as mídias digitais passaram a incorporar a vida dos adolescentes, que representam um terço da população mundial e um terço de usuários da internet.

Diante dessa perspectiva, podemos observar que em muitas escolas há uma má utilização desses recursos digitais. Os alunos não utilizam para pesquisas, observa-se em sua maioria o uso do aparelho celular para ouvir músicas e vídeos no “*TikTok*”. *TikTok* é uma rede social para compartilhamentos de vídeos curtos, em média 15 segundos a 3 minutos, com conteúdo de músicas, danças e dublagens. Muitos alunos utilizam a ferramenta para paquerar, essa afirmativa faz lembrar o pensamento do Street quando afirma “As maneiras pelas quais as pessoas lidam com a leitura e escrita, estão enraizadas em concepções de conhecimentos, identidade e ser” (Street, 2003, p. 6).

Diante dessa afirmativa, podemos considerar que a escrita revela em qual contexto social os estudantes estão inseridos, o que podemos concluir, relacionado ao caderno de caligrafia, é que os alunos acreditam que não precisam ter uma grafia legível. Pouco praticam em seus cadernos, mesmo as crianças e adolescentes estarem escrevendo muito mais através dos recursos tecnológicos digitais, podemos notar a utilização inadequada da língua portuguesa, cheia de abreviações, códigos e figuras de linguagens.

Outros pontos a serem reforçados são a pontuação e a acentuação, que os chamados corretores fazem nas escritas de quem digita textos, frases ou pensamentos. Muito nem se quer tem a curiosidade de saber o porquê da frase está errada, só corrigem e enviam. Essas são algumas desvantagens da má utilização da tecnologia quando tira dos alunos o interesse de saber o porquê das coisas, facilita muito a vida de todos. Todavia, sua utilização por muito ocorre de maneira a não explorar e ir além do que esse recurso oferece, gerando sujeitos com limitações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caderno de caligrafia é muito importante pois auxilia os estudantes no desenvolvimento de uma grafia legível. Ter um caderno de caligrafia fazia parte da vida escolar dos educandos, mas atualmente o que se observa na escola são alunos que não conseguem entender

o que escrevem e muito se recusam a utilizar o caderno de caligrafia por vergonha. Dessa maneira, busquei fazer emergir a importância do caderno de caligrafia e seu impacto de maneira positiva e significativa em minha vida onde até os dias atuais colho os frutos. Por fim, busquei demonstrar os avanços da tecnologia e seus impactos positivos e negativo na utilização da escrita como forma de conscientizar sobre a sua utilização.

## REFERÊNCIAS

- BERGSON, H. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes. (1999). Matéria e memória. São Paulo, Martins Fontes. 2005.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- ESCOLANO BENITO, A. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas, SP: Alínea, 2017.
- HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Antrophos, 2004.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2009.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1. Campinas: Editora Autores Associados/SBHE, jan./jun. 2001, p. 9-43.
- NAMER, G. Prólogo. *In*: HALBWACHS, M. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona, Antrophos, 2004.
- SERPA, Maria Augusta da S.; BRITO, Anderson D. da S.; Arquivo escolar e pesquisa: um olhar para objetos da cultura material enquanto elementos da memória do ensino. *In*: FIGUEROA, Ana Maria S.; BRITO, Anderson D. da S.; NUNES, Vera Regiane B. (org.). **Entre museus e arquivos: contribuições para pesquisas e práticas sobre ensino**. São Paulo: Bookerfield Editora, 2021.
- SOUZA, Rosa Fátima. Um itinerário de pesquisa sobre cultura escolar. *In*: CUNHA, Marcus Vinicius da (org.) **Ideário e Imagens da Educação Escolar**. Campinas: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000.



STREET, B. What's "New" in New Literacy Studies? Critical Approaches to Literacy in Theory and Practice. *Current Issues in Comparative Education*, v. 5, n. 2, 2003. Disponível em: <https://doi.org/nv9m>.

TURBAN. *Introdução a Sistemas de Informação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

UNESCO. *La lectura en la era móvil: Un estudio sobre la lectura móvil en los países en desarrollo*. México-DF: UNESCO, 2015.

VARGAS, Milton. Prefácio. GRINSPUN, Mírian P. S. Zippin (org.). *Educação tecnológica: desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1999.

Capítulo 5

# O CADERNO DE CALIGRAFIA: MEMÓRIAS DE UMA ESCOLA RURAL

Douglas Novais da Silva

## INTRODUÇÃO

*Sou eu que vou seguir você  
Do primeiro rabisco até o bê-a-bá  
Em todos os desenhos Coloridos vou estar  
A casa, a montanha, duas nuvens no céu  
E um sol a sorrir no papel (...)*

— O caderno, Toquinho

Falar sobre minhas memórias escolares é recordar-me de uma época pela qual tenho muitas saudades e guardo boas recordações, primeiro, pela infância de outrora, segundo, pelas experiências vivenciadas nas escolas. Experiências essas que em sua maioria se constituíram em escolas públicas urbanas, com exceção de um ano em específico, a quarta série, hoje, reconhecida enquanto quinto ano do Ensino Fundamental — anos iniciais, o qual estudei em uma escola rural. Tal alteração ocorreu em virtude da mudança dos meus pais da cidade para a zona rural, pois, meu pai havia sido contratado para trabalhar enquanto

vaqueiro de uma grande fazenda no povoado de Itapira, no município de Wanderley, no Extremo Oeste da Bahia.

Sempre entusiasmado para estudar, a experiência na nova escola muito me animava, visto se tratar de uma outra realidade, agora no campo, e em uma diferente instituição. Com uma estrutura menor em relação aos espaços educacionais formais que se localizavam na cidade, a Escola Municipal Maxionílio José de Brito possuía quatro salas de aulas, um pátio, uma sala de direção e uma cantina. Recordo-me que a escola tinha um corpo docente de quatro professores, todos residentes no povoado, dentre estes a única que tive contato foi a jovem professora Marleide, popularmente conhecido como Leide, a qual iria me acompanhar durante todo o ano letivo.

Portadora de uma atenção e simpatia única, a docente logo no primeiro contato me fascinou. Acreditava que por ser em uma escola rural, ela seria mais velha, bem como também, mais rígida com os alunos, o que foi um grande engano. Seu domínio pelas letras, e como as conduziam no quadro era de uma tamanha poética que encantava a todos os estudantes.

Com uma caligrafia exemplar, em uma segunda-feira, na aula de Língua Portuguesa ela nos propôs a escrevermos um trecho da cantiga de roda “A Barata Diz Que Tem”, a qual havia sido copiado no quadro anteriormente e tal exercício tinha como objetivo observar nossas caligrafias. Finalizada, ela teceu comentários sobre a grafia de todos, e me avisou que antes da saída gostaria de conversar comigo, como também, com outros colegas.

Assim, finalizada a aula, me direcionei à sua mesa, e com sua extrema simpatia ela informou-me da necessidade do melhoramento da grafia das letras. Para isso, entregou-me um pequeno caderno, o qual inicialmente achei engraçado pela estética diferenciada em relação aos demais que eu possuía. Ao entregar, ela comunicou da necessidade de levar aquele objeto de ensino todos os dias para a aula de Língua Portuguesa, de forma que seria instruído como utilizar. Tal comunicado causou um pouco de receio aos meus colegas, no entanto, em mim

despertou uma enorme euforia, pois, nunca havia ganhado nenhum presente em minha vida até àquele momento, sendo o caderno de caligrafia o primeiro recebido.

Este caderno me fez companhia durante toda a minha trajetória e experiência na Escola Municipal Maxionílio José de Brito, o qual guardo em um local especial até os dias de hoje. É a partir dele que apresentarei as minhas memórias daquela instituição que está localizada em um espaço rural do município de Wanderley-BA e foi tão significativa em toda a minha formação.

Desse modo, intitulado de “*O caderno de caligrafia: memórias de uma escola rural*”, o presente capítulo busca apresentar a partir do objeto escolar caderno de caligrafia, as memórias de vivência em uma instituição de ensino rural. Para tanto, o texto está dividido em duas partes, na primeira será refletido acerca do caderno de caligrafia enquanto objeto da cultura/memória escolar, já na segunda parte será apresentado o caderno de caligrafia e as memórias da Escola Municipal Maxionílio José de Brito.

## **NAS GRAFIAS ESCOLARES: O CADERNO DE CALIGRAFIA ENQUANTO OBJETO DE MEMÓRIA**

O caderno é um objeto imprescindível na vivência escolar de qualquer sujeito. Ele desempenha um importante papel nos processos de ensino e de aprendizagem, função primordial das instituições escolares. No entanto, se faz necessário apontar que existe para mais de um tipo de caderno, desde os de desenhos, os de escritas e até mesmo os específicos cadernos de caligrafia.

Utilizado para o melhoramento da escrita, ou seja, da parte gráfica e estética das letras, o caderno de caligrafia é um objeto que a muito tempo faz parte da vida escolar de uma significativa gama de estudantes. Inicialmente reservado à poucas pessoas, tendo em vista a escrita tratar-se de uma arte, o caderno foi ganhando destaque e sendo inserido

enquanto material obrigatório à alguns estudantes ao longo da trajetória escolar. Neste contexto, Bastos e Stephanou apontam que,

A prática da caligrafia é uma das ações que integram o ensino da escrita. Busca aperfeiçoar e afinar os sentidos da mão e a ortopedia do corpo, condições fundamentais para desenvolver hábitos de ordem, disciplina e estética do texto. Tal processo de regulação da escrita é, também, mecanismo de regulação do corpo e instrumentalização do social (Bastos; Stephanou, 2008, p. 2).

Deste modo, percebe-se que o caderno de caligrafia se configura enquanto um importante aparato para o ensino da escrita. Normatizado, e instrumento de regulação, ele busca aperfeiçoar a condição estética da grafia do estudante, a fim de que este possa escrever de uma melhor forma, com letras mais afinadas e, sobretudo, compreensíveis/legíveis.

Trata-se de um recurso pedagógico e cultural utilizado com a intenção de melhorar o traçado das letras, principalmente, a cursiva. Para Grazziotine e Gastaud (2010, p. 222), o caderno de caligrafia “faz da intencionalidade de repetição mecânica com fins técnicos, um lugar de doutrinação em função de outros objetivos que vão além do caráter meramente ‘anatômico’ da escrita.” Sendo assim, considera-se que para alcançar uma boa letra é necessário aprender técnicas de aperfeiçoamento, muitas vezes, baseadas em exaustivas cópias.

Assim, enquanto material escolar dos alunos, como objeto de aperfeiçoamento da grafia das palavras, o caderno de caligrafia se constitui na qualidade de um elemento pertencente à cultura escolar, esta que segundo Escolano Benito pode ser compreendida como memória, à medida que “a cultura da escola, ao universalizar-se nas sociedades ilustradas e de democracia avançada, passou a fazer parte de nossa memória individual e coletiva” (Escolano Benito, 2017, p. 177). Ou seja, a experiência da passagem pela escola passou a ser um marco em nossas trajetórias, a qual se configura enquanto uma significativa peça

na construção das identidades narrativas, de forma que sempre que recordamos e falamos sobre nossas vivências, a experiência escolar é um elemento presente.

À vista disso, uma parte das memórias escolares permanecem estáveis, no entanto, uma outra parte são remodeladas, ou seja, se deformam. Porém, como apontado anteriormente, tem aspectos da vida escolar que os sujeitos sempre tendem a recordar, de modo, que são memórias que permanecem mesmo com o passar do tempo, a isso, que não é esquecido, Escolano Benito (2017) nomeia de *os conteúdos da memória*.

Para este autor, em seu clássico livro “*A Escola como Cultura: experiência, memória e arqueologia*” os indivíduos que passaram pela escola sempre tendem a se recordarem de alguns aspectos dessa vivência. Segundo ele, um dos principais aspectos são os cenários em que os processos de ensino e de aprendizagem se desenvolveram, ou seja, os prédios, as construções escolares, estes que correspondem aos espaços em que durante o período escolar se faziam presentes constantemente. Posterior, um outro aspecto é a noção de tempo, o qual sempre é recorrente nas memórias, pois, é “junto com o espaço, um dos elementos estruturais e estruturantes da cultura da escola, que interfere igualmente na organização da memória dos sujeitos” (Escolano Benito, 2017, p. 193), na medida em que os horários escolares e seus calendários sempre figuram nas lembranças das pessoas.

Outra e importante característica da escola que permeia a memória escolar dos sujeitos diz respeito ao contato com os colegas e professores. A lembrança desses atores e suas relações e interações cotidianas do dia a dia compõem a experiência escolar. De modo que, são inúmeras as memórias acerca dos professores, muitas contraditórias, algumas positivas e outras negativas, visto que o educador julga, examina e submete os ordenamentos escolares.

Por fim, uma outra característica que permeia as memórias escolares, a qual está relacionada com o caderno de caligrafia, remete-se às materialidades escolares, isto é, a instrumentos, textos, equipamentos

e materiais que fizeram parte da instituição. Sobre isso, Escolano e Benito reflete que,

As materialidades escolares são mediações-vestígio, que circulam no pequeno universo da instituição educativa, em que transcorreu a vida dos sujeitos, durante anos decisivos para a conformação da personalidade. Especial lembrança se costuma guardar dos manuais utilizados para aprender a ler, escrever e contar — as três habilidades básicas da escola elementar, em todo tempo e lugar. Recordam-se igualmente de outros textos, como as enciclopédias, os livros de leitura, os catecismos, os manuais de lições de coisas (...). Enfim, o manual será lembrado como um dos expoentes mais claros e mais bem recordados da cultura da escola (Escolano Benito, 2017, p. 199).

Desse modo, enquanto elemento da materialidade escolar, o caderno de caligrafia constitui-se em um objeto que atravessa a memória escolar dos sujeitos que a ele reportaram para o aprimoramento da escrita durante a passagem pela sala de aula. Assim, a partir das memórias em torno do caderno é possível reativar informações, percebendo mudanças e permanências no que dizem respeito à instituição, pois tal material faz parte da cultura escolar.

Afinal, a cultura escolar deve ser compreendida enquanto memória, pois, “a memória é ao mesmo tempo uma cultura encarnada, isto é, uma tradição incorporada à nossa subjetividade e à dos outros; faz parte, portanto de nossa biografia e das histórias de vida dos demais sujeitos escolarizados” (Escolano Benito, 2017, p. 201). De modo que, o contato com objetos da cultura material escolar utilizados durante a passagem pela escola e as aprendizagens nela realizada, comportam não somente uma lembrança emotiva, mas, atos, ações e padrões encarnados devido às práticas durante a vivência na escola, tendo como exemplo a forma da escrita, a disposição das letras no papel e a forma como a mão segura e utiliza os instrumentos necessários, como o lápis.

## NAS GRAFIAS DE UMA ESCOLA RURAL: O CADERNO DE CALIGRAFIA

Oriundo de uma formação quase que inteiramente no centro urbano do município de Wanderley no Extremo Oeste da Bahia, no ano de 2007, em virtude da mudança dos meus pais para a zona rural, para trabalharem enquanto cuidadores de uma grande fazenda, no povoado de Itapira, tive que mudar-me de escola para cursar a quarta série/quinto ano, última etapa para a passagem para os anos finais do Ensino Fundamental. A experiência veio com grande alegria, primeiro por se tratar de uma nova instituição de ensino em que eu estudaria, a Escola Municipal Maxionílio José de Brito, e em segundo pela vivência no campo, algo que me encantava pelo contato direto com a natureza e com os animais.

No entanto, o que eu pouco imaginava, era que essa experiência seria marcada por um caderno, o de caligrafia. Presente da professora Marleide, o caderno de caligrafia chegou à minha pessoa por conta da necessidade do melhoramento da escrita, a qual, desenvolvia somente letras “em forma”, com pouco domínio das letras cursivas.

Figura 1: Caderno de Caligrafia



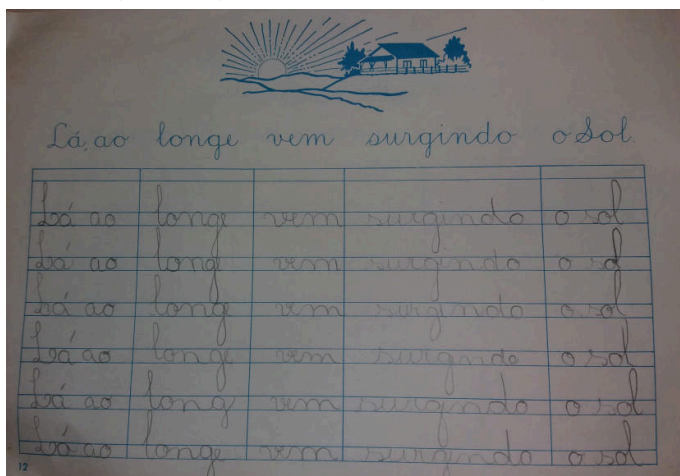
Fonte: acervo pessoal do autor



Com pouco mais de trinta páginas, o caderno de caligrafia em um formato desproporcional, lembrava bastante um caderno de desenho. Algo novo para mim, pois, nunca havia visto ou tido um caderno igual a aquele, o que me deixava animado para em suas páginas escrever. Era um caderno tipo brochura, grampeado no centro das folhas e da capa, as quais lembravam a vida no campo, com árvores e animais, o que de certa forma me fazia identificar-me com o local em que morávamos e que a escola estava inserida. O verso do caderno era preenchido com a letra do Hino Nacional do Brasil.

Obrigatório em todas as aulas de Língua Portuguesa, estas que ocorriam nas segundas, quintas e sextas, o seu uso sempre acontecia em uma das aulas destes dias da semana, na qual, a professora solicitava a realização dos exercícios que consistiam em escrever palavras e frases em letras cursivas (e não “de forma”) nos espaços próprios orientados no caderno. Enquanto escrevíamos no caderno de caligrafia, o restante dos alunos que não o utilizavam, faziam outras atividades, com grande frequência de desenhos e pinturas. Como eu não tinha prática e vontade para aprender o desenho, me sentia feliz em estar exercendo a escrita de letra cursiva no caderno de caligrafia.

Figura 2: Página interna do caderno de caligrafia



Fonte: acervo pessoal do autor

Normalmente as frases e palavras em sua maioria tinham alguma ligação com o campo, com a vida rural. As folhas um pouco amareladas davam a entender que os cadernos de caligrafia presenteados pela professora não eram tão novos. Ou seja, ela, já os possuíam de algum tempo. Porém, mesmo assim, eles se encontravam em ótimas condições.

Desta forma, todas as páginas deveriam ser preenchidas com letras cursivas. Em cada folha do caderno uma frase era apresentada pela professora e repetida, como é da natureza do exercício da caligrafia, da primeira à última linha. Tal exercício mostrava-me a necessidade do aprender fazendo, bem como, do aprender errando. No início, escrever a letra cursiva como era solicitada no caderno era algo trabalhoso, a qual ainda possuía algumas dificuldades, pois, escrevia muito em letras “de forma ou bastão”.

A professora, muito carinhosa como sempre, me chamava à atenção para a importância da escrita da letra cursiva, esta que para além de uma questão estética estava atrelada à necessidade de uma boa escrita, clara e entendível a fim de quem realizasse a leitura do meu caderno à compreendesse sem dificuldades.

Era possível perceber na prática da jovem professora, uma preocupação referente à escrita dos seus alunos para às próximas etapas formativas. Dado que, na maioria das vezes o uso do caderno de caligrafia nas escolas sempre acontecia durante as etapas iniciais, ou seja, durante o processo de letramento até o terceiro ano, e aqui observando a necessidade, ela nos introduziu o uso deste material escolar que ainda não o conhecíamos e não havíamos feito uso para o aperfeiçoamento da grafia das palavras.

Isto posto, é relevante apontar que o caderno de caligrafia se constituía enquanto elemento primordial da minha vivência na Escola Municipal Maxionilio José de Brito. Estudante do turno vespertino, sempre ia para a escola a pé, pois, a instituição não era distante da fazenda. Porém, recordo-me que havia alguns estudantes de outros povoados que faziam o uso do ônibus escolar, como também de motos,

carros e charretes, evidentemente que com o cuidado dos seus pais ou familiares.

Com a aparência de uma casa antiga, a escola possuía quatro salas de aulas, mas, somente duas funcionavam tanto no turno matutino, quanto no vespertino. As outras, serviam como direção/sala de professores e depósito/dispensa. Também tinha uma cantina, na qual era servido o lanche e um pátio que era em volta à escola, onde brincávamos das mais diversas brincadeiras de criança, como “morto-vivo” e “pique-esconde”. As quatro salas de aulas possuíam poucas carteiras, o suficiente somente para atender a quantidade de alunos, esta que era pequena, tendo em vista ser uma escola rural localizada em um território não muito extenso.

A turma em que estava inserido, possuía em torno de uma quantidade de dez alunos, dos quais me recorro de ter cinco pessoas do gênero feminino e cinco do gênero masculino, sendo que, todos que precisaram fazer uso do caderno de caligrafia eram os meninos. Sobre isso, recordo-me que um dos colegas que morava no povoado desde o seu nascimento, argumentava durante todas as atividades de caligrafia que os homens nasceram para o trabalho na enxada e as mulheres que deveriam aprender as letras para serem professoras. Tal discurso estereotipado, hoje me possibilita compreender como a implementação das Diretrizes Nacionais para a Educação do Campo é extremamente importante, visto que deve haver um diálogo entre os conhecimentos comunitários e as práticas locais com os conhecimentos de domínio geral.

A escola recebia e ainda detém este nome, de Maxionílio José de Brito, em homenagem à um rico fazendeiro pertencente à família dos Brito da região, esta que possuía uma enorme propriedade rural no povoado de Itapira. Tanto que, meu pai havia se mudado para o povoado para trabalhar em uma das fazendas pertencentes à essa família.

Com uma estrutura escolar um pouco limitada, todas as atividades de ensino e de aprendizagem aconteciam especificamente na sala de aula, com raras exceções em que íamos para os povoados vizinhos, as

Figura 3: Escola Municipal Maxionilio José de Brito (2007)



Fonte: acervo pessoal do autor

casas próximas dos mais velhos e as plantações. Apesar dessa ausência de um trabalho maior com o território rural, a escola exalava o cheiro do campo, das lavouras de milho e capim, do gado e da singela simplicidade da zona rural.

Também me recordo que poucas eram as atividades “para casa”, visto que tudo era feito na própria escola, até mesmo o uso do caderno de caligrafia, o qual devia ser utilizado sob os cuidados da professora, tanto que não me lembro de tê-lo utilizado em casa, somente na sala de aula com os demais colegas.

O seu uso pelos demais colegas era compreendido como o castigo dos estudantes com letras “feias”, tanto que, alguns alunos não queriam utilizar o caderno de caligrafia na sala, e comumente inventavam histórias que o haviam esquecido somente para não fazerem uso. Tais colegas preferiam fazer as operações matemáticas, com o uso da tabuada no horário destinado ao aprimoramento da escrita.

Entretanto, para mim, o caderno de caligrafia era um material escolar sagrado, tanto que dificilmente retirava-o da mochila em casa, justamente para que não ocorresse o risco de lhe esquecer nos dias das aulas de Língua Portuguesa, as quais muito me fascinavam pelo uso das letras e a formação das palavras.

Deste modo, este caderno de caligrafia percorreu todo o meu quinto ano na Escola Municipal Maxionílio José de Brito. Foi a partir dele e pelo incentivo da professora Marleide que me foi possível adquirir o domínio e o fascínio pela escrita a punho, principalmente no que se refere à letra cursiva. Isto posto, o caderno foi um elemento central na construção do meu modo de escrever atualmente, bem como, contribuiu em outras ações cotidianas, a exemplo da forma com o qual a mão segura a caneta e o lápis para escrever.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que está escrito em mim  
Comigo ficará guardado, se lhe dá prazer  
A vida segue sempre em frente, o que se há de fazer?  
Só peço a você um favor, se puder  
Não me esqueça num canto qualquer (...)

— *O caderno*, Toquinho

Assim, acessar as memórias sobre objetos da Cultura Material Escolares é sempre um exercício muito aconchegante e delicioso de se fazer. Repleto de experiências formativas, algumas alegres, outras não, esta etapa da formação educacional marcou-me bastante, em especial o período do quinto ano, o qual estudei em uma escola localizada no campo e no interior da Bahia.

Etapa de grandes mudanças, a vivência nesta escola rural foi marcada por um simples caderno, o de caligrafia. Presente da professora da turma, foi utilizado para o melhoramento da grafia, em especial a cursiva, que desempenhou um importante papel no gosto pela escrita e pelas letras, bem como, pela leitura. Assim, enquanto materialidade escolar, objeto material que permeou a vivência na escola, o caderno de caligrafia configura-se enquanto um relevante aspecto da minha memória escolar.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria. Traçar letras, palavras e números: caligrafar gestos da escrita e da vida. *In: MIGNOT, Ana Crystina Venancio. Catálogo da Exposição: “Não me esqueça num canto qualquer”*. Rio de Janeiro: Anais do Laboratório Educação e Imagem, 2008.

ESCOLANO BENITO, Agustín. *A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia*. Campinas-SP: Editora Alínea, 2017.

GRAZZIOTINE, Luciana; GASTAUD, Carla. Nos traços de caligrafia, indícios de um tempo escolar. *Revista História da Educação*, v. 14, n. 30, p. 207–226, 2010.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. *In: MIGNOT, Ana Chrystina (org.). Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ, 2008.

# ENTRE LÁPIS E MEMÓRIAS: O OLHAR DE UM ESTUDANTE

Uires Augusto Gonçalves de Carvalho

## INTRODUÇÃO

A escolha do objeto “lápiz”, parte de uma relação íntima de infância que tive com esse objeto outrora “difícil” de se ter para uma determinada classe social de baixo poder aquisitivo. Este relato não se trata apenas de “desenterrar” histórias e vultos significativos do passado, embora a busca por ele apresente sempre um sutil e instigante fascínio. Estas memórias escolares podem ser reconhecidas como portadoras de mensagens, vestígios da circulação de ideias pedagógicas e indicadores de práticas e pertencimentos.

A partir de estudos como este, podemos conhecer um pouco mais da história de objetos da Cultura Material Escolar, que a partir de uma memória, revelam traços marcantes do passado escolar e, isso, nos permite transformá-lo em instrumentos de produção do conhecimento. Dessa forma podemos criar, divulgar, comunicar e preservar esses bens de cunho cultural.

A proposta de investigar os objetos escolares, mais especificamente o lápis, a partir de uma perspectiva da memória, fundamenta-se na recusa de tomar o primado geográfico de definição das fronteiras nacionais para compreender a constituição e expansão da escola pública e obrigatória na passagem do século XIX ao XX. Com a história interna-

cional, fica em evidência a rede complexa de relações na qual a escola e seus materiais encontram-se imersos. Assim, o que se preservou desta materialidade pode ser compreendido como referência material, uma espécie de ancoragem para os indicadores” (Silva; Petry, 2012, p. 19).

Investigar a biografia dos objetos escolares (lápiz) é um procedimento fértil que pode ser usado para perceber como em torno, neste caso do lápis, foram instituídos discursos pedagógicos, econômicos, tecnológicos e comerciais. O destaque aqui será dado a estes três últimos aspectos. Assim, esse estudo busca responder a seguinte questão: qual a importância do lápis para a relação estudante-escola?

O problema aqui levantado será analisado atentando para os aportes da Cultura Material Escolar. Nesse âmbito, Ulpiano Menezes (1994, p. 49) levanta questões teórico metodológicas que são instigadoras quando se lança mão de artefatos materiais como documento: “Qual a natureza do objeto material como documento, em que reside sua capacidade documental, como pode ele ser suporte da informação? [...] que tipo de informação podem os artefatos conter, especialmente de conteúdo histórico?”.

Para o autor, as marcas no sentido de material inscritos nos artefatos orientam leituras que permitem inferências, pontos de vistas, pois a matéria-prima, as técnicas de fabricação, a morfologia do artefato, os sinais de uso, os indícios de diversas durações, selam no objeto informações materialmente observáveis sobre a natureza e as propriedades dos materiais, bem como da organização econômica, social e simbólica da existência social e histórica do objeto.

Assim sendo, os objetos materiais como o lápis têm uma trajetória, uma biografia, uma marca registrada no tempo que é preciso considerar, não para ser observado apenas como material, mas para entender os artefatos na interação social. Portanto, são fontes excepcionais para se entender a sociedade que os produziu a necessidade dessa produção ou reproduziu enquanto precisamente objetos históricos.

Dessa forma, este trabalho tem como premissa compreender a origem, a história, o ciclo do lápis e a importância desse objeto no dia a



dia escolar. É necessário ressaltar que o lápis é um instrumento que nos permite à escrita e dentro desse contexto é preciso fazer uma contextualização com os meios tecnológicos. Com ele podemos escrever uma história grandiosa, mas não podemos esquecer que tal como um lápis, para ele ser útil, precisa de uma mão que o segure e o faça desenhar as letras e as palavras, dando sentido ao pensamento.

## A HISTÓRIA DO LÁPIS

A origem do nome vem do Latim lapis, “pedra”, instrumento para escrever, desenhar ou riscar em um estilete de grafite revestido de um invólucro de madeira. Alguns historiadores afirmam que no século XVII, se deixou um depósito de grafite na Inglaterra e os habitantes locais rapidamente repararam que este material lhes permitia marcar as suas ovelhas com facilidade. A partir de então, a grafite começou a ser encapsulada em cilindros para a criação do instrumento que hoje conhecemos pelo nome de lápis. Diz-se que os italianos foram os primeiros a recorrer a cilindros de madeira.

Ruth Rocha nos diz, que:

Primeiro homem que tentou desenhar ou escrever não fez como nós, que usamos para isso o lápis e o papel, porque naquele tempo não existia nem lápis nem papel. Ele deve ter usado os próprios dedos para fazer marcas e riscos na areia, na terra ou no barro. Mais tarde, deve ter percebido que podia fazer a mesma coisa com pedaços de pau, de ossos ou lascas de pedras. Com o uso do fogo, o homem descobriu o carvão e os ossos carbonizados, que foram os primeiros lápis da História (Rocha, 1992).

Outra versão da história do lápis se remete à época do Império Romano por meio do instrumento chamado stylus, o qual consistia em um pedaço de um fino metal, feito a partir do chumbo e usado para escrever nos papiros.

Certamente, a escrita foi uma das mais importantes descobertas do homem. A capacidade de registrar o pensamento, permitiu uma inédita difusão do conhecimento não só entre indivíduos, mas também por gerações. Contudo, para a aplicação deste grande avanço, naturalmente era necessária a criação de certos instrumentos.

Em 1564, grandes depósitos de grafite foram encontrados no condado de Cumbria, Inglaterra. Inicialmente, os ingleses não sabiam das reais propriedades daquele material parecido com o carvão, porém logo perceberam que o mesmo proporcionava uma marca negra, brilhante e fácil de ser apagada, tendo passado a usá-lo para fazer a marcação de ovelhas. O uso do grafite para a escrita, embora que de forma grosseira, pode ser considerado o nascimento do lápis como o conhecemos hoje em dia. O grafite das minas de Cumbria (Reino Unido) fez tanto sucesso que logo levou a Inglaterra a restringir a exploração do material e exercer um monopólio sobre o produto durante muitos anos.

Pode-se dizer que foi na Alemanha, em 1761, que o lápis começou a ser produzido em larga escala, por meio da fundação da fábrica de Kaspar Faber em Stein, cidade próxima a Nuremberg.

Também é válido ressaltar que foi por meio da rivalidade e dos conflitos entre França e Inglaterra durante o século XVIII que o lápis de grafite duro acabou surgindo, pois Napoleão Bonaparte se viu obrigado a solicitar aos seus cientistas a criação de um produto semelhante ao lápis de grafite inglês. Assim, em 1795, o oficial francês Nicolas Jacques Conté desenvolveu a técnica de misturar o grafite pulverizado com argila e submeter tal mistura a altas temperaturas. No dia 6 de abril de 1564, foi inventado o lápis, na Inglaterra, um utensílio que continua a ser útil nos dias de hoje. O lápis foi concebido para marcar, riscar e até mesmo cortar superfícies.

André (2016) destaca em seu artigo (Memórias: A invenção do lápis) que: o lápis é uma ferramenta para escrever, desenhar ou até riscar papel, habitualmente constituído por um estilete cilíndrico de grafite revestido de madeira, o tradicional lápis de escrever preto. Mudando-se o material do estilete, produzem-se de forma similar lápis de cores.

O precursor mais remoto do lápis talvez tenha sido as varas queimadas cujas pontas foram utilizadas pelos primitivos para gravar inscrições nas cavernas, as famosas pinturas rupestres. Há cerca de 3500 anos no Egito, as “varas” de rabiscar evoluíram para pequenos pincéis capazes de produzir linhas finas e escuras nas superfícies.

Há cerca de 1500 anos, os gregos e depois os romanos, perceberam que estiletes metálicos serviam também ou até melhor ao propósito de registrar dados em superfícies. Pelas suas qualidades, o chumbo passou a ser amplamente empregado para tal fim.

Os primeiros lápis livres de chumbo, datam do século XVI. Nessa época, foi descoberta perto de Borrowdale (Inglaterra), uma grande mina com material bastante puro e sólido — o grafite — chamado de “chumbo negro” em alusão ao mineral concorrente e às suas aplicações.

Os habitantes locais logo descobriram que o “chumbo negro” era muito útil para se marcarem as ovelhas. Atando-se o grafite a varas de madeira, rapidamente surgiram os lápis rústicos, livres de chumbo e parecidos com os que hoje conhecemos.

De acordo com os registros de Giovanbattista Palatino (1994), que escreveu um livro sobre a arte da escrita, sabe-se que os lápis de grafite não eram muito comuns, antes de 1540. Entretanto, numa obra sobre fósseis, Konrad Gesner informava que o grafite já tinha se popularizado em 1565.

A primeira produção de lápis em massa foi atribuída a Friedrich Staedtler, em 1622, na cidade de Nuremberg (Alemanha). O lápis é o utensílio mais utilizado pelo homem, desde as primeiras civilizações até aos dias atuais, mesmo em países com baixos níveis educacionais.

A mina de grafite de Borrowdale permaneceu por muito tempo como fornecedora da melhor matéria-prima para o fabrico dos lápis. Apenas em 1795, na época de Napoleão Bonaparte, o francês Nicolas-Jacques Conté encontrou uma forma viável de produzir grafite aplicável à escrita a partir de material de qualidade inferior. Contudo, em 1832, a importância daquela mina era notória e uma fábrica de lápis instalou-se nas redondezas.

Mesmo com a ascensão dos lápis grafite, os lápis de chumbo mantiveram a sua presença até o século XIX e só se extinguíram definitivamente no século XX, quando se comprovou a toxicidade do chumbo.

Atualmente, o Brasil é o maior produtor mundial de lápis, fabricando 1,9 bilhão de unidades. Anualmente, são produzidos 5,5 bilhões de lápis em todo o mundo. O maior consumidor de lápis são os Estados Unidos com 2,5 bilhões de unidades por ano.

## A CONTRIBUIÇÃO DO LÁPIS NA VIDA DOS ESTUDANTES

Entre os diversos instrumentos de escrita, o lápis é sem dúvida o mais universal. É com ele que os alunos do mundo todo aprendem a proferir os primeiros rabiscos até chegar no estágio da escrita. É com ele que damos vida os primeiros desenhos. Mas você sabia que se trata de um produto que tem uma durabilidade mais extensa, que não é afetado por variações climáticas e escreve até debaixo d'água ou no espaço? Será que existe um outro instrumento tão versátil quanto o lápis?

O lápis é um instrumento que nos permite a escrita como já apontado anteriormente. As atividades feitas com o uso de lápis, ocupam grande parte do tempo escolar, permitindo que crianças passem longos períodos sentadas em suas mesinhas, realizando atividades de coordenação motora. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998), as práticas pedagógicas deverão ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, como também os cuidados pessoais e as diversas formas de linguagens.

Observa-se que as atividades feitas para o uso de lápis têm como objetivo o desenvolvimento do ato motor, porém, grande parte das atividades elaboradas pelos docentes para as crianças menores de anos, não possuem objetivos didáticos claros em torno do desenvolvimento do ato motor e da discriminação perceptual. De modo que a utilização desse recurso dentro da Educação Infantil, serve geralmente para “prestar contas” às famílias e à sociedade sobre o trabalho realizado,

mesmo que alguns estudos comprovem que as tarefas propostas para o uso do lápis têm por finalidade oportunizar experiências significativas em crianças.

## MEMÓRIAS DE CRIANÇA: O LÁPIS COMO INSTRUMENTO DE PARTILHA

Apreciamos os lápis de todas as formas, de todas as cores, dos mais variados preços, tinham até com tabuadas, outros com as duas pontas afiadas, pois como não tínhamos apontador, o jeito era pedir alguém habilidoso para executar essa tarefa. Ressalto que as vezes não íamos assistir as aulas porque não tínhamos lápis e que nesse dia talvez não tivéssemos o de alguém emprestado. Como nunca gostei de faltar as aulas, pude aqui recordar dos ditos populares e sábios de minha saudosa avó Antônia Carvalho que ao me ver angustiado para ir à escola, mas não tinha lápis, perguntava a todos que passavam em frente a nossa simples casinha: “Alguém de vocês tem um toco de ‘lápi’ para dar a esse menino?”.

Ao imaginar essa figura gravada em minha memória, além de sentir alegria, fui pego por uma doce dose de emoção. Veio-me em mente toda a vivência de uma época escolar apreciada com dificuldade pela ausência de material didático, bem como o lápis, a figura em questão, porém, a vontade de chegar a uma instância maior, foi sendo superada pelos empréstimos solidários de colegas do objeto em referência. Você me empresta hoje o seu lápis?

Essas recordações do tempo da escola, por um lado, registram um tempo social, por outro, permitem-nos observar o protagonismo dos objetos na história da educação em todas as suas formas, contribuindo na composição de um quadro social da memória da escola. O que me permitiu fazer esse registro, partiu de um simples toco de lápis que aqui registro.

O ano era 1986, numa pequena comunidade de Pajeú-Canudos, município de Riachão das Neves, em uma escola adaptada numa sala de

uma casa simples. Simples é maneira de dizer: sem piso, sem banheiros, sem ventilação, sem pintura, sem as condições mínimas necessárias para os padrões de hoje. Poucos alunos, professora leiga e material didático escasso. Cadernos, julgávamos ser o mais importante, mas escrever de que forma se eram poucos os que tinham lápis? Nossa querida professora vendo que muitos não tinham lápis, começou a pedir que os que tinham escrevessem primeiro e depois emprestassem aos que não tinham. Nessa batalha diária muitos dos que já eram poucos, foram ficando pelo caminho à espera de que os pais conseguissem comprar o tão desejado lápis de escrever. Recordo-me também de colegas solidários que dividiam o lápis ao meio ficando com um pedaço e doando o outro.

Ressalto que a falta de lápis como um objeto da Cultura Material Escolar necessário e de suma importância para o desenvolvimento de nossa escrita, teve apenas um lado positivo naquela época, aprendemos o valor da partilha.

O tempo passou a passos fustigados, diversos tipos de lápis foram criados e hoje vejo que o meu pedacinho de lápis foi fundamental não somente para que eu aprendesse a escrever, mas essencialmente para que eu aprendesse a dar valor às pequenas coisas, aos pequenos e importantes detalhes que fizeram de mim uma pessoa melhor, destacando a importância da partilha.

Naquela época, minha saudosa avó tinha que adular alguém para me dar um lápis, como ela mesma costumava dizer. Hoje, além de distribuir lápis por onde passo, também distribuo um pouco do que eu aprendi através desse singelo objeto.

## AS RELAÇÕES DO LÁPIS COM AS NOVAS TECNOLOGIAS

A história do lápis se confunde até mesmo com a evolução da humanidade. Por isso, a sua autoria é uma incógnita até hoje. Se tem conhecimento apenas de alguns marcos históricos, como o de Plínio, um naturalista romano conhecido como “o velho”, no ano de 70 d.C.,

quando há os primeiros vestígios de rabiscos com o que hoje podemos chamar de grafite.

A escrita através de objetos como o lápis, teve uma trajetória parecida com a da leitura. Com a invenção e a evolução do telefone, as pessoas deixaram de escrever cartas e passaram a se comunicar por meio de ligações. Conforme o sistema telefônico foi se desenvolvendo e se tornando mais acessível à população, o sistema de envio de cartas enfraqueceu e foi substituído por formas mais ágeis de comunicação: fax, e-mail e mensagens de celular. Assim, com a evolução da tecnologia para computadores e smartphones, o principal meio de comunicação retornou à forma escrita.

Atualmente, por meio de aplicativos e de redes sociais, mandamos e recebemos mensagens, informando aos nossos contatos acerca de nossas vidas, de nossos pensamentos e de nossas filosofias.

A escrita na era digital se tornou intrínseca ao cotidiano que nem se percebe que ao ligar o computador ou desbloquear a tela do celular, há uma escrita quase imediata. Enquanto estiverem conectadas à internet, as pessoas estão lendo e escrevendo ao mesmo tempo. Muito provavelmente, quando se recebe uma mensagem, responde-se, escrevendo. Mesmo que não seja a escrita tradicional, com papel e caneta, ela acontece com muita frequência.

É possível afirmar que mesmo diante dos avanços tecnológicos, este objeto tradicional, de fundamental importância para a construção do processo de escrita, estará sempre presente em nosso dia a dia, geração após geração. A criança ao chegar na escola trará em sua mochila entre outros objetos, um velho e bom lápis para iniciar a construção de sua história, ou seja, haverá sempre um lápis passe o tempo que passar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos demonstrar no discurso do nosso trabalho que a escolha do objeto em pesquisa nunca é absolutamente inocente e que o bom é podermos dispor do conhecimento mais aprofundado sobre

este objeto da Cultura Material Escolar em questão, que por mais que seja familiar, nem sempre valorizamos devidamente. Sem dúvidas este material, poderá contribuir para um alargamento das possibilidades expressivas de sua utilização.

O lápis, surgido na época da Revolução Francesa como apontam as pesquisas, mostrou-se o instrumento de desenho que melhor permite a expressão gráfica desejável, além de ser um instrumento versátil, acessível e, portanto, ao dispor do cidadão, além de prático, resistente e de utilização fácil. O seu traço é rigoroso, mas que permite correções por apagamento, o que o torna ideal tanto para o ensino das letras como das ciências da investigação.

A partir da realização deste estudo, foi possível identificar a história do objeto estudado que marcou a nossa trajetória escolar. Vale ressaltar que este estudo foi de grande relevância, visto que possibilitou o conhecimento, o diálogo e a análise quanto à importância da preservação dos objetos escolares, corroborando para uma melhor compreensão no contexto educacional.

## REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, António José. *Memórias: A invenção do lápis*. Disponível em: <https://www.esquerda.net/artigo/memorias-invencao-do-lapis/42070>.
- BAJARD, E. *Da escuta de textos à leitura*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.
- FREITAS, M. T. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da história: a exposição museológica e o conhecimento histórico, **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 9-42, 1994. Disponível em: <https://doi.org/cdcgnh>.
- ROCHA, Ruth. *O homem e a comunicação. O livro do lápis*. São Paulo: Melhoramentos, 1992.



ENTRE LÁPIS E MEMÓRIAS: O OLHAR DE UM ESTUDANTE

SILVA, Vera Lucia Gaspar; PETRY, Marília Gabriela (org.). **Objetos de escola:** espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar (Santa Catarina — séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012.

# MINHA HISTÓRIA COM A MATEMÁTICA, MEDIADA PELAS MEMÓRIAS COM A TABUADA

Acácia Roberta Silva de Lima

## INTRODUÇÃO

O diálogo, a escrita, os desenhos, as imagens, os livros, as tabuadas... representam importantes elementos que compõem um rico acervo de recursos didáticos e pedagógicos que ao longo da História da Educação, contribuem de forma significativa para auxiliar professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, para além dos recursos a serem utilizados por alunos e professores, cada sala de aula configura um “universo” de múltiplas e diversas realidades sociais, culturais, religiosas, econômicas que nos mais variados contextos se formam como resultado das relações entre indivíduos distintos entre si, sobretudo pelas vivências dentro e fora do contexto da escola.

Nesse contexto de diversidades, escolho registrar minhas memórias com a tabuada que se fez tão presente nos anos iniciais do Ensino Fundamental e que marcou de modo ímpar, esse percurso. A tabuada para além de um recurso material, pedagógico, assume nesse texto o protagonismo de um objeto histórico da Cultura Material Escolar pois está inserido no contexto de formação matemática de uma coletividade composta por incontáveis sujeitos, sobretudo assumindo a importância

e a valoração individual para cada sujeito distintamente. Segundo Pollak:

Uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que define o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros. Neste sentido os professores sentem na sala de aula o distanciamento dos grupos que se identificam como os ‘iguais’ (Pollak, 1989, p. 8–10).

Construir minha narrativa com a matemática a partir das memórias que envolvem a tabuada é algo tão desafiador quanto complexo, sobretudo por envolver emoções e memórias que compõem a minha história enquanto estudante, filha e educadora.

Ao organizar as memórias que compõem minha identidade social e profissional, percebo a necessidade de reflexões mais críticas acerca da análise das memórias, de relatos escritos e falados que tornam possível a expressão de processos, vivências e experiências que evidenciam a construção de uma identidade individual que não se desprende de contribuições coletivas nos mais diversos espaços e territórios que compõem essa trajetória e consequente narrativa de minha vida escolar e das memórias que se formaram. Para Escolano Benito (2017, p. 77), “como instituição social, a escola abriga entre seus muros situações e ações de copresença, que resultam em interações dinâmicas”. Dessa forma cabe dizer que não existe memória coletiva sem antes existir a memória individual, pois a memória coletiva se estabelece ou se instaura a partir das memórias individuais, para Halbwachs isso ocorre quando:

Se a memória coletiva tira força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que cada memória individual

é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (Halbwachs, 2003, p. 69).

## A TABUADA COMO REFERÊNCIA DE MEMÓRIAS

Assim como em muitas outras experiências que compõem a trajetória da vida humana, sobretudo norteadas por suas vivências em sociedade, os objetos da Cultura Material Escolar aqui exemplificados pela tabuada, possibilitam uma narrativa de experiências dentro e fora da sala de aula. O protagonismo desse objeto (a tabuada), se dá neste capítulo, por assumir o papel de “vilã” no processo de ensino e aprendizagem da matemática. Na sala de aula eu que já apresentava dificuldade na compreensão das operações matemáticas do Ensino Fundamental fase inicial, depositava/transferia para a tabuada o medo do que me esperava fora da sala de aula.

Um material impresso sem grande volume físico nem complexidade extraordinária, se faz expressivo em minhas memórias a assumir a função de objeto histórico a partir do momento em que serve, para além da utilização enquanto recurso pedagógico pela professora em sala de aula, também para meu pai, enquanto pretexto “punitivo” e de consequente motivação para seus castigos físicos com requintes de crueldade. Quando eu não lhe apresentava oralmente as repostas corretas de todas as operações contidas na “bendita tabuada”, recebia como castigo, 12 (doze) vezes a palmatória sobre cada mão.

Ao conceber a construção das memórias que constituem minhas referências do processo de ensino e aprendizagem dentro e fora da escola, e considerando essencialmente que esse processo envolve registros de memórias...de um passado, é possível pautar em Gagnebin (2009, p. 40) uma importante afirmação: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’, significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo”.

Semanalmente (aos finais de semana), meu pai me chamava e me colocava de pé diante dele e “me tomava a tabuada”. E cada resposta errada era convertida em um “bolo de palmatória” em cada uma das mãos. O medo deveria ser aliado no processo de decorar as respostas certas tanto em casa quanto na escola, mas não era assim que acontecia.

Na escola não haviam castigos físicos diante dos erros, mas eram expressivas as consequências desse processo que na tentativa de decorar para não apanhar, acabava por me fazer “travar” quando a professora apresentava em aula ou proposta de atividade, uma operação que envolvesse qualquer operação contida na tabuada.

Pensar os contextos que envolvem o processo de aprendizagem fora da sala de aula pode ser algo demasiado desafiador por não conhecermos os “panos de fundo” que conduzem as vivências, experiências e narrativas de vida de nossos alunos. Quais as suas vivências com as ciências e áreas do conhecimento, fora da escola? Quais as motivações ou entraves que podem dificultar ou favorecer o seu desenvolvimento na escola? Para Candau (2011, p. 35), os ancoradouros de memória são importantes para “delimitar uma área de circulação das lembranças”.

É essencial conceber que esse indivíduo é além de discente, um ser composto por vivências, memórias, narrativas de vida que precisam ser conhecidas, respeitadas e consideradas no processo de ensino e aprendizagem.

Ainda envolta nessa reflexão acerca da relevante contribuição das narrativas que são o “pano de fundo” para a construção de memórias individuais e coletivas, cabe aqui a citação de Ricoeur acerca das possibilidades de formas de expressão do saber que “nem sempre diretamente traduzido no plano da linguagem, mas expresso em uma semântica da ação), mas também de suas próprias estratégias narrativas, sobre o pressuposto de que o tempo se torna tempo humano à medida que é narrado (Ricoeur, 2016).

Pensar acerca do tempo “humano” numa relação de interdependência de sua narrativa, assim como coloca Ricoeur, nos permite uma clara e coesa percepção de que as experiências e vivências vão compondo

o tempo e o preenchendo com o que se pode chamar de resultado das relações sociais que se estabelecem especialmente na perspectiva de escrita desse artigo, no âmbito da escola e em todos os processos que envolvem a ação docente dentro e fora da escola, bem como os contextos que a influenciam direta ou indiretamente.

Essa composição de fatos, relatos e vivências compreendida a partir da circularidade da tese hermenêutica de Paul Ricoeur (2016), nos conduz a uma reflexão sobre o tempo e a experiência temporal, situando o docente e discente enquanto ser social, para além do fator historiográfico que pode ser construído a partir de uma análise do tempo histórico, fenomenológico e cosmológico. Implica pensar na subjetividade e multiplicidade das relações, vivências e experiências que constituem esse fenômeno histórico.

Essa análise mais profunda acerca do tempo e do que o compõe, para que se torne composição de uma identidade individual e coletiva é evidenciada por Ricoeur (2016, p. 94) na seguinte afirmação: “Extrai sua inteligibilidade de sua faculdade de mediação, que é a de conduzir do antes ao depois do texto, de transfigurar o antes o antes em depois por seu poder de configuração”.

## AFINAL, O QUE É UMA TABUADA?

Registrados em placas de argila, três textos matemáticos inéditos, contendo tabuadas escritas há 4 mil anos, são produtos do ensino e da aprendizagem da matemática no período Babilônico Antigo — e um deles contém dado raro para esse tipo de documento histórico. Bem preservados, esses tablettes — pertencentes ao acervo de um dos mais importantes museus do mundo — são, em seu conjunto, excelente testemunho das práticas matemáticas na antiguidade mesopotâmica.

A Antiga Mesopotâmia foi uma região histórica que floresceu entre os séculos 33 e 4 a.C, correspondendo aproximadamente aos territórios atuais do Iraque e da Síria. Sua história evoca nomes como os dos reis

Figura 1: Tabuada de 4 mil anos



Fonte: <https://cienciahoje.org.br/artigo/uma-tabuada-de-4-mil-anos/>

Gilgâmesh e Hamurábi ou cidades como Babilônia, Assur e Nínive, palcos de eventos marcantes da história.

A ideia de usar a tabuada para facilitar as contas é muito antiga. O matemático grego Pitágoras criou o método para tornar mais fácil encontrar a solução de problemas e situações matemáticas.

Figura 2: Tabuada

**Tabuada**

**RUDIMENTOS DE ARITMÉTICA**

NÚMEROS ATÉ CEM

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
31	32	33	34	35	36	37	38	39	40
41	42	43	44	45	46	47	48	49	50
51	52	53	54	55	56	57	58	59	60
61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
71	72	73	74	75	76	77	78	79	80
81	82	83	84	85	86	87	88	89	90
91	92	93	94	95	96	97	98	99	100

ATE UM MILHÃO

200	300	400	500	600
700	800	900	1.000	2.000
10.000	100.000			1.000.000

SÃO ESTES OS SINAIS ARITMÉTICOS

Somar	+
Diminuir ou menos	-
Multiplicar	x
Dividir	÷
	=

**MEDIDAS DECIMAIS**

São cinco as medidas decimais, a saber:

METRO, LITRO, GRAMA, ESTEREO E ARE

METRO — É a unidade das medidas de comprimento.  
LITRO — É a unidade das medidas de capacidade.  
GRAMA — É a unidade das medidas de peso.  
ESTEREO — É a unidade das medidas de trabalho.  
ARE — É a unidade das medidas agrárias ou de terras.

**REPRESENTAÇÃO DE QUANTIDADES EM DINHEIRO:**

Nosso dinheiro tem unidades inteiras que se chamam CRUZEIROS, e partes dessas unidades que se chamam CENTAVOS.

O CENTAVO é uma fração do cruzeiro, ou seja, UM CRUZEIRO (Cr\$ 1,00), dividido em cem partes.

Representamos o CRUZEIRO e o CENTAVO pelas letras Cr e um cêntro (Cr\$).

Exemplos:

Cr\$ 0,01 = um centavo  
Cr\$ 0,05 = cinco centavos  
Cr\$ 0,10 = dez centavos  
Cr\$ 0,50 = cinquenta centavos  
Cr\$ 1,00 = um cruzeiro  
Cr\$ 3,50 = três cruzeiros e cinquenta centavos  
Cr\$ 300,00 = quinhentos cruzeiros.

Fonte: <https://www.significados.com.br/tabuada/>

**Tabuada de Multiplicação (vezes)** é uma das mais utilizadas no ensino escolar de matemática porque facilita a resolução de operações de multiplicação. Com ela, pode-se descobrir os resultados da multiplicação entre números.

Figura 3: Tabuada de multiplicação

Tabuada do 1	Tabuada do 2	Tabuada do 3	Tabuada do 4	Tabuada do 5
$1 \times 1 = 1$	$2 \times 1 = 2$	$3 \times 1 = 3$	$4 \times 1 = 4$	$5 \times 1 = 5$
$1 \times 2 = 2$	$2 \times 2 = 4$	$3 \times 2 = 6$	$4 \times 2 = 8$	$5 \times 2 = 10$
$1 \times 3 = 3$	$2 \times 3 = 6$	$3 \times 3 = 9$	$4 \times 3 = 12$	$5 \times 3 = 15$
$1 \times 4 = 4$	$2 \times 4 = 8$	$3 \times 4 = 12$	$4 \times 4 = 16$	$5 \times 4 = 20$
$1 \times 5 = 5$	$2 \times 5 = 10$	$3 \times 5 = 15$	$4 \times 5 = 20$	$5 \times 5 = 25$
$1 \times 6 = 6$	$2 \times 6 = 12$	$3 \times 6 = 18$	$4 \times 6 = 24$	$5 \times 6 = 30$
$1 \times 7 = 7$	$2 \times 7 = 14$	$3 \times 7 = 21$	$4 \times 7 = 28$	$5 \times 7 = 35$
$1 \times 8 = 8$	$2 \times 8 = 16$	$3 \times 8 = 24$	$4 \times 8 = 32$	$5 \times 8 = 40$
$1 \times 9 = 9$	$2 \times 9 = 18$	$3 \times 9 = 27$	$4 \times 9 = 36$	$5 \times 9 = 45$
$1 \times 10 = 10$	$2 \times 10 = 20$	$3 \times 10 = 30$	$4 \times 10 = 40$	$5 \times 10 = 50$

Tabuada do 6	Tabuada do 7	Tabuada do 8	Tabuada do 9	Tabuada do 10
$6 \times 1 = 6$	$7 \times 1 = 7$	$8 \times 1 = 8$	$9 \times 1 = 9$	$10 \times 1 = 10$
$6 \times 2 = 12$	$7 \times 2 = 14$	$8 \times 2 = 16$	$9 \times 2 = 18$	$10 \times 2 = 20$
$6 \times 3 = 18$	$7 \times 3 = 21$	$8 \times 3 = 24$	$9 \times 3 = 27$	$10 \times 3 = 30$
$6 \times 4 = 24$	$7 \times 4 = 28$	$8 \times 4 = 32$	$9 \times 4 = 36$	$10 \times 4 = 40$
$6 \times 5 = 30$	$7 \times 5 = 35$	$8 \times 5 = 40$	$9 \times 5 = 45$	$10 \times 5 = 50$
$6 \times 6 = 36$	$7 \times 6 = 42$	$8 \times 6 = 48$	$9 \times 6 = 54$	$10 \times 6 = 60$
$6 \times 7 = 42$	$7 \times 7 = 49$	$8 \times 7 = 56$	$9 \times 7 = 63$	$10 \times 7 = 70$
$6 \times 8 = 48$	$7 \times 8 = 56$	$8 \times 8 = 64$	$9 \times 8 = 72$	$10 \times 8 = 80$
$6 \times 9 = 54$	$7 \times 9 = 63$	$8 \times 9 = 72$	$9 \times 9 = 81$	$10 \times 9 = 90$
$6 \times 10 = 60$	$7 \times 10 = 70$	$8 \times 10 = 80$	$9 \times 10 = 90$	$10 \times 10 = 100$



**Tabuada Cartesiana** é diferente de outras tabuadas e é uma outra maneira de resolver as contas de multiplicação. Ela é formada por 11 colunas e 11 linhas.

Veja como se elabora essa tabela:

1. No primeiro quadrado deve ser marcado um x.
2. Na primeira linha, escreva os números de 1 até 10.
3. Faça o mesmo na primeira coluna.
4. Repita os mesmos números na segunda linha e na segunda coluna.
5. Nas próximas linhas, preencha com as tabuadas seguintes (3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10).
6. Agora faça o mesmo procedimento para preencher todas as colunas.
7. Quando terminar, sua tabuada cartesiana estará pronta e deve ficar assim:

Figura 4: Tabuada Cartesiana

x	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
2	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20
3	3	6	9	12	15	18	21	24	27	30
4	4	8	12	16	20	24	28	32	36	40
5	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50
6	6	12	18	24	30	36	42	48	54	60
7	7	14	21	28	35	42	49	56	63	70
8	8	16	24	32	40	48	56	64	72	80
9	9	18	27	36	45	54	63	72	81	90
10	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100

## A TABUADA AINDA É CONSIDERADA UM RECURSO DIDÁTICO?

Ao longo da História da Educação, um dos maiores desafios dos educadores é escolher ou definir os recursos didáticos que exerçam a função de instrumentos facilitadores da aprendizagem. E nesse processo de busca contínua, a tabuada é sim, mesmo em um contexto envolto por tecnologias e inovações, um recurso didático que associa as operações explicitadas em uma situação problema, das operações que precisam ser desenvolvidas/resolvidas até que a resposta para a situação problema seja apresentada. Vale ressaltar que de acordo com Lorenzato (2009), independente de qual seja o recurso a ser utilizado pelo professor, este deve e por melhor que seja o recurso utilizado, ele “nunca ultrapassa a categoria de meio auxiliar de ensino, de alternativa metodológica à disposição do professor e do aluno” (Lorenzato, 2009, p. 18). E ainda observa que:

Os recursos didáticos nas aulas de matemática envolvem uma diversidade de elementos utilizados principalmente como suporte experimental na organização do processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, considero que esses materiais devem servir como mediadores para facilitar a relação professor/aluno/conhecimento no momento em que um saber está sendo construído (Lorenzato, 2009, p. 18).

Nessa perspectiva, o recurso didático não define o “fim” ou a “qualidade” da aprendizagem gerada. O recurso pode ser por exemplo, uma embalagem vazia de um produto atrativo ao público discente, um livro, uma tabuada... o que atribui significância ao processo de aprendizagem e ao objeto de conhecimento que norteia esse processo, é sobretudo, a importância e aplicabilidade desse conhecimento no cotidiano do aluno.

Os recursos didáticos desempenham relevante papel no estabelecimento de significado de conteúdos da própria matemática escolar, bem como de conexões entre esta e outras disciplinas e com o cotidiano dos alunos. Assim sendo, não é coerente selecionar conteúdos e recursos

didáticos utilizando apenas a perspectiva lógica do objeto de conhecimento.

Diante das citações acima, a tabuada além de um objeto histórico de construção de memórias individual e coletiva é sim um recurso didático que contextualiza a História da Educação, bem como seus processos histórico e didático-pedagógicos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos envoltos em memórias que se constituem por meio de nossas experiências com o meio social e cultural em que estamos inseridos. Essas memórias existem sobretudo, a partir das relações que estabelecemos com os ambientes, indivíduos e objetos da Cultura material Escolar que compõem esses espaços. Um mesmo objeto, espaço ou fenômeno, podem ter para vários indivíduos, valor e representatividade distintos.

Ao passo que as memórias são constituídas, passam a compor também o referencial de identidade individual e coletiva. Assim como as experiências humanas, os objetos que fazem parte do contexto dessas experiências também narram história e constituem memórias. E quanto subtraídos do contexto em que narra uma história, um fato, perde seu valor identitário.

É necessário identificar as partes para conhecer o todo. Para ilustrar tal afirmação sobre a relação entre memórias, objetos e espaços, cito Halbwachs:

entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvesse apenas uma relação muito ocidental e de curta duração, os homens poderiam destruir suas casas, seu bairro, sua cidade, e reconstruir em cima, no mesmo local, uma outra cidade, segundo um plano diferente — mas as pedras se deixam transportar, não é muito fácil modificar as relações que se estabeleceram entre as pedras e os homens. Quando um grupo humano vive por muito tempo em um local adaptado a seus

hábitos, não apenas a seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens materiais que os objetos exteriores representam para ele (Halbwachs, 2003, p. 163).

Somos sujeitos de uma trajetória narrada por fatos contados através de memórias sobre atos, espaços e objetos da Cultura Material Escolar capazes de proporcionar significativos registros e contar histórias.

## REFERÊNCIAS

CANDAU, V. M. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Currículo sem Fronteiras*, v. 11, n. 2, p. 240–255, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

LORENZATO, S. Laboratório de ensino de matemática e materiais didáticos manipuláveis. In: LORENZATO, S. (Org.). *O laboratório de ensino de matemática na formação de professores*. 2. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2009.

NACARATO, A. M.; MENGALI, B. L. S.; PASSOS, C. L. B. *A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: tecendo fios do ensinar e do aprender*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

POLLAK, Michael. *Memórias, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, nº 3, 1989.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: A intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

# AS LEMBRANÇAS, OS CHEIROS E AS MEMÓRIAS NO MUSEU ESCOLAR: O QUE PODEMOS APRENDER COM O MIMEÓGRAFO

João Caetano de Souza

## INTRODUÇÃO

Somos constantemente colocados em contato com o conhecimento de novos objetos da Cultura Material Escolar. A cada dia surge um conhecimento novo, até mesmo uma descoberta de objetos fora da dimensão do nosso planeta. O ser humano é dado constantemente a esse devir<sup>1</sup>, haja vista a capacidade em aprender.

Não obstante, é comum pensar que o manancial para a descoberta está sobremaneira na ideia futurística, onde o “novo” impulsiona a curiosidade. Contudo, se atentarmos para o nosso derredor, encontraremos fontes que emanam conhecimento e necessariamente não é fonte nova, mas em objetos simples de que dispomos, utilizados como aparatos para nossa vida, trabalho cotidiano etc.

---

<sup>1</sup>[Filosofia] Processo de mudanças efetivas pelas quais todo ser passa. Movimento permanente que atua como regra, sendo capaz de criar, transformar e modificar tudo o que existe; essa própria mudança. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/devir/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

O mimeógrafo, por exemplo, é e foi um objeto de uso recorrente nas escolas com uma profundidade considerável, que em algum momento, em algumas dessas escolas, deixam de ser úteis para a sua função primária, isto é, aquela para a qual ele foi criado (reprodução de cópias), em vista de substituição por novidades tecnológicas, mas que não perdem a essência do conhecimento atrelado a toda sua história que se pode obter no uso que ele teve, bem como a relação construída nas histórias vividas com os usuários em seus respectivos locais de trabalho.

O mimeógrafo passa a fazer parte da memória das vivências que professores(as) e alunos(as) tiveram em um período de tempo, num determinado espaço escolar, embora, acredita-se, seu uso prático não seja mais necessário.

Então, evocamos a memória pessoal (individual) a partir de um mimeógrafo (objeto escolar) para a discussão desse contexto no que diz respeito à forma de conhecer, pesquisar e romper com paradigmas ora estabelecidos como dogma com algo que não está no futuro, mas no passado que já contribuiu de maneira prática; hoje, porém, tais objetos continuam emanando conhecimento por meio de sensações, pelos atravessamentos da memória e sua própria historicidade.

Maurice Halbwachs (1990) define dois tipos de memória, as quais o ser humano utiliza para se apoiar por meio de fatos, situações ou objetos, são a memória individual e a coletiva, onde há a intersecção entre ambas em alguns momentos, sem que uma extinga a outra em nível de importância e sem deixar de prosseguir seu curso. A memória individual, segundo Halbwachs:

Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Não é menos verdade que não

nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo (Halbwachs, 1992, p. 54).

Deduzimos, portanto, que há uma discussão sobre a importância do papel da memória, dos momentos, das ideias e os instrumentos dos quais fazemos uso para trazê-los para o centro das lembranças de nossas vidas. O mimeógrafo está no radar da lembrança do pensamento que vivemos em busca, onde ocorre um atravessamento fornecido a partir do vivido por nós no contato anterior com esse objeto em nosso período escolar.

Nessa perspectiva, a memória que trazemos para esse capítulo, insere-se no contexto do aprendizado por meio do passado que conta história, que produz saberes a partir de vivências compartilhadas e/ou individualizadas que experimentamos no contexto escolar, em objetos da cultura da escola.

Entendemos assim a escola como um “museu” que pode comportar um acervo cujas memórias são trazidas à tona por meio dos objetos que a compõem/compuseram, e tais acervos detêm muitas possibilidades para explorar conhecimentos diversos por meio de imersões<sup>2</sup>, conforme Agustín Escolano Benito (2017). Esse autor elenca alguns tipos de imersão na perspectiva arqueológica da escola, onde um estudo se concretiza com pesquisadores de diversas áreas em estágios de pesquisa no CEINCE<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup>Quatro são as imersões apresentadas por Augustin Escolano Benito, em sua obra *A escola como museu: Experiência, memória e arqueologia*. 1. Primeira imersão: a da infância recuperada; 2. Segunda imersão: escola palimpsesto; 3. Terceira imersão: o legado de outra cultura; e, 4. Quarta imersão: vestígios no lixo.

<sup>3</sup>O CEINCE, Centro Internacional de la Cultura Escolar, localizado em Berlanga de Duero, Soria, Espanha. É uma entidade promovida pela Associação Schola Nostra para o estudo e disseminação da cultura da escola. O CEINCE se define como um centro integral de documentação, pesquisa e interpretação sobre todos os aspectos relacionados à cultura da escola, um campo que aborda, do ponto de vista multidisciplinar e internacional, suas dimensões históricas e suas projeções atuais e futuras. Disponível em <https://www.ceince.eu/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

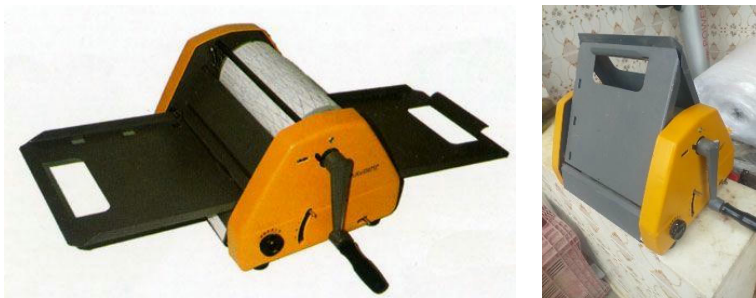
Conheçamos então esse objeto de estudo — o mimeógrafo — e suas implicações na vida do estudante com suas lembranças e aprendizados decorrentes da relação com o passado vivido ontem e hoje, além da contribuição para a pesquisa.

## CONHECENDO O NOSSO OBJETO PROTAGONISTA

Qualquer professor sonha e merece ter um aparelho de reprodução de cópias de seus textos e atividades para facilitar sua vida laboral docente. Não à toa, a vida dos mestres já é corrida pelo acúmulo de atividades que por vezes chega a ser em mais de uma escola ou espaço, com um número sempre grande de alunos, sobrando-lhe pouco tempo para preparação e/ou reprodução de atividades que auxiliem na dinâmica do trabalho e conseqüentemente no aprendizado efetivo, além, claro, de condições menos estressantes.

É aí que surge o mimeógrafo que tem uma história relativamente longa de parceria com esses profissionais tão atarefados. Apesar de outras funções que fazem sua historicidade bem complexa na relação museu/escola (Pereira & Carvalho, 2010), porém, cheia de importância e de afetividade, e, ainda, permanecer ativo em muitas escolas brasileiras, esse instrumento já está numa condição de rotatividade, sendo substituídos por outros aparelhos mais modernos na função de reprodução de cópias.

Figura 1: Mimeógrafo típico dos mais modernos, aberto e fechado respectivamente



Fonte: <https://muzeez.com.br/historias/mimeografo/AKAcEDD3hgc7CYLn6>.

Acesso em 12 nov. 2022.



A Wikipédia, enciclopédia virtual, apresenta a origem da palavra mimeógrafo: vem do grego *mimeo*: imitar, copiar + *grafia*: escrita, ou seja, é um aparelho utilizado para reproduzir cópias de papel escrito, utilizando nesse processo o estêncil e o álcool. Segundo a enciclopédia, o instrumento é um dos primeiros sistemas de cópias em série utilizados no ensino. Seu uso é prático, sendo uma máquina que necessita de outros materiais auxiliares para a reprodução de cópias, como uma matriz, papel sulfite, mesa de apoio, estêncil, scanner do texto e molha de dedo.

Destacamos também que o mimeógrafo concorreu e foi sucedido por outros instrumentos com funções de produzir cópias como as fotocopiadoras e impressoras. Mas atravessou momentos bastante importantes da história, até pela simplicidade de manuseio, pelo uso sem requisitos como os eletrônicos, isto é, podendo ser utilizado em locais sem energia elétrica, por exemplo, e realizar o papel de produção de cópias para fins diversos.

Negresiole, da Revista Galileu, escreveu sobre o processo de utilização do aparelho reprodutor de cópias, dizendo o seguinte:

Antes da fotocopiadora se popularizar, o sistema de cópia mais comum nas escolas era o mimeógrafo, cujo processo de impressão funcionava da seguinte maneira: o texto era escrito sobre uma folha chamada estêncil, que continha carbono, e aparecia na outra face do papel. A folha então era colocada sobre um rolo com a parte escrita para cima, e uma manivela era girada para exercer pressão e liberar a tinta que ia na folha em branco (Negresiole, 2016).

Como se vê, o processo é simples e os custos relativos, ou seja, não carecendo de gastos com energia elétrica. Lembramos que isso ocorria em boa parte de escolas brasileiras, principalmente nas localizadas em zonas rurais do país, onde a energia elétrica não era presente até o início dos anos 2000. E, mesmo, a partir da chegada da energia elétrica nesses

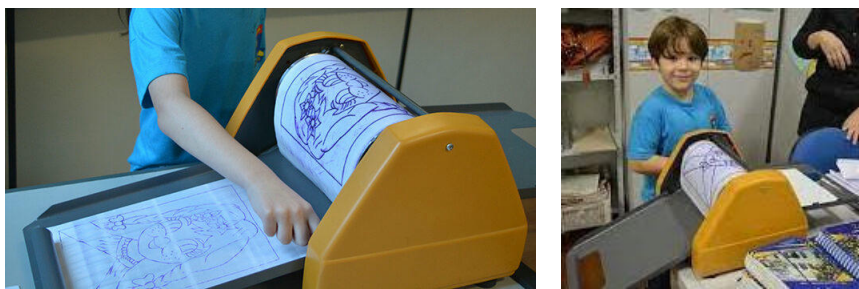
espaços, o uso do instrumento permaneceu presente devido ser ainda o único meio de reprodução de cópias.

Freitas (2009), em um dos módulos do PROFUNCIÓNÁRIO<sup>4</sup>, destaca que:

O mimeógrafo é um equipamento muito comum nas escolas brasileiras graças à sua agilidade na reprodução de materiais impressos. É um grande auxiliar das atividades pedagógicas, pois permite a impressão de exercícios, textos, jornais escolares, tarefas, provas, roteiros de trabalho, instruções para pesquisas, esquemas para acompanhamento de aulas, sinopses e demais (Freitas, 2009, p. 32).

Como citado anteriormente, alguns modelos não necessitam de energia elétrica, sendo utilizada uma manivela para o movimento de reprodução das cópias, acionada com o braço humano, bem como o uso do álcool que exala o cheiro característico.

Figura 2: Criança manuseando o mimeógrafo no momento de produção de cópia



Fonte: <https://www.voceslembra.com/2021/02/mimeografo.html>.

Acesso em: 15 nov. 2022.

---

<sup>4</sup>O Programa de Formação Inicial em Serviço dos Profissionais da Educação Básica dos Sistemas de Ensino Público (Profuncionário) é o programa indutor da formação em serviço de profissionais da educação básica que trabalham em escolas e órgãos das redes públicas de ensino. (...). Em 2007, quando foi criado, atuava na oferta de cursos técnicos de nível médio. A partir de 2010, passa a contemplar também cursos superiores voltados à formação inicial e continuada dos profissionais da educação básica. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php/?option=com\\_content&view=article&id=12365](http://portal.mec.gov.br/index.php/?option=com_content&view=article&id=12365). Acesso em: 13 nov. 2022.

Salientamos que essa observação nos sugere que, como a pessoa se aproxima literalmente do equipamento, apropriando-se deste, acaba desenvolvendo a afetividade, em que os laços são construídos pelas lembranças sensoriais (cheiros, cores das letras, do aparelho, formato do mimeógrafo, movimentos realizados), além do pragmatismo que favorece o suposto descanso do professor em função de sua estafante lida pedagógica diária.

Primariamente, compreendemos esta funcionalidade do aparelho desde os seus primórdios como de uma utilidade ímpar, especialmente nas instituições de ensino. Evidentemente que a máquina teve outras funções no decorrer de sua história espaço-tempo, as quais pretendemos dar ênfase nas próximas subseções.

## BREVE HISTÓRICO DO MIMEÓGRAFO: QUE OBJETO É ESSE?

Até as fotocopiadoras se tornarem popularizadas, o processo de produção de cópias em larga escala foi protagonizado pelo mimeógrafo, cuja história inicial remonta da segunda metade do século XIX. O direito de inventor do instrumento foi dado ao norte-americano Thomas A. Edison, no ano de 1876. Segundo Negresiole (2016), do site da Revista Galileu, o criador do mimeógrafo — além do fonógrafo, do gerador elétrico, lâmpada elétrica, entre outros — está entre os profissionais que mais criaram coisas que estão revolucionando as sociedades até os dias de hoje.

Apesar de a invenção de Edison realizar a proeza de reprodução de cópias escritas, convém destacar que o nome que conhecemos hoje não teve no início essa nomenclatura, passando pelo batismo conforme a função que desempenhava, criando-se o nome a partir da junção de dois vocábulos gregos, os quais já foram mencionados na seção anterior.

A patente, de número 180.857, abarcava duas invenções de Edison: a caneta elétrica (que deu origem a agulha de tatuagem) e a máquina de cópia. À época, o objeto não levava o nome de mimeógrafo. Foi apenas em 1887 que o termo

AS LEMBRANÇAS, OS CHEIROS E AS MEMÓRIAS NO MUSEU ESCOLAR

surgiu, usado pela primeira vez pelo empresário Albert Blake Dick, que naquele ano licenciou a patente de Edison e passou a comercializar o produto sob o nome de 'Mimeógrafo de Edison' (Negreskiolo, 2016).

Na figura a seguir, encontra-se o documento de patente da nova invenção, cujos escritos assemelham a um manual com descrição da nova máquina, instruções de uso, bem como figuras ilustrativas numeradas das partes que a compõem. Outras informações relevantes do período são apresentadas na parte superior do documento, como: a data de solicitação de registro (13 de março de 1876), o número da patente (180.857) e a data da concessão pelo *United States Patent Office*, que foi em 8 de agosto de 1876. Além de, evidentemente, informações do novo inventor, como o nome *Thomas A. Edison*, local e estado que este vive, *Newark*, e o estado *New Jersey*, nos Estados Unidos.

Figura 3: Cópia do registro da patente do primeiro mimeógrafo produzido nos EUA

UNITED STATES PATENT OFFICE.

THOMAS A. EDISON, OF NEWARK, NEW JERSEY.

IMPROVEMENT IN AUTOGRAPHIC PRINTING.

Specification forming part of Letters Patent No. 180,857, dated August 8, 1876; application filed March 13, 1876.

To all whom it may concern:

Be it known that I, THOMAS A. EDISON, of Newark, in the county of Essex and State of New Jersey, have invented an Improvement in Autographic Printing, of which the following is a specification:

Patterns for embossing and for fresco printers have been made of paper, perforated with numerous holes in the lines to be transferred, and the transfer has been done by a fine color-powder, dusted over and rubbed into such holes while the article is upon the surface that receives such transfer. This is not adapted to writing, because the color employed is not permanent, and no means has been devised that could easily be made use of in writing or drawing by hand with rapidity that rendered the operation practically available for autographic printing.

My improvement relates, first, to the instrument employed for puncturing the paper, whereby such instrument can be used by hand in the same manner as a drawing or writing pen; second, to the method of printing by direct transfer in permanent acid liquid ink from the perforated sheet; and third, to the press for holding such transfer-sheet, and the paper to be impressed.

In the drawing, Figure 1 is a vertical section of the pen or stylus, in a form that I have discovered to be very convenient in use. Fig. 2 is a side view of the actuating-magnet. Fig. 3 is a section of the press. Fig. 4 is a plan of the same, as open. Fig. 5 is a section of the paper-holding clamp. Fig. 6 is a section of the pen Fig. 7. Fig. 7 is a plan of the battery, illustrating, also, the flexible connection to the distant pen as in use. Fig. 8 is an elevation of the battery, partially in section; and Fig. 9 is a section of the pole-supporting catch of the battery.

The pen which I make use of consists of a tube, *a*, tapering to a small point, *b*, and a needle, *c*, within that tube, which needle is reciprocated with great rapidity; and when the needle-point *c* is projected it is sufficiently long to reach through the paper upon which the tube of the pen rests, and when retracted

the needle is drawn within the tube, so that the small end thereof is free to be moved from place to place.

The great rapidity in the movement of the needle-point produces the punctures in the paper sufficiently close together to form lines when the pen is manipulated in writing or drawing; and, as nothing is removed from the paper, its strength is not materially injured by the punctures or perforations; and it will be apparent that any suitable device may be employed for reciprocating the perforating-needle; and as I have invented numerous devices for which I contemplate applying for Letters Patent hereafter, I have only shown herein the device which I prefer to use, viz: an electro-magnet and revolving-armature fly-wheel.

The electro-magnet *d* is upon the frame *e* that supports also the axis *f* of the fly-wheel *g*, and this fly-wheel is connected with the armature *h*. Upon the axis *f* there is an eccentric or a cam, with one or more arms acting upon the stock *i* at the upper end of the needle-bar. It is preferable to employ a three-pointed cam, *i'*, as seen in Fig. 10, upon the axis *f*, so as to give three up-and-down motions to the needle-point each revolution of the axis *f*.

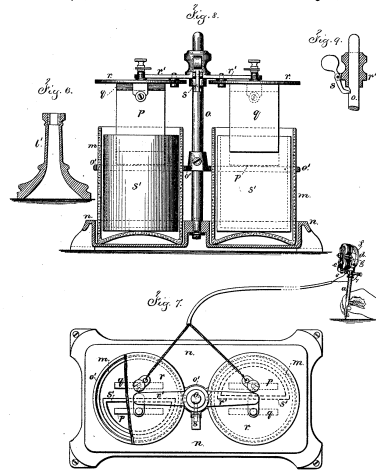
The commutator or circuit-closer to the electro-magnets is composed of the spring *l*, acted upon by the notched or flattened disk *k* to open and close the circuit through the screw *m*, and thus actuate the electro-magnet-motor in the usual manner.

The wires *n* and *n'* lead to the battery shown in Figs. 7 and 8, in which the glass cells *o* are in a metal stand, *p*, held by the standard *q* and ring *r*. The carbon-pole *p* and zinc-pole *q* are connected with the cover *r'* and cross-bar *r''*, that are fitted to be raised or lowered upon the standard *o*, and wires raised out of use, as in Fig. 8, the parts are held up by the latch *s* resting in a notch in the standard *o*, as in Figs. 8 and 9. The porous cups *u* in the cells *o* are neatly half-cylinders, as shown. This construction of battery is very convenient for this autographic pen, because it occupies but little space and is easily transported and

T. A. EDISON.  
AUTOGRAPHIC PRINTING.

No. 180,857.

Patented Aug. 8, 1876.



Witness  
Myself and  
Robert Smith

Inventor  
Thos. A. Edison.  
per Lemuel W. Sorell  
att.

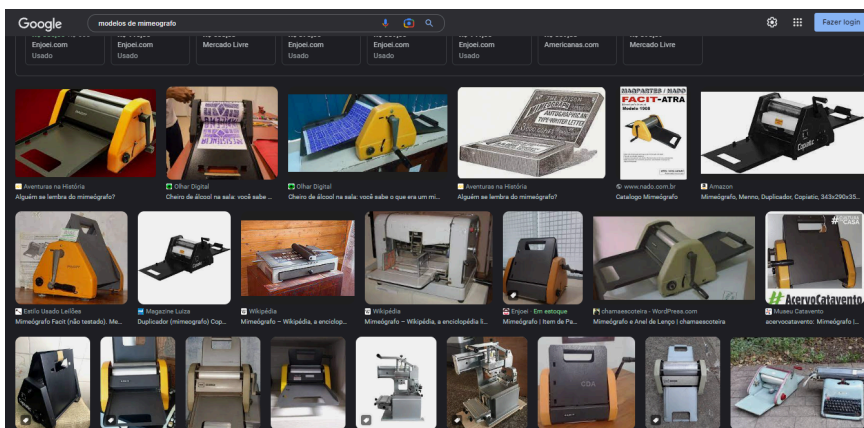
Fonte: <https://patents.google.com/patent/US180857A>. Acesso em: 13 nov. 2022

## AS LEMBRANÇAS, OS CHEIROS E AS MEMÓRIAS NO MUSEU ESCOLAR

Apuramos, que a partir de então, o mimeógrafo passou por alterações físicas ao longo de sua existência, sendo transformado no modelo mais “moderno”, onde tornou-se mais compacto, conforme se vê na Figura 1. Considera-se o aparelho a álcool, que é o mais comum nas escolas brasileiras, aquele que exala o saudoso cheiro do álcool que tanto nos traz recordações.

Por fim, em uma rápida pesquisa na internet sobre mimeógrafos, deparamos com um número considerável de modelos do aparelho que existiram, desde o primeiro até os mais recentes. Pudemos constatar ainda que hoje é possível encontrar o aparelho à venda em alguns sites: alguns para uso e outros como peça de/para coleção. Na figura a seguir, a página pesquisada apresenta, por exemplo, que as primeiras versões vinham em uma caixa de madeira, como embalagem.

Figura 4: Página da internet com fotos de tipos variados do mimeógrafo



Fonte: <https://www.google.com/search?q=modelos+de+mimeografo&udm=2>.

Acesso em: 15 nov. 2022

## DOS MODELOS À PARTICIPAÇÃO ATIVA NA HISTÓRIA

Para além de imprimir atividades e provas escolares, o mimeógrafo promoveu uma revolução na comunicação, pelo baixo custo e uso simples, quando que, à época, as informações eram custosas e demoravam

para chegar às pessoas. Segundo o escritor do portal de tecnologia na internet *Olhar Digital*, Lauro Lam (2022) “Muitos jornais estudantis foram impressos na máquina assim como escritores utilizavam a invenção para colocarem nas ruas seus pensamentos, sendo uma verdadeira popularização da antiga prensa de Gutenberg, criada no século XV”.

Assim, o mimeógrafo favoreceu segmentos da sociedade disseminar seus posicionamentos sobre temáticas diversas, entre elas, causas como o amor livre, ecologia, liberdade sexual e liberdade feminina, protagonizando os movimentos de contracultura, com escritores divulgando suas ideias em livros mimeografados.

Figura 5: Uso do mimeógrafo nos movimentos de lutas por ideais



Imagem: Arquivo pessoal de Eliete de Souza Violla, no site <https://olhardigital.com.br/2022/01/26/tira-duvidas/cheiro-de-alcool-na-sala-voce-sabe-o-que-era-um-mimeografo/>. Acesso em: 15 nov. 2022

Lam (2022) cita dois movimentos que foram marcantes na história e que teve a participação direta do mimeógrafo: a *Geração Beat*, nos Estados Unidos da América e a *Geração mimeógrafo*, no Brasil. Esses movimentos foram contrários a regimes totalitários de governos dos países citados, explodindo a cena da literatura independente e engajada.

A *Geração Beat*, conforme Lam (2022), era composta de jovens intelectuais e escritores, que, com a ajuda do mimeógrafo, puderam disseminar suas críticas ao governo norte-americano durante a Segunda Guerra Mundial. E a *Geração mimeógrafo*, no Brasil, “teve o auge na década de 70, divulgando posicionamentos contrários à ditadura militar. Assim, poetas, estudantes, professores universitários e artistas tinham um meio alternativo para divulgarem seus escritos.”

Nas figuras na página a seguir, vemos alguns modelos de mimeógrafos utilizados em algumas partes do mundo. As imagens foram coletadas do Blog Tecnologia na Educação<sup>5</sup>, cuja finalidade é compartilhar informações sobre as tecnologias presentes na educação. No referido, há o texto sobre o mimeógrafo demonstrando seu histórico e outras informações, incluindo fotografias.

Pelas figuras, percebemos a evolução que o mimeógrafo sofreu desde a sua gênese, passando por transformações de ordem estrutural. Porém, por onde quer que ele foi utilizado, cumpriu uma tarefa preponderante na/para a sociedade desses poucos mais de 146 anos de existência.

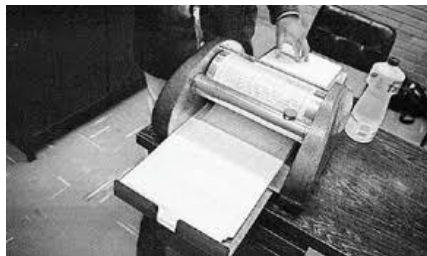
Certamente hoje, são cada vez menos as escolas que estão utilizando o mimeógrafo nas suas atividades pedagógicas. Consideremos a aceleração da tecnologia que apresenta outros equipamentos que fazem cópias com mais rapidez, mais espaços para colocar os conteúdos, interatividade no uso, etc. Além disso, a competitividade do mercado de trabalho faz com que as tecnologias mais novas se tornem preponderantes haja vista a necessidade de acompanhar o processo de mudança contínua a que o homem é/está submetido.

Hoje as impressoras já são elétricas, de vários modelos e tamanhos, com funções diversas (fotocópias, escaneia e imprime), sendo operadas com auxílio de computador, na produção dos textos, figuras ou outros itens na impressão, cuja conexão é feita por meio de cabos USB ou outras portas. E cada vez mais a sofisticação desses equipamentos de

---

<sup>5</sup>Disponível no site: <http://tieduca2013.blogspot.com/2013/08/o-mimeografo.html>. Acesso em: 15 nov. 2022.

## AS LEMBRANÇAS, OS CHEIROS E AS MEMÓRIAS NO MUSEU ESCOLAR



Mimeógrafo em imagem preto e branco utilizado por diversos escritores



Um mimeógrafo à manivela utilizado na Polónia por opositores ao regime comunista após 1981



Primer mimeógrafo San Marcos



Um mimeógrafo usado na Rússia onde se observa um estêncil com caracteres do alfabeto cirílico



Mimeógrafo mais comum em ambientes escolares



reprodução de cópias evolui, podendo a impressão ser operada até por meio de aparelhos moderníssimos, como o celular que envia por sistema de rede de internet sem fio (*wireless*) e/ou Bluetooth, além do e-mail. Nesses últimos casos, a impressora é das que tem sistema que comporta a internet.

## AS RELAÇÕES CONSTITUÍDAS E AS VIVÊNCIAS REMEMORADAS COM O MIMEÓGRAFO

Nas pesquisas realizadas para resultar neste texto, encontramos diversos artigos, postagens, memes, na internet, com textos expressando a relação inevitável que praticamente todos(as) nós alunos e alunas tivemos com o mimeógrafo, especialmente das décadas de 1980, 1990 e anos 2000; o conteúdo, na maioria, expressa sentimentos de saudosismo e nostalgia das várias oportunidades que o instrumento proporcionou a cada um e a cada uma.

No site da Sempre família<sup>6</sup>, do jornal Gazeta do Povo, por exemplo, extraímos o trecho a seguir em que uma pessoa não esconde a sua satisfação enquanto ex-aluno(a), de ter pertencido ao tempo das sensações vividas a partir do nosso objeto protagonista, quando a professora compartilhava o momento da impressão com os na sala de aula.

MIMEÓGRAFO: que xeróx o quê! O negócio era a professora instalar o tal mimeógrafo no meio da sala e começar a rodar as cópias de atividades ali mesmo, deixando aquele cheirão de álcool invadir nosso pulmão. Uma beleza, uma alegria, uma praticidade que só. E o barulhinho? Parecia um trem no trilho. Sempre que me falam do mimeógrafo eu lembro da professora Eliana, da terceira série, dando aula e já agilizando nossas próximas tarefas (Mil novecentos e bolinha, 2017).

---

<sup>6</sup><https://www.semrefamilia.com.br/blogs/milnovecentosebolinha/volte-no-tempo-com-esses-24-materiais-escolares/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

Em outro site, uma publicação antiga, de 2006, a pessoa dedica uma escrita cheia de saudosismo, de detalhes e das sensações vividas por ele, a respeito do mimeógrafo, demonstrando o legado por pelo menos três gerações de sua família. Há a nítida expressão da utilidade do aparelho responsável por reproduzir as cópias que compunham as vidas da arvores genealógica de professores de sua família. Segue o trecho<sup>7</sup>:

#### O MIMEÓGRAFO PISCA-PISCA — (O início)

Eis que surge repentinamente e sem explicação, em meio a um odor de álcool indecifrável e ruídos de tear sino-industrial, um Mimeógrafo espectral. (...)

Talvez um tear industrial, dos antigos, anterior à invasão chinesa, daqueles que já funcionaram um dia em Caetanópolis ou Biribiri. Também não, é um ruído mais romântico que o produzido por operários desesperançados. Isto! Barulho resultante de esperança! Quem trabalha com esperança? Os pais? Na educação dos filhos? Não, isso não é trabalho, nem pode gerar um barulho tão constante. Educação, esperança e trabalho. Somente o professor. Mas nenhum professor trabalha com guilhotinas ou teares. Sei disso pois, a mãe do meu pai era professora, a mãe da minha mãe era professora, meu pai era professor, minha mãe era professora, a mãe da mãe da minha filha era professora, e a mãe da minha filha era professora. Com uma genealogia dessas, era de se esperar que eu reconheça que todo professor é um operário da esperança, mas sem utilizar prensas ou teares. E o cheiro de álcool? Continua. Qual a relação entre o odor de álcool e professores?

---

<sup>7</sup>O mimeógrafo Pisca-Pisca (O início), postado no blog em 20 de março de 2006. Disponível em: <http://mimeografo.blogspot.com/2006/03/o-mimeografo-pisca-pisca-o-incio.html>. Acesso em: 15 nov. 2022.

(...) Livre dos pensamentos circulares, consigo vasculhar os labirintos da memória. Não sei se estou livre do raciocínio vicioso ou se ele apenas mimetizou-se em saudosismo repentino. Mimetismo. Isto se aprendia nas aulas de Ciências. Lembro-me muito bem da cobra-coral, da borboleta vice-rei e do camaleão. Mimetismo vem do grego ‘mimetós’, que significa imitado ou copiado. No gerúndio seria ‘mimeo’, ou seja, imitar, copiar. Álcool, escola e copiar fazendo barulho... ‘mimeo’. É claro! Um MIMEÓGRAFO! Graças à meu pai, que era professor e me fez amar a etimologia, consegui decifrar esta charada insólita. Não sei quanto tempo se passou ou porque não me levantei logo para averiguar o que gerava o barulho, mas no momento exato em que identifiquei o que era, fui impulsionado, de um salto só, a inspecionar minha casa. Lá estava ele, funcionando a toda, sem dar explicação, sem operador, sem me respeitar e sem imprimir as esperadas cópias em tinta arroxeadada. De onde surgiu ou o que significava aquilo, eram perguntas que a magia do momento não me permitiam fazer. (Por: O Mimeógrafo Pisca-Pisca, 2006).

O mimeógrafo torna-se não apenas um objeto sob o risco de ficar antiquado, mas possibilita a imersão dos sujeitos às vivências de períodos de suas vidas, cheias de histórias, de cheiros, onde destacamos o preenchimento de alguns vazios quando o lemos com as memórias do nosso tempo de escola: a história, a geografia, as artes, as línguas, a resistência. Nesse contexto, somos levados a interagir com o objeto mimeógrafo com base em nossas “respectivas memórias subjetivas, com a memória subjacente àquelas materialidades aparentemente ingênuas” (Escolano Benito, 2017, p. 231).

Entendemos, portanto, que no nosso viver na infância, englobamos os elementos que compuseram a nossa memória individual, interagindo com a coletividade que o contexto permitia, que era o da escola, das pessoas envolvidas (professora, colegas, funcionários de apoio), do lugar (comunidade), do prédio escolar (lugar diferente da nossa casa);

agora, por meio do mimeógrafo, um objeto presente naquela cultura da escola, desencadeamos narrativas e interpretações carregadas de subjetividades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer os meios desta pesquisa, notamos que há uma pré-disposição das pessoas para rememorar as histórias que o mimeógrafo tem e as narrativas construídas nas vidas dessas respectivas pessoas. Essa ação não ocorre de agora, porque a relação entre pessoas e o objeto é longínqua, desde a gênese do instrumento, reproduzindo histórias nas folhas em branco.

Seja para conhecer, estudar, colecionar, ou simplesmente rememorar, demonstra a importância que o mimeógrafo tem ou teve em nossas vidas, certamente por guardar as lembranças da infância, do tempo que viveu como aluno, nas descobertas da vida, dos sentimentos e sensações (amores, medos, carinho, afeto) experimentados, das histórias que o período passou etc., o que pode externalizar do individual para as coletividades construídas.

Fazíamos fila para ajudar a professora a girar a manivela e ver a mágica da escrita encher o papel em branco, como se fôssemos nós ali “parindo” o novo. Havia a disputa para ver quem receberia as primeiras folhas da impressão com a qualidade melhor das letras e o cheiro mais intenso do álcool que hoje nos retorna àquele passado de novidades e descobertas.

O protagonista parece até estar ficando obsoleto, mas é a história que se reencontra com o ou no presente para reiniciar o círculo de sua existência, de conhecimento, de ciência. Os ambientes precisam se adequar para receber um protagonista, que apesar de não fazer tanta história na vida cotidiana das pessoas, das sociedades, como outrora, passa agora a ensinar de outra maneira: reconstruir laços em pessoas por meio das sensações experimentadas no percurso da existência marcada pelas lutas, pelo labor, pelo dia-a-dia, trazidas nas memórias.

As instituições educacionais precisam encontrar um lugar para ele nos guardados da história da sua Cultura Material Escolar.

## REFERÊNCIAS

- ESCOLANO BENITO, A. A **escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Campinas: Alínea, 2017.
- FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos**. PROFUNCIÓNÁRIO. — Brasília: Universidade de Brasília, 2009. 132 p
- HAUCK, A.; HENKLEIN, E. Escola e museu: uma relação possível. **Caderno Intersaberes**, Curitiba, v. 11, n. 31, p. 42–49, 2022.
- LAM, L. **Cheiro de álcool na sala: você sabe o que era um mimeógrafo?** Parceiro Uol Tecnologia. 2022. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/01/26/tira-duvidas/cheiro-de-alcool-na-sala-voce-sabe-o-que-era-um-mimeografo/>. Acesso em 15 nov. 2022.
- NEGRESIOLO, L. Como o mimeógrafo influenciou movimentos culturais. **Revista Galileu**, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 85–98, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Caminhos-para-o-futuro/Desenvolvimento/noticia/2016/08/ha-140-anos-thomas-edison-recebia-patente-do-mimeografo.html#:~:text=Foi%20apenas%20em%201887%20que%20o%20termo%20surtiu%20C,produto%20sob%20o%20nome%20de%20%E2%80%9CMime%C3%B3grafo%20de%20Edison%E2%80%9D>. Acesso em: 13 nov. 2022.
- MORAES, C. S. V.; ZAIA, I. B.; VENDRAMETO, M. C. **Arquivos escolares e pesquisa histórica**: fontes para o estudo da educação brasileira. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 16, n. 1, p. 117–133, 2005.
- PEREIRA; J. S. e CARVALHO, M. v. C. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 383–396, set.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

# REFLEXOS NEGATIVOS DO USO DO MIMÉÓGRAFO EM AULAS DE HISTÓRIA DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Deijanete Pereira da Silveira Santos

## INTRODUÇÃO

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le Goff, 1999, p. 42).

Observa-se a partir da ideia de Le Goff (1999) que o conceito de *memória* envolve vários campos científicos, não só das Ciências Humanas ou da Antropologia, mas, da Psicologia entre outras, sinalizando aspectos relacionados à memória histórica e social.

Essa memória aconteceu no município de Angical-BA, localizado na região Oeste, que recebeu esse nome em razão da quantidade de matas de angico na região. Lá, em 1707, foi fundada a Missão de franciscanos, que impôs uma catequização aos povos originários, na época os indígenas Arikobés. Em 1821, com a elevação da capela nessa localidade

à condição de Freguesia dedicada à Santana, passou a ser chamada de Santana do Sacramento do Angical.

Porém, em 1890, em razão das memórias narradas pelos antigos moradores, os padres Jesuítas ao chegarem na serra, rezaram a primeira missa e colocaram no local a cruz (que se encontra até hoje no mesmo lugar) e naquele momento reuniram muitos índigenas Arikobés, para iniciar a missão de catequizá-los, já que lá era uma aldeia. A partir dali o nome do distrito passou a ser chamado Missão de Arikobé.

O Distrito de Missão está localizado no município de Angical, fica mais ou menos a 165 quilômetros de Barreiras, retrata uma memória importante para aqueles que desejam aprofundar os conhecimentos na área do ensino e ou história dos povos indígenas nesta região. O Colégio Municipal João Durval Carneiro, era uma escola rural, localizada na praça do mercado, nesse distrito citado. Uma instituição pública municipal que atendia desde o Ensino Fundamental I ao Ensino Médio. Atualmente, não existe mais e o prédio se encontra em reforma, porém, funcionando como anexo do Colégio Estadual Aparício José da Silva com sede em Angical-BA.

Figura 1: Colégio Municipal João Durval Carneiro



Fonte: Acervo da autora

Os reflexos negativos guardados na memória da pesquisadora aconteceram nesta instituição citada anteriormente, entre os anos de 1988 a 1991, cursando da 5ª série (na época) a 8ª série. Hoje, apesar de certos avanços e muitas formações destinadas aos professores em serviço, com o objetivo de contribuir para a melhoria da práxis pedagógica, percebe-se que, alguns educadores ainda mantém a mesma prática desenvolvida por seus antigos professores. Ademais, o professor deve buscar metodologias compatíveis adequadas e diversificadas, não utilizando um único recurso como um fim em si mesmo, a exemplo do caso em folha da professora Y, para que assim o objeto do conhecimento, faça sentido na vida dos alunos, que eles possam se reconhecer dentro do universo escolar, pois as vezes, lhes parecem tão distantes e tão abstratos, causando angústias e traumas.

Contudo, o propósito desse capítulo é fazer uma reflexão acerca da prática cotidiana nas escolas, destacando que ensinar uma criança vai muito além de livros, cadernos e do tradicional ambiente da sala de aula. Faz-se necessário, desenvolver uma pedagogia humanitária, respeitando as diferenças, problematizando os projetos de vida dos estudantes e evitando os bloqueios e angústias através do diálogo, das atividades lúdicas e do espaço de interação e participação.

Contudo, em especial ao uso do mimeógrafo na sala de aula, alguns professores através de conversa informal com a pesquisadora, colocaram que lembravam da ajuda que davam no preparo das atividades; outros se referiram de modo negativo, afirmando que o cheiro do álcool era muito forte, e ainda aqueles que disseram que o mimeógrafo, trouxe, reflexos positivos ou negativos a depender da concepção que cada professor defendia em relação à utilização do equipamento.

Assim, o mimeógrafo é um objeto da Cultura Material Escolar, uma máquina que, para seu funcionamento, depende de outros materiais para chegar ao produto final que é gerar uma ou mais cópias de uma matriz, tais como: texto selecionado, impressora, estêncil, álcool, papel, molha dedo e mesa de apoio. Tem pontos positivos como o baixo custo por cópia, incluindo o álcool e o estêncil. Porém, pontos negativos



quanto à qualidade da cópia (borradas por conta do excesso molhado com álcool etc.). No entanto, o preparo das atividades escolares, especialmente para 5ª a 8ª série (na época), exigia dedicação, atenção e tempo.

Porém, percebe-se que, o ensino ao longo do tempo sempre ficou/ fica à mercê da quantidade de disciplinas a mais para fechar a carga horária, de jornadas duplas ou triplas dos professores por trabalharem em vários lugares e ou períodos para que possam ter um salário razoável, não encontrando tempo para preparar as aulas, fato que leva o processo ensino-aprendizagem a ficar aquém de uma educação de qualidade que têm por objetivo contribuir para transformações significativas e para a formação do cidadão que atuará na sociedade criticamente, proporcionando situações negativas ao aluno que carregarão durante toda a vida, a exemplo dos reflexos deixados na memória da pesquisadora com relação ao uso exagerado do mimeógrafo nas aulas de história pela professora Y durante os anos de 1989 a 1991.

Diante desse contexto, o objetivo aqui não é denunciar a prática da professora desenvolvida em contexto talvez bem diferente de hoje, com poucas oportunidades e poucos recursos, mas refletir e contribuir com a docência em tempos de avanço tecnológico, de possibilidades de formação continuada, buscar inovar ainda mais, para que possa ajudar os alunos a terem motivação para aprender nas suas respectivas escolas ou instituições diversas.

## CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO NO BRASIL

No Brasil, o ensino tradicional surge com a atuação dos jesuítas inspirados na escolástica e no espírito de obediência, com base nos métodos e nos conteúdos da Ratio Studiorum (Plano de Estudos), para a formação do homem enciclopédico, humanista, cristão e Universal. As ideias e os pensamentos culturais foram trazidos no período colonial pelas famílias patriarcais de origem Europeia, era fornecido pelos donos de terras e escravocratas que pertenciam à nobreza portuguesa, o ensino

de cultura geral era feito pelos jesuítas totalmente voltados a realidade colonial, (Altoé et al, 2012).

A Pedagogia tradicional, defendia a educação como direito de todos e dever do Estado, buscava a construção de uma sociedade democrática e de fortalecer e consolidar a democracia burguesa para superar a opressão do antigo Regime, alçar-se numa sociedade livre onde era necessário vencer a ignorância para transformação dos súditos em cidadãos. Na nova sociedade, o indivíduo que não é esclarecido é mal visto e titulado como marginalizado, a escola surge como antídoto à ignorância, portanto, uma ferramenta para reduzir o problema da marginalidade.

Assim, as escolas eram organizadas na forma de classes, cada uma contando com um professor que expunha as lições, os alunos seguiam atentamente e aplicava os exercícios que os alunos deveriam realizar disciplinadamente. Ao entusiasmo dos primeiros tempos suscitado pelo tipo de escola acima descrita de forma simplificada, sucedeu progressivamente uma crescente decepção: “Começaram, então, a se avolumar as críticas a essa teoria da educação e a essa escola que passa a ser de escola tradicional” (Saviani, 1997, p. 7).

Diante desse contexto, o presente capítulo pretende mostrar também algumas discussões relacionadas a história da educação, ao Ensino de História, argumentos de uma prática tradicional e os reflexos negativos na memória de uma estudante, pelo uso constante do mimeógrafo nas aulas de história por parte da professora. Acredita-se que, o estudo da História foi entendido nesse modelo tradicional, como memorização de nomes, datas, respostas definidas a partir de questionários, fatos e lugares. Essa prática é criticada hoje porque a memorização como perspectiva de aprendizagem, impede a reflexão da história como movimento de continuidade e rupturas, além de cristalizar uma história de heróis e fatos isolados, causando angústia e distanciamento dos estudantes com o conteúdo e a realidade.

## A EDUCAÇÃO TRADICIONAL E O ENSINO DE HISTÓRIA

O Ensino Tradicional surgiu no século XVII, destinado a uma pequena minoria, como uma alternativa à escola medieval, de base religiosa. Foi reformulada após o golpe militar de 1964, porém, sobrevive até hoje. É um estilo de educação baseada na transmissão dos conhecimentos acumulados pela humanidade, cabendo em especial ao professor o domínio do conteúdo. Desse modo, a prática da professora desenvolvida no século XX ainda apresenta características desse paradigma dito tradicional. Para Saviani, o ensino tradicional:

Estruturou-se através de um método pedagógico, que é o método expositivo, que todos conhecem, todos passaram por ele, e muitos estão passando ainda, cuja matriz teórica pode ser identificada nos cinco passos formais de Herbart. Esses passos, que são o passo da preparação, o da apresentação, da comparação e assimilação, da generalização e da aplicação, correspondem ao método científico indutivo, tal como fora formulado por Bacon, método que podemos esquematizar em três momentos fundamentais: a observação, a generalização e a confirmação. Trata-se, portanto, daquele mesmo método formulado no interior do movimento filosófico do empirismo, que foi a base do desenvolvimento da ciência moderna (Saviani, 1991, p. 55).

Diante disso, o ensino tradicional refere-se a transmitir os conhecimentos, os conteúdos a serem ensinados por esse paradigma seriam previamente compendiados, sistematizados e incorporados ao acervo cultural da humanidade. Dessa forma, o professor é que domina os conteúdos organizados e estruturados para serem transmitidos aos alunos. Foi nesse contexto do século XX onde cursei o Ensino Fundamental, na época Primeiro Grau, a professora leiga ministrava as disciplinas de História e Geografia naquela escola pública estadual na zona rural do município de Angical-BA nos anos de 1987 e 1988 na 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> séries.

Naquela época o recurso tecnológico disponibilizado na escola era o mimeógrafo, um equipamento que produzia cópias a partir de matriz perfurada (*estêncil*) afixada em torno de pequena bobina de entintamento interno e acionada por tração manual ou mecânica. De fato, a minha referência em tecnologia utilizada pelos professores durante o período da 5ª série a 8ª série na época, hoje, anos finais do Ensino Fundamental foi o mimeógrafo, apesar de marcar de forma negativa.

Figura 2: Mimeógrafo de 1985



Fonte: <https://museculinguaportuguesa.org.br/objetos-com-m/mimeografo>.

Acesso em 2 dez. 2022

Ressalta-se que a professora ao chegar na escola, antes de entrar na sala de aula, passava direto para a sala de mecanografia, o lugar onde fazia cópia de atividades, para “rodar” os questionários. Todas as aulas eram a mesma coisa, ela tinha um livro das disciplinas em especial, vou me reportar à disciplina de História, onde copiava os textos no quadro de giz e depois entregava o questionário na folha para responder. Os alunos não tinham livro. Tinham respostas que ultrapassavam uma lauda ou uma lauda e meia, sendo que no dia da prova era colocado o mesmo questionário e a resposta tinha que ser escrita igual, o aluno precisava decorar e caso faltasse alguma palavra era descontado na nota, ou seja, uma prática mnemônica repetida rotineiramente.

No entanto, quando a professora chegava e passava para a mecanografia, os alunos já ficavam apreensivos com o mimeógrafo, pois sabiam

que vinha os questionários enormes para responder e decorar. E eram duas provas com o mesmo questionário, uma oral e outra escrita. O mimeógrafo se transformou em um objeto que causava pânico e angústia na memória dos estudantes. Por várias vezes, desejavam que quebrasse ou que faltasse o estêncil ou o álcool, na esperança de uma aula diferente, porém, isso não aconteceu no decorrer dos dois anos de atuação desta professora.

Percebe-se também que o Ensino Tradicional proporcionado pela professora que vou chamar de Y, apresentava vários problemas, entre eles, a desmotivação dos alunos com as aulas. Apresentavam bloqueio em determinadas disciplinas a exemplo da História, pois a práxis era baseada num paradigma conteudista, memorizativa, sem reflexão e sem diálogo. Uma prática centrada no professor como dono do saber, que transmitiria o conhecimento aos alunos, e estes, devendo apenas absorvê-los de forma passiva sem nenhuma interação ou participação.

Todavia, considerando as diversas discussões atuais, é possível afirmar que, ensinar não é apenas transmitir conhecimentos e ou informações, aprender não é absorver e decorar conteúdos. O professor deve ser o mediador da informação, capaz de propor caminhos, oportunizar ferramentas para facilitar a aprendizagem e estimular a vontade de aprender do aluno, para que este se interesse e busque seu próprio conhecimento.

O Ensino de História tem uma função relevante na construção da identidade do aluno, que valoriza a sua própria história, a história do lugar de fala e de seu contexto social. Uma história que permite aos alunos compreenderem as suas próprias representações, e ao mesmo tempo, respeitem a diversidade e uma análise crítica. O que faltou na prática da professora Y, que contribuiu não para uma criticidade, mas, para reflexos negativos na memória desta estudante criando bloqueio em relação a aprendizagem de História? Um desses reflexos foi a ligação direta da prática repetitiva da educação tradicional com o mimeógrafo, “supostamente” e “injustamente” o objeto causador de angustia e

desinteresse pelas aulas. Essa realidade se encontra diretamente com o contexto problematizado por Silva:

O ensino de História ainda é predominantemente factual, trabalhando com as tendências narrativas e positivistas, tornando-se, dessa forma, para os alunos um ensino desinteressante, confuso, anacrônico, burocratizado e repetitivo. Vários seriam os adjetivos que poderíamos dar para exemplificar o quadro de ensino desta disciplina, que pouco interesse desperta nos alunos, quer seja nos cursos de graduação, quer seja no ensino fundamental e médio (Silva, 1998, p. 167–176).

Diante dessa situação, o Ensino de História deve assumir um papel importante, procurando desconstruir algumas práticas descontextualizadas, repetitivas, anacrônicas, para que as aulas se tornem significativas e prazerosas. E durante os dois anos (1987 e 1988) não ocorreram mudanças, apenas o conteúdo escrito no quadro e depois a entrega das folhas mimeografadas para responder as questões de acordo com o que estava sendo estudado sem nenhuma modificação ou inferência.

Todavia, nesse período, há de considerar que, a maioria dos professores não possuía formação específica na área, como era o caso da professora Y que ministrava duas disciplinas (História e Geografia) como professora leiga. Talvez a falta de preparo e conhecimento em relação a prática docente possa ter contribuído para o desinteresse dos alunos pela aprendizagem em relação à disciplina. Sobre a falta de preparação do docente e os reflexos na desmotivação do discente, Pinski destaca:

Um professor mal preparado e desmotivado não consegue dar boas aulas nem com o melhor dos livros, ao passo que um bom professor pode até aproveitar-se de um livro com falhas para corrigi-las e desenvolver o velho e bom espírito crítico entre seus alunos. Mais do que o livro, o professor precisa ter conteúdo (Pinsky, 2004, p. 22).

Diante do exposto, uma relação entre professor/aluno no contexto atual, deve ser de forma horizontal. Além disso, é necessário conhecer os sujeitos envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem. Um diagnóstico para entender os motivos pelos quais os alunos estão no ambiente escolar, contribui para uma melhor relação entre professor e aluno, bem como, uma melhor situação de ensino e de aprendizagem em sala de aula. Pensar o caráter formativo da escola e sua intencionalidade vai além dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Assim, o profissional do Ensino de História também precisa criar caminhos para superar o ensino tradicional.

## A ESCOLA COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA

A *Memória* tem a sua origem etimológica no latim e significa a capacidade de reter e/ou readquirir ideias, imagens, expressões e conhecimentos adquiridos anteriormente, reportando-se às lembranças.

A memória é uma faculdade cognitiva extremamente importante porque ela forma a base para a aprendizagem. Se não houvesse uma forma de armazenamento mental de representações do passado, não teríamos uma solução para tirar proveito da experiência (Turkington, 1996, p. 129).

Assim, a compreensão que se tem da memória, varia em diversas épocas e culturas e a escola é um espaço de guarda da memória social em decorrência de sua temporariedade, representa igualmente momentos de aprendizagem ou de bloqueios através de objetos da Cultura Material Escolar utilizados pelos professores, como por exemplo, o mimeógrafo e os demais materiais/recursos didáticos utilizados no cotidiano da professora Y (livro, quadro de giz).

No entanto, a associação negativa em relação ao uso desses objetos, foram responsáveis pela não aprendizagem, uma vez que passaram a serem vistos como algo angustiante, causando bloqueios de aprendiza-

gem em razão das extensas respostas que deveria ser feitas nas folhas mimeografadas durante quase todas as aulas.

Ademais, essa realidade demonstra que a escola enquanto lugar de memória é ao mesmo tempo simbólica e material, e seus registros permitem a construção de uma memória coletiva passível de alterações culturais ou a manutenção de práticas opressoras que não permitem aos sujeitos nela inseridos se libertarem, estando em consonância com as discussões apresentadas pela pesquisadora Debray:

A memória de um país, da família, das épocas, das instituições integram o conjunto a que chamamos de memória social. Os registros, sejam quais forem, permitem o desenvolvimento da cultura, guardam nossa memória coletiva, o que incide sobre a possibilidade de alterações culturais (Debray, 2000, p. 16).

Dessa forma, é através da memória que as informações do passado serão lembradas e vividas no presente, contribuindo para que novas descobertas aconteçam. Assim, a continuidade dos grupos sociais se dá a partir da perpetuação da memória, onde essa representa um acervo acumulado de lembranças e transfere experiências vividas pelas diversas gerações.

A visão de escola, em sua maioria, mesmo diante das novas discussões, continua sendo espaço de reprodução de conhecimentos e não um lugar em que os conhecimentos, as aprendizagens e as experiências sejam uma construção dos próprios alunos com o “aprender fazendo”. Ou seja, nesse espaço dedicado ao ensino, nem sempre o diálogo, a interação e a aprendizagem estiveram/estão “ligadas” ao processo de educar.

Além disso, os alunos expressam suas insatisfações afirmando que, as aulas são chatas, os conteúdos são desinteressantes, as metodologias são muito técnicas com pura repetição do livro didático e a maioria dos professores não fazem uma relação do passado à luz do presente e com as histórias do contexto de vida dos discentes. E aí a vida cotidiana e



o presente vivido em nada se aproximam de um passado inacessível e abstrato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, ensinar e aprender a história do cotidiano do local ao global é parte do processo de (re)construção das identidades individuais e coletivas fundamentais para desenvolver no aluno, atitudes e reflexões enquanto cidadãos críticos. No entanto, muito tem se discutido a forma de se ensinar História nos diversos espaços escolares onde os conteúdos são apresentados de maneira fixa e desconectados das vivências e realidades de vida da maioria sem serem problematizados e muito menos considerados como parte da produção do conhecimento histórico. A pesquisadora Cabrini também compreende essa discussão e corrobora com a ideia ao afirmar que:

A história, que exclui a realidade do aluno, que despreza qualquer experiência da história por ele vivida, impossibilita-o de chegar a uma interrogação sobre sua própria historicidade, sobre a dimensão histórica de sua realidade individual, de sua família, de sua classe, de seu país, de seu tempo. Essa história torna 'natural' o fato de o aluno não se ver como um agente histórico torna-o incapaz de colocar questões ou de perceber os conhecimentos que, a partir de suas experiências individuais, possam ser bases de discussão em sala de aula (Cabrini, 2004, p. 21-22).

Com isso, se trata de uma relação dialógica de vivências e saberes diferentes entre professor e aluno que precisa ser considerado no Ensino de História. O professor não é o dono do saber e o aluno não é uma folha de papel em branco. Faz-se necessário problematizar esses saberes e partir do fato gerador para a condução do conteúdo, respeitando o sujeito de direito e a formação da identidade e da diversidade nos diversos espaços escolares. Ou seja, é um meio para que os

estudantes compreendam o acontecimento histórico o mais próximo de sua realidade, dando a possibilidade de uma interpretação relacionada a sua vivência, pois “quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele mais terá vontade de interagir com ela” (Pinsky, 2004, p. 28).

Portanto, o Ensino de História tem um papel relevante na construção identitária do sujeito e na transformação social que valoriza assim a sua própria história, a história do lugar de fala e de seu contexto social. Permite, assim, que os alunos se compreendam a partir de suas próprias representações.

É desta forma que devemos analisar a História, como uma teia repleta de ramificações que podem ser notadas em diversas áreas do conhecimento, como um processo dinâmico do qual participamos todos nós, onde todos são autores e atores, sujeitos de nossa própria história e da memória dos sujeitos que conosco convivem como afirma Fonseca:

A proposta de metodologia do ensino de história que valoriza a problematização, a análise e a crítica da realidade concebe alunos e professores como sujeitos que produzem história e conhecimento em sala de aula. Logo, são pessoas, sujeitos históricos que cotidianamente atuam, lutam e resistem nos diversos espaços de vivência: em casa, no trabalho, na família etc (Fonseca, 2003, p. 94).

Outrossim, ensinar História dando voz e lugar aos diferentes sujeitos históricos, repensando a metodologia e os objetos de ensino, desafia hoje no século XXI, um paradigma ideológico, homogeneizante e que ainda permanece no tradicionalismo, de auto exclusão, aumentando com isso, a responsabilidade e o compromisso dos que lutam e sonham com uma História Social e Humana. Para Hannah Arendt:

O ato de educar resume-se em humanizar o humano e esse processo não é simples, afinal, educar é uma tarefa árdua.

Cabe aos professores a tarefa de fazer ou tentar fazer uma conexão entre os conteúdos didáticos e essas vivências já citadas aqui e que são de extrema importância para construção identitária do indivíduo. A responsabilidade também fica a cargo das escolas, já que são o ambiente de formação, cabendo-lhes a responsabilidade de despertar nesses indivíduos a curiosidade de novas descobertas (Arendt, 1983, p. 23).

Portanto, de modo geral, o ensino na maioria das escolas ainda tem muito do ensino tradicional, excludente, elitista, dogmático, linear e cartesiano, o que é atribuído também à currículos defasados, escritos por profissionais autoritários e legitimadores de um processo social voltado para as demandas do mercado de trabalho e/ou para a prova do ENEM e vestibulares, causando assim uma interrupção, um bloqueio ou um desencanto e até mesmo reflexos de usos equivocados de um mimeógrafo e de outros objetos da Cultura Material Escolar, por exemplo.

## REFERÊNCIAS

- ALTOÉ, Nair; GASPARINO, João Luiz; NEGRÃO, Maria Tampellin Ferreira; TERUYA, Teresa Kazuko. (Orgs.). *Didática: processos de trabalho em sala de aula*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.
- ARENDRT, H. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- CABRINI, Conceição et al. *O ensino de história: revisão urgente*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DEBRAY, R. *Transmitir: o segredo e a força das ideias*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2000.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de história*. 6. ed. Campinas: Papirus Editora, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1999.
- SAVIANI, D. *Escola e democracia*. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

## REFLEXOS NEGATIVOS DO USO DO MIMEÓGRAFO EM AULAS DE HISTÓ...

SAVIANI, D. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas: Autores Associados, 1997.

SILVA, Edson Armando. Banco de dados e pesquisa qualitativa em história: reflexões acerca de uma experiência. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa-PR, v. 3, n. 2, p. 167–176, 1998.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi; KARNAL Leandro. (org.). **História na sala de aula**: conceitos, práticas e propostas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

TURKINGTON, C. **Melhore sua memória através de seu estilo de vida**. Editora Macmillan, 1996.

# HISTÓRIAS E MEMÓRIAS ESCOLARES DO TEMPO DA PALMATÓRIA

Josiane Alves Ferreira

## INTRODUÇÃO

O presente capítulo é a síntese de alguns momentos importantes da minha vida, que me constituíram como profissional da docência.

Considerando a minha trajetória de vida, foi possível tecer “um bordado” entre a memória e a metamemória no intuito de refletir sobre a trajetória de uma professora de Arte dos Anos Finais do Ensino Fundamental II, residente em Barreiras-BA, em efetivo exercício da docência em articulação com as trajetórias de vida/escolarização, partindo de suas histórias de vida e o processo de memórias e sentimentos, bem como, sobre ter vivenciado uma época pautada no castigo da palmatória no Ensino Primário (hoje chamado de Ensino Fundamental I), tendo, assim, formado as experiências. Revivê-las é como olhar para dentro de nós, compreendendo quem somos e possibilitando mudanças que muitas vezes estão pautadas na capacidade de fazermos análises do uso de determinados objetos da Cultura Material Escolar, como no caso da palmatória.

Deste modo, o objetivo geral do estudo foi o desenvolvimento de uma reflexão teórica sobre a escola, enquanto um local de memórias

e identidades, tomando-se como principal referência as memórias e histórias desta estudante do Colégio Estadual Aparício José da Silva de Angical-BA, matriculada nos anos letivos de 1978 a 1981. A história de vida constitui-se neste estudo como uma ferramenta metodológica para a sua concretização. Além dessas fontes, utilizei também de documentos provenientes de arquivo pessoal autobiográfico e de arquivos históricos de Angical-BA e Barreiras-BA.

O recorte dos excertos posteriormente apresentados, foram escolhidos através das narrativas que remetem ao período da minha infância. Deste modo, convido o leitor a me acompanhar nesta trajetória para conhecer um pouco do que sei acerca da temática “Escola”.

### REPRESENTAÇÕES DA VIDA ESCOLAR

Neste contexto, abordaremos o conceito de escola e o papel fundamental que ela tem na sociedade. Também, traremos atenção ao papel que ela tem segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que foi elaborada pelo Ministério da Educação (MEC) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a importância nos dias atuais. Abordaremos com clareza, algumas práticas que a escola contém quando se fala sobre a importância do seu

Figura 1: Grupo Escolar Aparício José da Silva, 1980



Fonte: Acervo particular do Colégio Estadual Aparício José da Silva, 2022.

papel na sociedade, trazendo o professor, a comunidade e a forma de avaliação como transmissores de normas e valores para os estudantes.

O Colégio Estadual Aparício José da Silva foi construído em 1978, com o intuito de atender o Ensino Fundamental de 1º grau de 1ª a 4ª série, razão pela qual suas dependências físicas apresentam precariedade no funcionamento, uma vez que as quatro 04 salas de aulas existentes, construídas na época de sua criação, não oferecem condições para a demanda de Ensino Médio por serem pequenas, comportando apenas 30 alunos, enquanto a demanda é de 40 alunos por sala de aula.

A fundação da escola foi resultado da necessidade de expandir as instituições de ensino no município em função do crescimento e expansão da zona urbana, pelo então prefeito da época o Sr. Roskilde Oliveira e Silva. A origem do nome da escola é uma homenagem ao seu avô paterno, o Sr. Aparício José da Silva. A intenção era que se criassem mais escolas para atender apenas ao Ensino Primário, depois com a extinção do Colégio Cenecista, que oferecia a modalidade de Ensino Fundamental de 1º Grau, a escola foi ampliada para receber os alunos oriundos destas escolas. A sua trajetória histórica passou por vários momentos, primeiro fundado como Escola de 1º Grau Aparício José da Silva, com o Ato de Criação nº 3986, publicado no D.O de 22 jul. 1988, oferecendo o ensino fundamental de 1ª a 4ª série. Depois passou a oferecer o Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série.

Em 1996, com a publicação da Resolução nº 048/96, Parecer nº 078/96, no D.O de 27/07/96 foi fundado o curso de Magistério com o nome de Colégio Estadual Aparício José Silva. Em 2004, passou a oferecer o Ensino Médio com o Ato de Autorização /Reconhecimento nº 002/04-25, publicado no D.O de 13/20/04.

A escola deve ser para o aluno um lugar especial, que cativa, faz sonhar e desperta o conhecimento, exatamente como considerava o Grupo Escolar Aparício José da Silva. É a mágica que a educação faz em nossas vidas, quando ela é aplicada com essa intenção, e não somente quando ela é desenvolvida sem o compromisso de despertar a realidade do mundo no qual o indivíduo está inserido.

No governo de Eurico Gaspar Dutra, foi criado o Plano para o Desenvolvimento do Ensino Primário no ano de 1946, organizado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, hoje conhecido como Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), que indica a necessidade de criar escolas no Brasil, com uma ênfase maior para às zonas rurais brasileiras. No ano de 1946, o ministro da Educação e Saúde era Ernesto de Souza Campos, que estava mais preocupado em construir escolas do que com a qualidade e condições dessas escolas que atenderia a população escolar brasileira, de modo que visava o quantitativo e deixava o qualitativo em segundo plano. Segundo o ministro Ernesto de Souza Campos, nota-se:

O nosso objetivo principal, nesta primeira fase do programa, é o de construir o maior número possível de pequenas escolas, sem preocupação de estilo arquitetônico, mas que, realmente, se adaptem ao meio brasileiro. Um ligeiro exame dos projetos demonstrará que essas escolas terão custo baixo. Escolas modestas — O plano que o I. N. E. P. elaborou e que será executado imediatamente prevê a construção de escolas disseminadas por todos os Estados. Serão construídas ainda este ano. E para mostrar a simplicidade de que se revestirá o nosso prédio escolar citarei que será feito de tijolo, de adobe, de madeira e, se necessário for, até de pau a pique. Usaremos na cobertura, por exemplo, o material mais adequado pelo preço e pela facilidade de obtenção: telha, eternite, ou palha e sapê. O essencial é fazer escolas para atender à população escolar do Brasil. Escolas para o povo — Porque, continuou o Sr. Ministro, o interesse do Governo é dar ao Brasil a escola do povo, a escola popular, adaptada às condições brasileiras (Campos, 1946, p. 493).

Uma realidade bem atual em relação ao pensamento dos dirigentes brasileiros, quando a questão a ser avaliada é a educação que o país oferece a sua população. O pensamento acima é de um ministro da



educação da década de 1940 do século XX. Hoje estamos na terceira década do século XXI e o ideal direcionado à educação brasileira, por ministros da educação, secretários de educação, tanto na esfera municipal, quanto na estadual, parece ser o mesmo: “construir escolas ou adaptar as existentes, para segundo eles, oferecer uma educação de qualidade à população”. Escolas construídas de qualquer jeito, sem espaço físico adequado, sem recursos para funcionar, recursos estes, humanos e materiais. E eu me pergunto: será a quantidade fator único ou primordial para definir a qualidade?

A escola no decorrer dos séculos vem passando por transformações, mediante fatores como a sociedade de classes, a divisão social do trabalho, o surgimento do Estado, da família e da propriedade privada. E assim, nasce a escola como uma instituição formal que vigora até os dias atuais. Veja o que aduz Gadotti:

A escola que temos hoje nasceu com a hierarquização e a desigualdade econômica gerada por aqueles que se apoderaram do excedente produzido pela comunidade primitiva. A história da educação, desde então, constitui-se num prolongamento da história das desigualdades econômicas. A educação primitiva era única, igual para todos; com a divisão social do trabalho aparece também a desigualdade das educações: uma para os explorados, uma para os ricos e outra para os pobres (Gadotti, 2006, p. 23).

A escola se encaixa perfeitamente nesse argumento de Gadotti (2006), como a instituição que surgiu para atender a demanda de educandos que são menos favorecidos economicamente, ou seja, os mais vulneráveis da sociedade. Essas crianças e adolescentes merecem todo o respeito do sistema educacional brasileiro, a começar com uma educação de qualidade, de modo que não haja negligências quanto à aprendizagem desses alunos, ofertando para eles o que há de melhor nas escolas públicas do Brasil e preparando-os para a vida.

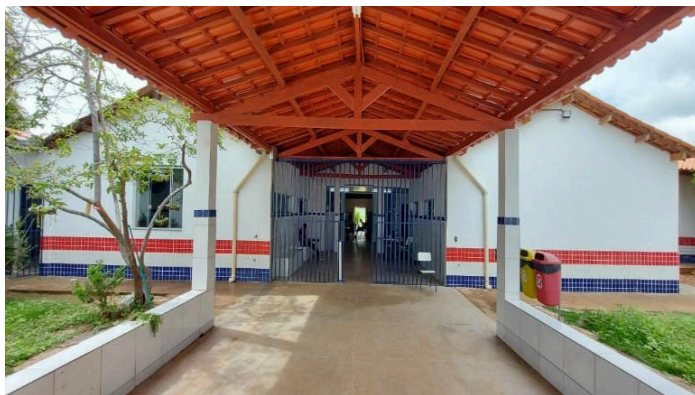
O que a sociedade brasileira precisa é de escolas emancipadoras, promotoras de liberdade e de autonomia para seus estudantes, contribuindo para que os estudantes desenvolvam o senso crítico, o raciocínio, a reflexão. E não, construindo escolas que acabam segregando os educandos, principalmente os que já se encontram em segregação, por causas de suas condições socioeconômicas.

O estudo tem como abordagem principal o eixo memória enquanto elemento essencial, compreendendo que “o resgate” da memória faz com que as professoras dessa escola possam relacionar os acontecimentos da época à sua própria história de vida, suas experiências sociais e suas lutas cotidianas, bem como de outras épocas. Sobre isso Jacques Le Goff, afirma que:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (Le Goff, 1999, p. 423).

A escola armazena grande parte da memória social em decorrência de seu cotidiano e de sua temporariedade, tais como normas; transmissão de valores; uniformes; caminho percorrido até à escola; brincadeiras

Figura 2: Escola Aparício José da Silva — reformada, 2022



Fonte: Acervo particular do Colégio Estadual Aparício José da Silva

e desafios; experiências com o grupo; material didático utilizado e outros acontecimentos que ganham sentido na relação social com o cotidiano. Isso mostra que a escola enquanto lugar de memória é ao mesmo tempo simbólica e material.

Nesse contexto, o atual Colégio Estadual Aparício José da Silva, loco da referida pesquisa, com seu prédio novo e reformado, ostensivo para cidade, atualmente com o Ensino Médio, serve como “documento” dos acontecimentos passados, que refletem valores de uma época resguardados, não violável, pois conserva em sua atuação ritual de origem da sua criação, como por exemplo, o uso diário da farda, de grande importância, a forma antes do início da aula para rezar pedindo e agradecendo a Deus, a entoação do Hino Nacional, atos acontecem no pátio principal da escola remetendo aos pais que por ali passam a um reavivamento da memória retomada naquele ritual simbólico. Dessa maneira, a escola como lugar de memória se apresenta de forma material e simbólica.

Os lugares de memória de acordo com Nora (1993), “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea nas sociedades atuais, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais“, pois a aceleração do tempo nos faz esquecer ou desconsiderar o passado:

São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivo, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio que parece um exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal é serve, periodicamente, para

uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (Nora, 1993, 21–22).

Para Pierre Nora, os lugares de memória são, primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social pode ser apreendida pelos sentidos ou pode adquirir a função de alicerçar memórias coletivas, em lugares simbólicos à memória coletiva — vale dizer, essa identidade — se expressa e se revela. Vale ressaltar que guardo até hoje lembranças da época que iniciei meus estudos no Grupo Escolar Aparício José da Silva.

A aluna Josiane, hoje professora da Rede Municipal de Barreiras-BA, iniciou com tanto prazer a 1ª série do Ensino Primário com a professora chamada Agnilza. Na escola havia muita disciplina e respeito ao professor, era necessário levantar a mão e aguardar a vez para falar. Eu era muito tímida e ainda sou... havia muitos alunos, um auxiliando os outros e todos demonstravam muito interesse pela aprendizagem.

Sempre tive muita vontade de estudar e nessa época, morava com os meus avós. Como não tinha a idade para estudar na escola regular, meus avós colocaram em uma escolinha de reforço multisseriada para aprender a ler e escrever através do ABC. Quando completei os 7 anos em 1978, fui matriculada no grupo escolar Aparício José da Silva, onde pude realizar um dos meus sonhos que era estudar na escola. Uma das lembranças marcantes dessa época, era sempre no momento de ir para a escola, não tínhamos em casa o relógio para sabermos a hora certa de ir para escola, mas, a minha vó (descendentes de indígenas de Angical-BA), sabia sempre o horário de ir para escola, através do tempo e da sombra na calçada de casa. Eu ficava admirada porque ela sempre acertava o horário.

Quanto às memórias das práticas pedagógicas, as memórias da forma como o livro didático era utilizado em sala de aula, remetia à lembrança dos questionários de pergunta e resposta propostos. Os professores, geralmente começavam a aula explicando as atividades que seriam desenvolvidas, utilizavam folhas de “papel almaço carbonado”

com tarefas e exercícios ou se utilizavam o quadro verde para indicar a “lição” para os alunos de cada série.

Para Catani (1997) o trabalho com relatos autobiográficos ou histórias de vida é um recurso metodológico que tem um potencial bastante fecundo, uma vez que “favorecem o redimensionamento das experiências [...] e das trajetórias [...] e tendem a fazer com que se infiltrem na prática atual” (Catani, 1997, p. 18).

Segundo Souza (2006), existem diversas terminologias no campo da abordagem biográfica de professores. Na área de educação adota-se a história de vida, especificamente o método autobiográfico e as narrativas de formação como uma dinâmica de pesquisa formação. Para o autor:

O entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral escrito, recolhido através de entrevista [...] objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstruir processos históricos e entrelaces vividos pelos sujeitos nos diferentes contextos (Souza, 2006, p. 24).

Assim, referentes esses dados nas histórias de vida podem ser, segundo Souza (2006), agrupados em duas dimensões: documentos pessoais (autobiografias, diários, cartas, fotografias, dentre outras) e entrevistas autobiográficas (orais ou escritas). Nesta pesquisa, utilizamos tanto a dimensão dos documentos pessoais como fotografias, cadernos de atividades e livros didáticos utilizados pelos interlocutores no processo pedagógicos e também a entrevista (auto)biográfica oral, com auxílio de gravador para fidelidade no processo de análise e interpretação dos dados (Queirós, 1988, p. 19).

## MEMÓRIAS, RESISTÊNCIAS E PUNIÇÕES – A AUTORA E A OBRA

Embora as pesquisas que tomem por fontes memórias da infância, objetos da Cultura Material Escolar e suas intersecções escassas, o uso da literatura memorialística e/ou autobiográfica nas pesquisas em história da educação tem sido recorrente de duas décadas para cá no Brasil. Porém, o texto memorialístico certamente nos oferecerá um panorama do objeto a ser compreendido. Um deles é essa relação entre a Cultura Material Escolar para o estudo das marcas que os objetos da sala de aula deixaram na vida de adultos que quando crianças frequentaram as escolas do Ensino Primário. Assim, compreende-se, que a memória parece ser infinita e o ato de rememorar obriga o corpo e a mente a fazer viagens entre passado e presente, atribuindo novos significados ao que é lembrado.

Figura 3: Palmatória usada no Ensino Primário



Fonte: <https://www.newsrondonia.com.br/noticia/190574-onde-se-fala-da-palmatoria-e-da-palmada-por-humberto-pinho-da-silva/>.

Acesso em 13 nov. 2022

O texto memorialístico aqui escolhido intitula-se como “*A lembrança triste da Palmatória*” e constitui-se num conjunto de reminiscências de Josiane Alves Ferreira, mais conhecida como Josi (autora 1). Nascida em Angical, em 1971, cidade pequena e antiga da Bahia, viveu ali até 1985, quando se mudou para Barreiras a fim de dar prosseguimento a seus estudos na Escola Polivalente Alexandre Leal Costa. Em 1985, fixou-se em Barreiras-BA, cidade onde desenvolveria sua carreira profissional como Professora de Arte da Rede Municipal de Educação. Embora tenha praticado a maior parte de suas atividades em outro local, nunca perdeu contato com terra natal. Ao recordar a minha história na Escola primária Aparício José da Silva em Angical-BA, inicia assim:

Em uma cidade pequena da Bahia, onde morava com meus avós que tinham uma preocupação com a minha educação escolar, resolveram colocar numa escolinha de reforço até completar os meus 7 aninhos para iniciar meus estudos na escola primária, isso porque tinha muita vontade de estudar (Aprender a ler e escrever).

Iniciei meus estudos numa escola primária (Escola Aparício José da Silva) que tinha apenas quatro salas, estudei nessa escola durante quatro anos, (1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série) do Ensino Fundamental, sendo que nesses quatro anos a professora sempre foi a mesma, sempre muito exigente, usava de métodos coercitivos em atividades avaliativas, principalmente nas aulas de Matemática. Era utilizada a palmatória nos estudantes da classe no momento da tabuada, não podíamos errar que éramos castigados pelos colegas que acertasse a resposta...saíamos no dia dessa aula, com as mãos vermelhas, porque os colegas batiam com muita força e ainda sorriam e as vezes zombavam dos outros colegas. Tinham colegas que faltavam no dia da aula de Matemática/tabuada.

Nesse relato, refiro à escola primária que estudei por quatro anos (1978-1981), na qual mostra a postura da professora perante os erros de seus alunos. É possível perceber que a opção encontrada por ela era punir e castigar fisicamente as crianças para quem sabe, prestar mais atenção, e na próxima tentativa acertar. Na experiência relatada, existia

a palmatória como instrumento utilizado para efetivar o castigo, mas além desse existia, também, as carteiras, os livros, o quadro de giz e outros objetos que faziam parte da cultura escolar daquele tempo histórico” (Aragão; Freitas, 2012, p. 25).

A variedade de instrumentos e objetos que podiam ser utilizados para castigar os discentes, ficava de acordo com a criatividade do professor. Os castigos tinham o objetivo de corrigir os desvios cometidos pelos alunos e, na falta de qualquer objeto disciplinador, também poderiam ser utilizadas outros meios coercitivos.

Dentre as coisas “erradas” que os alunos não podiam fazer, recordo que “as carteiras eram todas certas, às vezes a gente ia dar uma olhadinha e elas já gritavam: “eu nunca vi alunos com os olhos tão afiados”. Nesse sentido, Foucault aponta que “a disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações” (Foucault, 1994, p. 125). Assim, o sistema criava um padrão e eliminava distorções.

Enfim, no fragmento, percebemos como estava e como deveria se portar o professor em sala de aula, realidade muito diferente do que se tem encontrado em estudos e pesquisas, uma vez que existem alunos que relatam em suas falas que tinham medo de falar, de fazer algo errado e, por isso mesmo, geralmente, mantinham-se no silêncio. “Eu”, ainda nos dias de hoje sendo professora de Arte, sempre possuo o medo de falar em público, mesmo sendo uma professora.

Assim, compreendo que pelas nossas memórias, deixamos nossa marca na história, são elas que ampliam a nossa reflexão e historicizam o processo no seu movimento, na pulsação da ação real contribuindo para a conquista do objetivo esperado. O início da vida escolar também foi lembrado com muito carinho. Lembranças boas e momentos difíceis foram revelados e reafirmados. Além dos fragmentos de história de vida que trazem as marcas do processo de vida e formação, a prática de escrever sobre a experiência vivida, sobre a prática exercida, as dúvidas e os desafios enfrentados no processo pessoal de aprendizagem é uma



experiência rica, complexa e necessária, pois propõe a tematização da prática para torná-la objeto de reflexão.

A memória por ser uma ação do tempo presente depois da ação, implica em uma discussão reflexiva do que afetou, do que tocou na ação realizada para que possa ser redimensionada até mesmo sobre as marcas dos castigos à base da palmatória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*De tudo que está escrito, eu amo somente aquilo que o homem  
escrever com seu próprio sangue*

— Nietzsche

Assim são escritas as nossas trajetórias de vida, com o sangue que corre, com a pulsação da vida, com as verdades reveladas em palavras de medo, desejo, sonhos e vitórias construídas passo a passo. Memórias de um novo caminhar, construído a partir de reflexões, avaliações e observações registradas em nosso lugar de fala que se constituiu para a docência.

A reflexão é uma ação libertadora e transformadora porque instrumentaliza o sujeito para o exercício do pensar para descobrir novos caminhos, detectar novas possibilidades e reconstruir o percurso. É no exercício da reflexão, inclusive sobre objetos da Cultura Material Escolar que deixamos nossas marcas, registrando pensamentos, sonhos, desejos, acertos e erros construídos no caminhar. Através dos fragmentos de história de vida e memórias revivemos e reconfiguramos o nosso fazer, pois são eles a extensão da nossa ação, do nosso movimento do fazer/construir. Para não concluir e sim abrir para novas histórias de vida-formação, apresentamos os fragmentos, reflexo do caminhar dos sujeitos, lembranças boas e ruins, que precisam ser lembradas para não esquecer, repetir e não repetir, dependendo do que for.

Inicialmente, considereei como um desafio narrar parte de minha história educacional, mas ao concluí-lo sinto que foi também algo

gratificante. Especialmente porque temos muitas coisas alegres e felizes que vivemos no passado. Essas sim merecem uma recordação constante. Mesmo os momentos de tristezas e dificuldades podem ser proveitosos depois que a situação passa, servindo de exemplo para não fazer. E quão bom é superar uma situação difícil. Em toda essa trajetória, conheci várias pessoas e lugares e fiz muitas amizades.

E voltar a esse passado foi fantástico, pois abri a porta e rebusquei lembranças das coisas que já tinham caído em total esquecimento, lembrei de coisas prazerosas. Mas o passado tem um papel fundamental no presente, pois pude fazer uma análise da minha vida estudantil de antes com a de agora.

Este momento é a oportunidade do desabafo de uma profissional frente a si mesma e a sua circunstância, quem sou, como fui, os desafios em me tornar novamente uma cursista, estudante especial e depois regular do curso de Mestrado pela UFOB (Universidade Federal do Oeste da Bahia), quais foram as dificuldades na trajetória antes de iniciar este curso, os ensinamentos que estão sendo adquiridos qual o meu sentimento em relação à minha profissão.

Escrever estes fragmentos de história de vida é como uma oportunidade de resgatar do meu passado lembranças esquecidas que marcaram até mesmo fisicamente, e que a maioria delas são marcadas por fatos inesquecíveis, é um trabalho dirigido as minhas lembranças e as expectativas futuras, com certeza foram um grande desafio.

As memórias nascem de uma ação refletida para ser transformada, é exatamente esta a intenção: refletir e avaliar cada ação realizada para aperfeiçoá-la e redimensioná-la de forma cuidadosa e bastante responsável. Como revela Moita apud Nóvoa (1994) na história de vida é possível perceber como cada sujeito, permanecendo ele próprio, se transforma, apesar dos efeitos do uso da palmatória sobre as nossas vidas.

## REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecéa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 4 de nov. 2021.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo, Editora Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos; 20).
- BRASIL. Lei n 1010172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br> Acesso em: 5 dez. 2022
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 5 dez. 2022.
- CATANI, D. B. *et al.* História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: CATANI, D. B. (org.) **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. (orgs.) **Autonomia da escola: princípios e propostas**. 5. ed. São Paulo: Editora Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002. (Guia da escola cidadã; v. 1). [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2021/Decreto/D10656.htm#art53](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Decreto/D10656.htm#art53). Acesso em: 5 dez. 2022.
- HALBAWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- KENSKI, V. M. Memória e ensino. **Cadernos de pesquisa**. n. 90. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Cortez Editora, ago. 1994. p. 45-51.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo, Editora da Unicamp, 1996.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. **Projeto História**, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1994.
- NOBRE, Francisco; SULZART, Silvano. O papel social da escola. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 3, n. 8, p. 103-115, 2018.

## HISTÓRIAS E MEMÓRIAS ESCOLARES DO TEMPO DA PALMATÓRIA

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: Uneb, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, M. do A. H. da. **História e memória das primeiras instituições escolares de José de Freitas-PI (1928–1971)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Teresina, 2012.

THOMPSON, E. P. **A voz do passado, história oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

# SOBRE OS ORGANIZADORES E AUTORES

## ORGANIZADORES

**Ana Maria Senac Figueroa** Pós-doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora Adjunta na Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Graduada em Ciências Biológicas. Professora do Curso de Ciências Biológicas e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Coordenadora de Área do Subprojeto Biologia, PIBID/Capes na UFOB. Atua na área de Educação, com ênfase em Biologia, Ensino de Biologia, Ensino de Ciências, Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado, Educação em espaços não formais/ Museus de Ciências.

**Anderson Dantas da Silva Brito** Doutor em Educação; Mestre em História; Licenciado e Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Ensino de História, Estágio Supervisionado e Práticas de Ensino no Curso de História da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Professor no Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE/UFOB), linha de pesquisa: Ensino, Memória e Identidade. Coordenador de Área do Subprojeto de História do PIBID/UFOB. Tem experiência como Coordenador do Curso de Licenciatura em História. Desenvolve pesquisas nas áreas/temas: Ensino de História e Estágio Supervisionado; Ensino de História e História Regional e Local; Práticas de Ensino; Ensino de História e Currículo; História da Educação; Formação de Professores-pesquisadores; Toponímia brasileira. É autor/organizador das obras *Corografia e Produção Espaço-Identitária do Rio Grande do Norte*; *Entre museus e arquivos: contribuições para pesquisas e práticas sobre ensino*; *Memó-*

rias de Ensino: Identificações com o lugar de fala docente; Memórias de Ensino: Experiências com o lugar de fala docente. Associado ANPUH e ABEH.

## AUTORES

**Acácia Roberta Silva de Lima** Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE/UFOB) na linha de pesquisa 2: Ensino, Memória e Identidade; Especialista em Gestão da Inovação Tecnológica e Social — UFBA (2014), Licenciada em Sociologia — FACIBA (2015). Graduada em Administração — FABS (2009). Atualmente, professora de Sociologia em turmas de primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino médio, na Secretaria de Educação da Bahia (desde 2013) no Colégio Estadual Bento Alves das Neves em São Desidério-BA.

**Danielle Lima Almeida** Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGCHS/UFOB). Licenciada em História também pela UFOB. Realiza pesquisas voltadas principalmente para a História, para a autoafirmação identitária e para o empoderamento da mulher negra.

**Deijanete Pereira da Silveira Santos** Mestranda em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE/UFOB) na linha de pesquisa 2: Ensino, Memória e Identidade; Especialista em Docência do Ensino Superior — FJC (2010) e Mídias na Educação — UESB (2022); Graduada em Pedagogia — UNEB CAMPUS IX (2009), Licenciada em História — UFBA (2015); Bacharel em Direito — UNIFASB (2021).

**Douglas Novais da Silva** Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE/UFOB) na linha de pesquisa 2: “Ensino, Memória e Identidade”; possui graduação em Licenciatura em História pela UFOB. Desenvolve

pesquisas sobre Ensino de História, Historiografia da Bahia e Educação Escolar Quilombola.

**Eunícia Almeida de Souza** Mestranda em Ensino no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE-UFOB) na linha pesquisa 2: Ensino, Memória e Identidade. Graduada em Letras e Pós-graduada em Linguística pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduada também em Direito e Pós-graduada em Direito Contemporâneo pela Associação Educacional Unyahna. Professora dos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Redação da rede municipal de Barreiras (Oeste da Bahia). Tem experiência em gestão escolar e interesse por pesquisas voltadas para o Ensino do Léxico, Identidade e a obra da escritora Conceição Evaristo.

**Gilsinei de Jesus Pereira** Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS/UFOB), da Universidade Federal do Oeste da Bahia, na linha de pesquisa, Cultura e Poder. Membro do Grupo de Pesquisa Corpus Possíveis (CEHU/UFOB) (2024). Especialista em Educação Digital pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) (2024). Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Oeste da Bahia-UFOB (2015). Especialista em Geografia e Meio Ambiente pela Faculdade de Patrocínio-FAP. Atualmente é efetivo da Prefeitura Municipal de Luís Eduardo Magalhães.

**João Caetano de Souza** Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE/UFOB) na linha de pesquisa 2: “Ensino, Memória e Identidade”; Tem Especialização em Gestão Educacional pela Faculdade São Salvador (2016) e Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Faculdade do Noroeste de Minas (2012); é Licenciado em Letras Português/Espanhol pela Universidade do Tocantins (2011) e Normal Superior pela Universidade Estadual do Piauí (2005). É efetivo das redes estadual e municipal de ensino desde 2002, atuando como professor de Língua Portuguesa para o Ensino Médio, no Colégio Estadual do Campo Veronildo Mendes Pereira e Inglês na Escola Municipal Padre José de Anchieta,

ambas no Povoado de Lagoa Clara, município de Baianópolis-BA. Tem experiência na área de Educação, trabalhando na Educação Infantil e Ensino Fundamental I (Escola Municipal Senhor do Bonfim — até 2010), atualmente, no Ensino Fundamental II, e Ensino Médio. Exerceu nas duas escolas acima o cargo de gestor escolar entre 2013 e 2019.

**Josiane Alves Ferreira** Mestranda em Ensino no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Oeste da Bahia (PPGE-UFOB) na linha pesquisa 2: Ensino, Memória e Identidade. Graduada em Pedagogia (1999) e Artes Visuais (2014) pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Especialista em Arte e Educação: Ênfase em Musicoterapia (Faculdade Montenegro); Docência do Ensino Superior: A Universidade no contexto atual (Faculdade Montenegro); História do Brasil, Política e Sociedade: Ênfase em Cultura Afro-Brasileira (Faculdade Montenegro). Professora de Arte do Centro Educacional Sagrado Coração de Jesus, Barreiras-BA. Possui experiência na área de Artes, com ênfase em Artes Visuais e desenvolve atividades como elaboração de projetos em escolas da rede municipal de Educação. Atuou na subcomissão para elaboração do Documento Curricular Referencial de Arte da Rede Municipal de Barreiras-BA.

**Lucileide Barbosa Dantas Moreira** Licenciada em Letras/Português pela Universidade Estadual do Piauí (2005), tem especialização em Gestão Escolar, Orientação e Supervisão do Trabalho Pedagógico pela FACINTER/Ead (2008). Desenvolve pesquisas sobre a história da identidade local de seu município e atua na rede básica de ensino de Formosa do Rio Preto-Bahia.

**Uires Augusto Gonçalves de Carvalho** Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Luis Eduardo Magalhães (2008). Pertence ao magistério municipal de Riachão das Neves-BA.





Editora Biblioteca Ocidente  
LIBRUM LUX MUNDI